

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**

**TALLES RANGEL RODRIGUES**

**Elementos para uma História Social do Campo Científico da Comunicação  
Organizacional e Relações Públicas (2001-2015)**

**SÃO PAULO  
2017**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**

**TALLES RANGEL RODRIGUES**

**Elementos para uma História Social do Campo Científico da Comunicação  
Organizacional e Relações Públicas (2001-2015)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida Ferrari, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

**Área de Concentração:** Interfaces Sociais da Comunicação

**Linha da Pesquisa:** Políticas e Estratégias de Comunicação

**São Paulo  
2017**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Rodrigues, Talles Rangel, Talles Rangel Rodrigues  
Elementos para uma História Social do Campo Científico da  
Comunicação Organizacional e Relações Públicas (2001-2015) /  
Talles Rangel Rodrigues Rodrigues, Talles Rangel. -- São  
Paulo: T. R. R. Rodrigues, Talles Rangel, 2017.  
134 p.: il.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em  
Ciências da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes /  
Universidade de São Paulo.

Orientadora: Maria Aparecida Ferrari Ferrari, Maria  
Aparecida  
Bibliografia

1. Comunicação Organizacional 2. Relações Públicas 3.  
História Social das Ciências 4. Campo Científico 5.  
Epistemologia I. Ferrari, Maria Aparecida, Maria Aparecida  
Ferrari II. Título.

CDD 21.ed. - 302.2

RODRIGUES, Talles Rangel. Elementos para uma História Social do Campo Científico da Comunicação Organizacional e Relações Públicas (2001-2015). Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_/2017

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Maria Aparecida Ferrari (ECA-USP)  
Presidente da Banca

---

Profa. Dra. Margarida Maria Krohling Kunsch (ECA-USP)  
Membro Interno

---

Profa. Dra. Maria Amélia Mascarenhas Dantes (FFLCH-USP)  
Membro Externo

---

Prof. Dr. Fábio França (PUC-SP)  
Membro Externo

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus familiares, os quais são representados na figura de minha avó Maria José, carinhosamente chamada de Yeye, a quem escrevo em memória. Pelas vicissitudes de seu entorno não estudou quando jovem. Em razão do alcoolismo que acometeu meu avô, ela foi mãe e pai de minha mãe e meus tios. Foi “chefe de família”. Costurou... cozinhou... para que os pequenos pudessem estudar. Já em sua senilidade entendeu que ainda tinha o vigor e o direito de estudar. Assim o fez. Nas paredes de minha memória ficaram aqueles vesperais momentos em que me levava para acompanhá-la nas aulas. No rarefeito silênciar de sua voz ressoa estridente e vivaz seu legado...

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho, mais do que a finalização de um estudo, é a materialização de uma trajetória. Um percurso com muitas vicissitudes e assimetrias e, acima de tudo, muito aprendido. Nessa caminhada tive a satisfação de dar aulas durante todo o período do mestrado. Atravessei o Atlântico e fui a Paris para continuar aprendendo. Passei inúmeras madrugadas acordado para conciliar o trabalho na Redação da Rede Bandeirantes de Televisão, chegando a ficar quase quarenta horas acordado. Nesse derradeiro momento da trajetória que se aproxima do fim, não poderia deixar recordar o carinho de algumas pessoas e instituições que fizeram com que a parte árdua fosse menos penosa e, certamente, fizeram com que os momentos agradáveis fossem inesquecíveis.

É com muito carinho que agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Maria Aparecida Ferrari. Sem seu apoio, sabedoria e confiança eu certamente não teria chegado onde pude chegar. Nas veredas de minha memória certamente ficarão grafadas as lembranças de nossas conversas, de nossas aulas, das risadas, dos almoços na FEA-USP e, sobretudo, por nos instigar sempre a caminhar e conhecer novos horizontes.

Profa. Dra. Maria Amélia Mascarenhas Dantes seu legado de mais de meio século como docente da USP nos inspira a tentar fazer igual. Com a mesma maestria, inteligência e simplicidade. Foi um prazer poder estudar História das Ciências contigo, cátedra que criaste na FFLCH ainda na década de 1970.

Profa. Dra. Margarida Maria Krohling Kunsch minha admiração por ti é interminável.

Profa. Dra. Cremilda Celeste de Araújo Medina ainda me lembro de quando nos conhecemos. Desde então meu encanto só aumentou. Obrigado por semear o diálogo dos afetos. A senhora representa o melhor das tradições de nossa escola para nós que chegamos depois.

Profa. Dra. Wanda Maria Risso Günther minha caminhada no mestrado não seria completa sem os seus ensinamentos sobre metodologia. Obrigado pela acolhida, pelo carinho durante minha permanência na Faculdade de Saúde Pública da USP.

Profa. Dra. Sidinéia Gomes Freitas obrigado pela pronta e preciosa colaboração com minha pesquisa. Grato por compartilhar as memórias da edificação da pesquisa em Comunicação no Brasil.

Prof. Dr. Fábio França obrigado pela vespéral recepção em sua casa na ocasião de nossa entrevista que se transformou numa terna conversa sobre as vicissitudes, problemas e desafios do campo das Relações Públicas.

Profa. Dra. Heloíza Helena Matos meu trabalho certamente teria menor substrato se não fosse pelo seu brilhante relato acerca dos estudos de Comunicação Pública, Política, Estatal e Governamental.

Profa. Dra. Nicole D'Almeida, ser recebido na Sorbonne pela senhora foi um grande diferencial não só para os estudos, mas como experiência de vida. *Merci Beaucoup!*

Aos meus amigos Gean Gonçalves, Ricardo Sales, Tariana Machado, Denise Pragana, Juliana Wruck, Ana Cristina Piletti, Valdete Cecato, Leila Gasparindo e Melissa Cerozzi, Regina Abravanel e Liana Milanez meu percurso no mestrado seria menos alegre se não tivesse o companheirismo de vocês.

Sou grato ao diretor executivo de jornalismo da Rede Bandeirantes de Televisão, André Luiz Costa, por me conceder afastamento total e remunerado de minhas funções para a ida para França.

Agradeço à presidência do Grupo Bandeirantes de Comunicação, especialmente à Neusa Yukie Kitamura Kakinoki por todo apoio, principalmente nos detalhes de meu afastamento para o período em Paris.

Obrigado aos meus colegas de trabalho da chefia de reportagem da Rede Bandeirantes, especialmente, ao Alexandre Toledo que me substituiu nas madrugadas no tempo em que estive em Paris.

Aos meus companheiros de Redação Hellen Sant'Anna, Danilo Silva e Karina Cordeiro. Guerreiros das madrugadas.

Aos meus amigos e mestres Prof. Dr. Aguinaldo José Gonçalves, Profa. Dra. Maria da Graça Bernardes e Silva e Profa. Dra. Elisabeth Kimie Kitamura obrigado pela amizade. Com vocês aprendi os primeiros passos. Não me esquecerei jamais. Estejam certos.

Minha grande amiga Luana Soares de Souza. Nossa amizade nasceu em Cuiabá e floresceu em São Paulo. Obrigado, obrigado pela poesia da convivência, pela poética do aprendizado.

Aos meus familiares, papai Vilmar, mamãe Vilma e meu irmão Thiago, obrigado pelo apoio incondicional e principalmente pela compreensão de minhas ausências. Não foi fácil, mas sabemos que valeu a pena! As palavras de incentivo quando as forças já quase se esvaneciam foram a força motriz da continuidade.

À Universidade de São Paulo, principalmente à Escola de Comunicações e Arte, à Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas e à Faculdade de Saúde Pública. Esse percurso não seria possível sem as acolhidas dessas unidades.

Agradeço ainda a todas as pessoas e instituições que fizeram parte dessa caminhada e ora foram traídas pela minha memória.

## RESUMO

RODRIGUES, Talles Rangel. **Elementos para uma História Social do Campo Científico da Comunicação Organizacional e Relações Públicas (2001-2015)**. 2017. 134f. Dissertação (Mestrado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Esta dissertação faz um estudo longitudinal sobre a produção científica da linha de pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo no interstício de 2001 a 2015. O objetivo geral da pesquisa buscou compreender de que modo o campo científico da Comunicação Organizacional e Relações Públicas se inter-relacionava com seu tempo histórico. O *corpus* da pesquisa foi constituído por trinta e nove teses de doutorado. Os objetivos específicos foram identificar todas as temáticas de pesquisa que emergiram no recorte delimitado, além das metodologias utilizadas na teses. O estudo fez uma abordagem quantitativa na primeira fase na qual foram compilados e tabulados os dados das temáticas e das metodologias. A segunda fase foi de abordagem qualitativa na qual foram realizadas quatro entrevistas semi-estruturadas com os atores sociais que acompanharam a emergência e a consolidação do campo científico da comunicação organizacional e relações públicas. A amostragem dos dados foi agrupada em três quinquênios que permitiu delinear três matrizes de análises. O estudo concluiu que as temáticas emergidas no recorte selecionado mantêm uma visceral relação com o tempo histórico em que está circunscrito.

**Palavras-chave:** Comunicação Organizacional, Relações Públicas, História Social das Ciências, Campo Científico, Epistemologia.

## ABSTRACT

RODRIGUES, Talles Rangel. **Elementos para uma História Social do Campo Científico da Comunicação Organizacional e Relações Públicas (2001-2015)**. 2017. 134f. Dissertation (Masters). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

This dissertation makes a longitudinal study on the scientific production of the research line Policies and Communication Strategies of the Post-Graduate Program in Communication Sciences of the University of São Paulo in the interstice between 2001 and 2015. The general objective of the research sought to understand that the scientific field of Organizational Communication and Public Relations was interrelated with its historical time. The *corpus* of the research consisted of thirty-nine doctoral theses. The specific objectives were to identify all research topics that emerged in the delimited cut, in addition to the methodologies used in theses. The study did a quantitative approach in the first phase in which data on the themes and methodologies were compiled and tabulated. The second phase was a qualitative approach in which four semi-structured interviews were conducted with the social actors that accompany the emergence and consolidation of the scientific field of organizational communication and public relations. Data sampling was grouped in three quinquennia that allowed to delineate three analysis matrices. The study concluded that the emerging issues in the selected clipping maintains a visceral relation with the historical time in which it is circumscribed.

**Keywords:** Organizational Communication, Public Relations, Social History of Sciences, Scientific Field, Epistemology.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Operacionalização da Ciência para Kuhn	27
<b>Quadro 2</b> – Programas de Pós-graduação em Comunicação na década de 1970	35
<b>Quadro 3</b> – Modelos de Relações Públicas Identificados por Grunig e Hunt	46
<b>Quadro 4</b> – Desenvolvimento Científico das Relações Públicas	48
<b>Quadro 5</b> – Síntese da Obra de Cândido Teobaldo de Souza Andrade	55
<b>Quadro 6</b> – Desenvolvimento das Associações de Relações Públicas	56
<b>Quadro 7</b> – O Arcabouço Básico da Rede Teórica de Porto Simões	59
<b>Quadro 8</b> – Histórico de Publicações da Organicom	63
<b>Quadro 9</b> – Amostra Aleatória de Teses do Primeiro Quinquênio (2001-2005)	79
<b>Quadro 10</b> – Amostra Aleatória de Teses do Segundo Quinquênio (2006-2010)	79
<b>Quadro 11</b> – Amostra Aleatória das Teses do Segundo Quinquênio (2011-2015)	79
<b>Quadro 12</b> – Temáticas Primárias no Primeiro Quinquênio (2001-2005)	88
<b>Quadro 13</b> – Temáticas Secundárias no Primeiro Quinquênio (2001-2005)	89
<b>Quadro 14</b> – Temáticas Primárias no Segundo Quinquênio (2006-2010)	96
<b>Quadro 15</b> – Temáticas Secundárias no Segundo Quinquênio (2006-2010)	97
<b>Quadro 16</b> – Temáticas Primárias do Terceiro Quinquênio (2011-2015)	97
<b>Quadro 17</b> – Temáticas Secundárias no Terceiro Quinquênio (2011-2015)	98
<b>Quadro 18</b> – Recorrência da Temática da Comunicação Pública entre as teses	107

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Amostra em Números Totais de Mulheres e Homens Titulados	83
<b>Gráfico 2</b> – Gênero dos Discentes Titulados no Primeiro Quinquênio	85
<b>Gráfico 3</b> – Gênero de Discentes Titulados no Segundo Quinquênio	85
<b>Gráfico 4</b> – Gênero de Discentes Titulados no Segundo Quinquênio	86
<b>Gráfico 5</b> – Abordagens Metodológicas Empregadas no Primeiro Quinquênio (2001-2005)	94
<b>Gráfico 6</b> – Procedimentos Metodológicos Usados no Segundo Quinquênio (2006-2010)	104
<b>Gráfico 7</b> – Procedimentos Metodológicos Usados no Terceiro Quinquênio (2010-2015)	104
<b>Gráfico 8</b> – Ranking das Metodologias que Aparecem nos Três Quinquênios	105
<b>Gráfico 9</b> – Metodologias que se Repetem em Apenas Dois Quinquênios	106
<b>Gráfico 10</b> – Metodologias que Não se Repetem na Amostra	106

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Amostra em Números Totais de Mulheres e Homens Titulados	84
<b>Tabela 2</b> – Dados de Defesa de Mestrado entre 2000-2015 no País	84

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - POR UMA DIALÉTICA EPISTÊMICA DO MÉTODO .....	13
1 ELEMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS: TENSIONAMENTOS SOCIAIS PARA INVESTIGAÇÕES NO CAMPO CIENTÍFICO DA COMUNICAÇÃO .....	18
1.1 POR UMA HISTÓRIA SOCIAL DAS CIÊNCIAS: APORTES PARA AS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO.....	20
1.1.1 Por uma História Social da Ciência: Bruno Latour, da vida em laboratório a uma ação da ciência .....	22
1.1.2 Por uma História Social das Ciências: Thomas Kuhn entre a revolução e o dogma.....	25
1.2 HABITUS E CAMPO CIENTÍFICO: TENSIONAMENTOS DAS CATEGORIAS SOCIOLÓGICAS DE PIERRE BOUDIEU NOS ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO .....	28
1.3 PESQUISA EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO: A ECA À GUISA DE CINCO DÉCADAS DE INVESTIGAÇÕES .....	35
1.3.1 Lopes: à guisa de um estatuto disciplinar ou de um modelo metodológico .....	36
1.3.2 Braga: a transversalidade epistemológica e a restauração da questão da Comunicação como ciência .....	39
2 DAS ITINERÂNCIAS ÀS TRAVESSIAS DE UM CAMPO CIENTÍFICO: O LEGADO DA COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E DAS RELAÇÕES PÚBLICAS .....	42
2.1 RELAÇÕES PÚBLICAS: TENSIONAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS.....	43
2.2 O LEGADO BRASILEIRO: TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS E PROFISSIONAIS.....	50
2.2.1 Eduardo Lobo: o desafio da implantação da profissão de Relações Públicas .....	50
2.2.2 Cândido Teobaldo: a pesquisa e o campo acadêmico em Relações Públicas .....	52
2.3 PORTO SIMÕES: DA REDE TEÓRICA À MICROPOLÍTICA .....	58
2.4 EU, TU, ELA, NÓS, VÓS, ELAS: O LEGADO FEMININO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO .....	60
2.5 ORGANICOM E ABRAPCORP: AÇÕES COLETIVAS NA CONSOLIDAÇÃO DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E DAS RELAÇÕES PÚBLICAS.....	62
3 FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS .....	65
3.1 À GUISA DE UMA TAXONOMIA DO MÉTODO.....	65
3.2 DO CORPUS À AMOSTRAGEM: RECOPILAÇÃO DAS TESES DE 2001 A 2015 .....	66
3.3 DA AMOSTRAGEM ÀS ENTREVISTAS.....	68
3.4 DO INSTRUMENTO DE PESQUISA: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS E SUA REALIZAÇÃO .....	69
4 COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E RELAÇÕES PÚBLICAS: VEREDAS DE UMA HISTÓRIA SOCIAL.....	71

4.1 CONSIDERAÇÕES EPISTÊMICAS .....	71
4.2 O PAPEL DAS MULHERES NA CONSOLIDAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO .....	80
4.3 DOS EIXOS ESTRUTURANTES: PRIMEIRO QUINQUÊNIO 2001-2005 .....	86
4.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DO PRIMEIRO QUINQUÊNIO (2001-2005) .....	94
4.5 DOS EIXOS EMERGENTES: SEGUNDO E TERCEIRO QUINQUÊNIOS 2006-2015 .....	95
4.6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DO SEGUNDO E TERCEIRO QUINQUÊNIOS (2006-2015).....	103
4.7 A COMUNICAÇÃO PÚBLICA E SUA ONIPRESENÇA NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E RELAÇÕES PÚBLICAS.....	107
4.7.1 Comunicação Pública na ECA-USP: veredas de um saber em construção.....	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	113
REFERÊNCIAS .....	122
APÊNDICE I – Tabelas de Teses, Orientador, Orientando e Gênero .....	126
APÊNDICE II – Tabelas de Temáticas Primárias e Secundárias.....	131
APÊNDICE III – Procedimentos Metodológicos das Teses .....	133

## INTRODUÇÃO - POR UMA DIALÉTICA EPISTÊMICA DO MÉTODO

Não é verossímil que todos se enganem; mas, pelo contrário, isso demonstra que o poder de bem julgar e de distinguir o verdadeiro do falso que é propriamente o que se denomina bom senso ou razão, é por natureza ou razão igual em todos os homens; e, portanto, que a diversidade de nossas opiniões não decorre de uns serem mais razoáveis que os outros, mas somente de que conduzimos nossos pensamentos por diversas vias, e não consideramos as mesmas coisas.

### **Discurso do Método.** *René Descartes*

A ciência é um empreendimento essencialmente anárquico: o anarquismo teórico é mais humanitário e mais apto a estimular o progresso do que suas alternativas que apregoam lei e ordem. [...] A educação científica tal como hoje a conhecemos tem esse objetivo. Simplifica a “ciência” pela simplificação de seus participantes: primeiro, define-se um campo de pesquisa. Esse campo é separado do restante da história e recebe uma “lógica” própria. Um treinamento completo em tal “lógica” condiciona então aqueles que trabalham nesse campo; torna suas *ações* mais uniformes e também congela grandes porções do processo histórico.

### **Contra o Método.** *Paul Feyerabend*

Nos dois casos grafados nas epígrafes, encontramos na inflexão epistemológica situada no entremeio dos constructos teóricos que opõem Descartes (1596-1650) a Feyerabend (1924-1994) o lastro para refletir que a pesquisa científica é, antes que nada, um projeto epistemológico. Ao se tratar de um empreendimento epistemológico é consenso que o ponto fulcral, *sine qua non*, que o que concede credencial a um pensamento *epistêmico* é, desde o princípio, seu ponto de ductilidade. Talvez seja essa a única certeza que se pode ter nas Ciências, ou seja, a certeza que qualquer empreendimento científico desenvolvido está situado num tempo e num espaço determinados. Não perder de vista que uma proposição científica pode atingir seu ponto de ductilidade é justamente o que propulsiona o conhecimento. Attingir o ponto de ductilidade, longe de ser um ato falho ou uma superação, é saber que o conhecimento é dinâmico e cada objeto tem característica única. O que chamamos de ponto de ductilidade não é senão o que os clássicos epistemólogos e filósofos das ciências já preconizaram em suas reflexões cada um com suas vicissitudes.

Karl Raimund Popper (1902-1994) em seu conhecido estudo acerca da *Lógica da Pesquisa Científica* (2007) preconizara que um conhecimento científico é válido até que seja falseado. Nesse sentido a *falseabilidade* é o ponto em que determinado conhecimento não consegue mais explicar a complexidade do objeto ou de determinado problema no âmbito

científico e então, num movimento dialético, se constrói um novo conhecimento a partir daquele que fora falseado. Thomas Samuel Kuhn (1922-1996) em seu seminal estudo acerca das *Estruturas das Revoluções Científicas* (2011) além de inserir a concepção de paradigma preconiza a derrocada dele que começa a partir do encontro de uma anomalia que culminará em sua ruptura e doravante, num processo não cumulativo, na estruturação de um novo paradigma que possa dar conta dos novos processos em um sistema. Charles Sanders Peirce (1839-1914), filósofo e precursor de Semiótica Pragmaticista americana, dentre suas contribuições ao estudo das linguagens e da cultura, asseverou sobre o falibilismo termo que se aproxima do que tratamos aqui pela ductilidade.

A abordagem desses filósofos das ciências nos é pertinente na medida em que nos permite observar que em cada pensamento epistemológico há seu modo de operacionalização, suas características e o único ponto invariante entre todos eles é a certeza de que não são discursos desenraizados de seu tempo e espaço e que não estão incólumes de ser superados. Ao contrário, um pensamento destituído de seu tempo histórico que pretende assumir uma verdade incontestável de nada epistêmico possui. Algo dessa natureza está no caminho de uma ideologia ou de uma crença conforme já nos mostrara Chauí (2001).

Essa urdidura tecida até aqui nos municia para começarmos nossa proposição de investigação científica que doravante tratarei como um desafio epistemológico. Da mesma forma que Descartes (2009) em seu *Discurso sobre o Método* conduziu uma visão de pesquisa e de método calcados no racionalismo, Feyerabend (2011a; 2011b) relativizou veementemente o racionalismo científico e refutou qualquer tipo de amarra ao método científico; portanto, esses dois filósofos das ciências são importantes para percebermos que o discurso científico é mutável. Ambos atingiram grandes êxitos em seus tempos históricos e nenhum escapou da crítica epistemológica.

Nesse sentido, quando proponho nesse empreendimento científico um desafio epistemológico caminho para uma articulação entre paradigma e objeto de pesquisa. Nesse eixo de raciocínio, busca-se uma articulação entre a História Social das Ciências, paradigma situado no âmbito das Ciências Humanas, com nosso objeto de pesquisa que está constituído no âmbito do campo científico da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas localizados nas Ciências Sociais Aplicadas. Nesse sentido, o que fazemos doravante é tomar os olhos da História Social das Ciências para olharmos os fenômenos ocorridos no campo científico da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas. Nesse contexto é imperioso permear pelas veredas da transversalidade epistemológica defendida por Braga

(2010). Esse empreendimento científico, da maneira como o constituímos, se justifica na medida dos objetivos que foram traçados e que serão apresentados a seguir.

Convocar a História Social das Ciências nos parece um novo olhar epistemológico para problematizar o campo científico da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas. Os estudos epistemológicos no âmbito de nosso objeto de pesquisa tem caminhado, ainda que de maneira parcimoniosa. Em seu estudo doutoral, posteriormente publicado em 1988 e reeditado várias vezes depois, Lopes (2005) já observara a escassez de trabalhos no campo das Ciências da Comunicação que discutissem e problematizassem as dimensões teóricas e metodológicas do campo.

Especificamente no subcampo da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas – situados no macro campo da Comunicação- encontramos um importante estudo acerca das discussões epistemológicas da Comunicação Organizacional realizado por Fonseca (2007) em sua tese de doutoramento na qual analisou um extenso escopo de produções científicas publicadas em plataformas científicas. Ademais deste trabalho, sob outra ótica encontramos os trabalhos de Margarida Kunsch desenvolvidos no âmbito de projetos temáticos de pesquisa, os quais abordaram no interstício de 1988 a 1990 e 1994-1996 a produção científica em Comunicação desenvolvida na década de 1980. Nesse sentido, a pesquisadora buscou uma cartografia das produções publicadas em diferentes plataformas disponíveis à época como teses, artigos, livros etc. No interstício de 1999 a 2001 a autora desenvolveu pesquisa no âmbito de se identificar um *corpus* teórico acerca da compreensão sobre comunicação organizacional no espaço latino-americano. Já entre 2004 a 2007, a compreensão da comunicação organizacional voltou-se para o cenário brasileiro. Mais recentemente, viu-se em Scroferneker (2016) uma cartografia da dimensão metodológica de teses, bem como o estado da arte acerca da comunicação organizacional.

Em todos esses trabalhos, que se dedicaram a uma abordagem da condição teórica e/ou epistemológica da comunicação organizacional e das relações públicas, houve caminhos diferentes percorridos no tocante às suas problematizações. Nesse sentido, ao formularmos e escolhermos uma vereda ainda não percorrida, vimos na História Social das Ciências uma fértil possibilidade de se dialetizar o já percorrido e perfazer um caminho que pudesse oferecer, mais do que novo resultado, um novo caminho para se refletir o já instituído. Nesse eixo de raciocínio é que chegamos ao título desta introdução. Quando se propõe uma dialética epistêmica do método aludimos diretamente ao desafio epistemológico de tomar “emprestadas” as lentes de outra área do saber para enxergarmos a operacionalização do objeto de pesquisa que se materializa numa área vizinha de conhecimento.

Nesse eixo de raciocínio é que constituímos às problemáticas geral e específicas de nossa pesquisa. Se nos trabalhos anteriores predominou uma visão introspectiva de como o campo se comportou, bem como se operacionalizou nos transcorrer das pesquisas, nosso questionamento central fundou-se em compreender os modos como os campos da comunicação organizacional e das relações públicas se enredavam com seu tempo histórico. Desta forma, como as temáticas e problemáticas do campo se inter-relacionavam com o cenário do País passou a guiar nossa investigação. Proceder de tal modo, além de buscar um novo olhar para o campo científico nos instiga no sentido de que pensar epistemologicamente requer compreender que o conhecimento é histórico e não está destituído da sociedade que o edifica. Assim a História Social das Ciências se configura, a nosso ver, um paradigma fundamental para compreender nossa problemática e aproximar na concreção de nossos objetivos.

Nesse sentido, nosso objetivo geral foi analisar os modos como o campo científico da comunicação organizacional e das relações públicas se inter-relacionavam com seu tempo histórico. Como objetivos específicos, buscamos identificar as metodologias mais utilizadas, bem como os autores empregados nas pesquisas selecionadas. A partir de tais objetivos, nosso objeto foi constituído a partir de 40 teses de doutorado defendidas no interstício de 2001 a 2015 na linha de Políticas e Estratégias da Comunicação do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação PPGCOM da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA-USP. Nossa escolha pelo PPGCOM da ECA-USP se deu pelo seu papel histórico na medida em que foi o primeiro programa de mestrado na área de Comunicação no Brasil, em funcionamento desde 1972, e primeiro a oferecer curso de doutorado, em atividade a partir de 1980. Nossa opção pelas teses se deu por apresentarem propostas, bem como construções teórico-metodológicas mais maduras. Constituímos o recorte temporal entre 2001 a 2015 em razão deste interstício contemplar a criação da Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Organicom), em 2004, e a formação da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Abrapcorp), em 2006. Desta forma, entendemos que tal interstício compreende não o período de gênese da pós-graduação, mas sua fase de consolidação.

A anatomia desta dissertação foi edificada a partir de quatro capítulos. No primeiro capítulo, abordamos a contribuição da História Social das Ciências a partir de uma revisão bibliográfica juntamente com uma abordagem sobre a formação do campo das Ciências da Comunicação no Brasil, bem como a institucionalização de tais estudos e da pós-graduação no País. No segundo capítulo, tratamos detidamente sobre as perspectivas no âmbito das

relações públicas e da comunicação organizacional. Seus percursos históricos, os atores sociais que constituíram a primeira fase da pós-graduação e, sobretudo, as personagens que trabalharam no âmbito de sua consolidação que é justamente o período histórico analisado nesta dissertação. No terceiro capítulo delineamos os fundamentos epistemológicos e metodológicos que balizaram esta investigação, bem como a taxonomia desta pesquisa quanto a sua abordagem, a seus objetivos e suas fontes. No quarto capítulo trazemos a análise dos dados primários e secundários alinhavados a partir dos referenciais bibliográficos e dos atores sociais que constituíram o escopo da investigação. Por fim, a conclusão traz o olhar do autor sobre os resultados obtidos e alinhavados pelo referencial teórico.

## 1 ELEMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS: TENSIONAMENTOS SOCIAIS PARA INVESTIGAÇÕES NO CAMPO CIENTÍFICO DA COMUNICAÇÃO

*Os eixos da ciência e da poesia são a princípio inversos.  
Tudo o que a filosofia pode esperar é tornar a poesia e a ciência complementares,  
uni-las como dois contrários bem feitos.  
É preciso, portanto, opor ao espírito poético expansivo o  
espírito científico taciturno, para o que a antipatia prévia é uma saudável precaução.*

### **Psicanálise do Fogo. Gaston Bachelard**

Neste capítulo, emprestamos os olhos da História das Ciências para mirar o campo da Comunicação. Em tal percurso, valemo-nos dos conceitos já trilhados pelo trabalho historiográfico das ciências para problematizar o campo da Comunicação. É imperioso ressaltar que tal empreitada não busca tecer um inventário acerca do macro campo da História das Ciências, mas dela extrair a necessária e profícua função crítica que emerge ao se considerar o contexto de edificação de uma ciência, bem como a tessitura intrincadamente urdida que qualquer projeto de ciência estabelece com sua realidade espacial, temporal, política, social, econômica e cultural. Na gênese, no âmago, no cerne que qualquer saber científico há uma miríade de elementos que desvelam suas raízes com seus contextos sociais.

É justamente neste tensionamento que convocamos as lentes da História das Ciências, como forma de um periscópio social, para olhar o campo da Comunicação. O que justifica tal exercício é o que engendra um de nossos objetivos centrais deste estudo. A compreensão de como o campo da Comunicação e, especificamente, a área da Comunicação Organizacional e Relações Públicas caminhou neste tempo presente no interstício de 2001 a 2015. À guisa de um rigor metodológico necessário para a concreção de qualquer investigação científica, o foco central deste capítulo observa em especial como as Ciências da Comunicação se desenvolveram no Brasil. Neste sentido, alinhavamos as contribuições teóricas desenvolvidas ao longo de quase cinquenta anos de pesquisa e de pós-graduação em Comunicação no país.

Neste contexto, arregimentamos os percursos teóricos de modo a compreender, primeiramente, algumas questões centrais em História das Ciências que fornece a base, como já dissemos, para refletir sobre a Comunicação. Desta forma, abordamos principalmente o pensamento de Kuhn em seu conhecido ensaio sobre as revoluções científicas (2010), bem como outro ensaio, mais antigo e menos conhecido, mas não menos importante, onde o autor versa acerca da função do dogma no trabalho científico. Abordamos ainda os escritos de Dantes (2005), bem como os de Pestre (1996) no que diz respeito à constituição e trajetórias

da história das ciências no âmbito de sua formulação e principalmente o câmbio epistemológico pelo qual essa área passou a partir da segunda metade da década de 1970, quando a questão social passa a ocupar papel de destaque na historiografia das ciências em decorrência do grupo em torno da revista *Social Studies of Science*. A partir de tais considerações, enveredamos pelos escritos de Latour, especialmente no que diz respeito às dinâmicas e contribuições advindas de sua obra, desenvolvida em conjunto com Woolgar, acerca da etnografia no laboratório (1997), bem como outro importante trabalho de Latour (1999) no tocante ao “funcionamento” da ciência moderna.

Nosso trabalho concebe a noção de campo científico em consonância com os escritos preconizados pelo sociólogo Pierre Bourdieu. Desta forma, passamos a considerar as Ciências da Comunicação como um campo que, como tal, se operacionaliza entre binômio composto pelo *habitus* e campo. É certo que a obra completa de Pierre Bourdieu enfoca também conceitos como Estrutura e Capital. Sem embargo, aqui nos deteremos nos pressupostos de *habitus* e Campo. Para tanto, revisitamos seu grande clássico sobre a formação do campo científico (1971), bem como as reflexões acerca do *Habitus* (2002). Nesse sentido, é que buscamos uma operacionalização propositiva, a nosso ver possível, entre o pensamento de Kuhn (2012) sobre o dogma na ciência, pelo lado da História das Ciências, em simetria por nós fiada, com a noção de *Habitus* em Bourdieu (2002), este último no campo da sociologia da ciência.

O desenvolvimento dos estudos de Comunicação no Brasil é guiado principalmente pelos trabalhos de Lopes (2001, 2004, 2006) sobre o pioneirismo dos estudos de pós-graduação em Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, bem como o estatuto disciplinar da Comunicação no Brasil, o tripé epistemologia/teoria/metodologia da Comunicação e os estudos comunicacionais no macro campo das Ciências Sociais Aplicadas. Buscamos em Braga (2010), especialmente em seus escritos mais recentes, a operacionalização que este autor faz através do olhar do campo da Comunicação com seu pressuposto de transversalidade epistemológica e o tensionamento entre o campo e a disciplinarização da Comunicação.

Nessa proposta de raciocínio traçamos o pano geral da situação das Ciências da Comunicação no Brasil para, no capítulo II, entrarmos especificamente no foco de nosso estudo que está abarcado no âmbito da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas. Neste formato, traçamos uma espécie de *olhar dedutivo* na medida em que vê o geral em busca de melhor conceber o particular onde se localiza nosso escopo de investigação aqui proposto.

## 1.1 POR UMA HISTÓRIA SOCIAL DAS CIÊNCIAS: APORTES PARA AS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

O trabalho científico existe no Brasil desde a chegada dos europeus ibéricos à antiga “América portuguesa”. Essa afirmação provocativa e, em certo sentido axiomática, é importante na medida em que nos obriga a afastar o anacronismo no tocante à atividade científica em terras brasileira. Isto porque essa noção mais contemporânea de ciência desenvolveu-se mais recentemente. Sem embargo, é pertinente destacar que desde o séc. XVI houve “viagens exploratórias, com registros sobre a fauna e a flora locais, estudos sobre a cultura e as línguas indígenas, realizações de observações astronômicas por jesuítas aqui sediados entre outras” (DANTES, 2005, p. 01). Esse registro nos apresenta os primórdios não só da atividade científica no Brasil, mas também a noção que se tinha de ciência à época.

Se tais práticas se configuraram como precursoras do fazer científico no Brasil é importante salientar que as questões científicas estiveram ligadas ao projeto instaurado também por Portugal, outrora “colonizador” do Brasil. Nesse sentido, no apogeu do período de discussão e difusão do pensamento iluminista, nos idos do século XVIII, a coroa portuguesa buscou incorporar às suas políticas a questão científica. A partir daí que “foram realizadas expedições que além de cumprirem objetivos militares, realizaram amplos levantamentos dos recursos naturais coloniais”. Naquele contexto de expedições como política da coroa “ganhou notoriedade a expedição liderada por Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista brasileiro formado na Universidade de Coimbra que explorou a região amazônica de 1785 a 1792”. (c.f. DANTES, 2005, p. 02).

Se, por um lado, desde os primórdios da edificação da sociedade brasileira há presença e desenvolvimento de trabalhos científicos, por outro, há uma corrente mais contemporânea que busca compreender a questão da presença científica como desenvolvimento de saberes socialmente constituído. É a partir daí que se passa a refletir sobre o contexto social incidindo diretamente na produção científica. Esse movimento historiográfico desenvolveu-se de tal maneira que, conforme explica Dantes (2005, p. 01) “a partir dessa conceituação, cresceu de forma significativa, em nível mundial, a produção em história social da ciência. Também ganharam reconhecimento, e vêm crescendo de forma acelerada, os estudos sobre os mais variados países de todos os continentes”.

Essa concepção historiográfica de se problematizar o fazer científico constitui o que se convencionou chamar de História Social das Ciências. O caráter mais recente desse campo do saber se deve, dentre outras questões, ao que Dantes (2005) observou como:

predomínio dos estudos sobre questões políticas e econômicas na história do Brasil, mas também pelas características da própria história da ciência que, tradicionalmente, se voltou para os grandes cientistas e as teorias e experimentos considerados revolucionários. Nesse quadro, países como o Brasil foram ignorados. (DANTES, 2005, p.01).

Entretanto, a partir da década de 1970 é que esse quadro começa a mudar. No cenário daquela década, a História das Ciências passou a enveredar por uma linha mais contestatória que buscou redesenhar a medula vertebral da noção de prática científica e “tais abordagens foram o resultado de um trabalho de um grupo que atuou de maneira bastante coordenada até a metade dos anos 1980, grupo esse formado por jovens sociólogos, antropólogos, filósofos e historiadores, cujo núcleo era britânico” (PESTRE, 1996, p. 04). Esse movimento é justamente responsável por uma espécie de câmbio epistemológico no âmbito da História das Ciências. Se numa dimensão anterior, os trabalhos historiográficos se voltavam para os grandes cientistas, bem como para os grandes inventos, conforme já asseverara Dantes (2005), a partir da atuação deste grupo a História das Ciências se redesenhou na medida em que:

O objeto da investigação (a ciência) tendo sido radicalmente definido novas maneiras de abordá-lo surgiram, objetos diferentemente recortados apareceram, novas questões legítimas emergiram. Num certo sentido, guardadas as proporções devidas para uma disciplina de menor amplitude, a História das Ciências se encontra hoje em uma posição homóloga àquela que prevaleceu nos anos 1930 para a História em seu conjunto<sup>1</sup>. Seja porque Marc Bloch, Lucien Fèbvre e outros redefiniam o que eram os objetos legítimos da disciplina, seja porque propunham submeter a seu domínio uma gama de atividades até então mantidas fora de sua jurisdição, seja ainda porque anexavam outras práticas disciplinares, eles abriam um espaço novo a conquistar ofereciam à sagacidade do historiador a possibilidade de historicizar práticas até então não consideradas por ele. (PESTRE, 1996, p. 05).

A partir dessas considerações de Dominique Pestre é importante salientar o surgimento da revista *Social Studies of Science* que representou não só um marco no sentido de institucionalização dessa nova visão de história social da ciência, como também congregou outros importantes autores de fora do círculo britânico. É nesse contexto que nomes como do filósofo Bruno Latour ganham notoriedade nos estudos das dimensões sociais do fazer científico. Seguindo as palavras do próprio Dominique Pestre (1995; 1996) a participação de Latour, dentre outros historiadores da ciência fora do âmbito britânico, foram responsáveis

---

<sup>1</sup> Aqui Dominique Pestre faz menção a um período muito importante para a História. Nos anos 1930, a partir do grupo que formara a *École des Annales*, o trabalho historiográfico passou por uma profunda mudança epistemológica. Se antes a História tinha visto o paradigma positivista, calcado na narração do fato histórico, e posteriormente o materialismo histórico – outra vertente da historiografia- nos anos trinta, a *École des Annales*

por desenvolver um olhar mais continental aos trabalhos até então desenvolvidos naquela comunidade científica. Seguindo essa característica mais “continental” dos *Social Studies of Science*, literalmente, estudos sociais das ciências é que propomos uma breve incursão no pensamento de Latour no tocante às relações ciência e sociedade.

### **1. 1. 1 Por uma História Social da Ciência: Bruno Latour, da vida em laboratório a uma ação da ciência**

Anteriormente abordamos o modo como a história das ciências foi se arregimentando no âmbito da História, principalmente, a partir dos anos 1980, quando a dimensão social que envolve o fazer científico passou a ser considerado mormente no âmbito da comunidade acadêmica em nível internacional. Nesse eixo de produção teórica, redimensionado epistemologicamente pelas ideias dos *Social Studies of Science*, é que nos aproximamos das ideias embrionadas pelo sociólogo, historiador e filósofo das ciências Bruno Latour especialmente em duas importantes obras publicadas entre o fim dos anos 1970 e o fim dos anos 1980<sup>2</sup>. Na primeira delas, desenvolvida em conjunto com o sociólogo britânico Steve Woolgar, os estudiosos lançam mão do método etnográfico para imersão no cotidiano científico de uma comunidade americana no âmbito do Instituto Salk.

Desse trabalho, chama-nos a atenção para a questão da incorporação dos métodos antropológicos. Nesse sentido, aproximamos de nosso tema de investigação – o campo da Comunicação – na medida em que nos propomos além da análise bibliográfica, buscar o elemento humano; motriz articulador; testemunhal onipresente; ponte entre o passado, o bibliográfico e o presente. Os pesquisadores. Confrontados com suas construções sociais do conhecimento. Não se busca aqui uma imersão etnográfica conforme fizera Latour, mas na dialogia da entrevista em simetria com o que Latour e Woolgar preconizaram no sentido de que:

Para dar independência às análises da ciência, é necessário, pois, não se basear unicamente no que os pesquisadores e descobridores dizem de si mesmo. Eles devem tornar-se o que os antropólogos chamam de “informantes”, certamente informantes privilegiados, mas sempre informantes de quem se duvida. Foi nessa linha que, com o nome de sociologia ou psicossociologia da ciência desenvolveu-se uma literatura cada vez mais importante sobre as instituições científicas, sobre a concorrência entre pesquisadores, sobre a evolução das disciplinas. (LATOURE; WOOLGAR, 1997, p. 19-20).

<sup>2</sup> LATOUR, Bruno; Steve Woolgar. **La Vie de Laboratoire**: la production des faits scientifiques. Paris: La Decouvert, 1988. Originalmente, esta obra foi escrito em inglês em 1979. Anos mais tarde o próprio Latour auxiliou para que o livro fosse vertido ao francês.

LATOURE, Bruno. **La Science en Action**. Paris: La Decouvert, 1989.

Nesse raciocínio argumentado pelos autores em questão, aqui transposto, a reificação que fazemos se da medida do contato com a comunidade em confronto com o conhecimento por ela desenvolvido. Nesse sentido, a nosso ver, uma propositiva história social emergiria dessa confluência. Nesse eixo de pensamento é benéfica uma constante espécie de *dialética da descontinuidade*, ou seja, aproximações e distanciamentos. Diferentemente dos autores, à época do estudo de *A Vida de Laboratório*<sup>3</sup>, nós nos encontramos em posição um pouco mais privilegiada na medida em que estamos no meio deste contexto integrado ao que, mais a frente, trataremos como *Sistema de Ciência e Sistema de Ensino*. Desta forma, *dialética da descontinuidade* torna-se algo mais maleável.

Uma das questões centrais, a nosso ver, acerca das ideias em torno da *Vida de Laboratório* (1997), reside não apenas na experiência de campo que os pesquisadores estiveram imersos, mas, sobretudo, a crítica metodológica do olhar. A partir de uma autorreferência crítica, aquele trabalho articulou possibilidades e limites da atuação etnográfica no âmbito de um trabalho de campo no ramo da história das ciências, bem como engendrou os repertórios da filosofia e sociologia das ciências. A publicação desse trabalho gerou grande repercussão na comunidade científica. À parte as inovações e novos caminhos que a obra promoveu e vem promovendo, haja vista a dimensão da obra no transcorrer de décadas desde sua primeira edição, cabe-nos aqui delinear algumas limitações, bem como algumas críticas em relação a tal trabalho.

Perfazendo o caminho trilhado por Kropf e Ferreira (1997), antes de entrar propriamente na crítica, é notório o reconhecimento dos avanços da obra especialmente no que tange a tessitura do fato científico. Este caracterizado necessariamente por uma complexa urdidura que se articula com a argumentação persuasiva. Nesse cenário, vê-se que:

O que define a ciência como prática social de produção de conhecimento é portanto a interação entre os atores dada nas circunstâncias locais e contingentes do laboratório. A nosso ver, a descrição etnográfica da cadeia de eventos e práticas que dão forma concreta a essa interação é a contribuição mais original de *A Vida de Laboratório*. Contudo, [...] qual sentido da ação dos cientistas no laboratório? O que explica o comportamento desses atores? [...] Os cientistas se comportam dessa maneira a um investidor capitalista [...] Essa concepção está formalizada na ação que os autores propõem de ciclo de credibilidade. (KROPF; FERREIRA, 1997, p. 594).

---

<sup>3</sup> Quando Latour e Woolgan foram convidados pelo professor americano Roger Guillemin para desenvolver tal estudo, junto ao Instituto Salk, Latour encontrava-se diante de uma ciência que não conhecia. Estava em terra estrangeira e muito pouco conhecia da língua inglesa. Nas palavras dos próprios autores, eles eram uma espécie de “ignorantes” das ciências exatas e quase analfabetos em epistemologia.

Entretanto, quando se analisa a dimensão as estratégias de atuação dos cientistas no âmbito de sua comunidade científica Kropf e Ferreira (1997) são enfáticos ao afirmarem que os autores de *A Vida de Laboratório* não alcançam a profundidade e a complexidade que Bourdieu alcançara no que tange a posição que determinado cientista ocupa em seu meio. Nesse sentido, Bourdieu estaria à frente, uma vez que “é fundamental analisar a posição que estes ocupam no campo, e essa posição envolve necessariamente a ideia de crédito como reconhecimento pelos pares<sup>4</sup>” (KROFP; FERREIRA, 1997, p. 596). Outro ponto, em certo modo incompleto da obra em questão, se dá na tentativa de explicar o conceito de “rede”, o qual representaria a ligação do laboratório com as demais instituições científicas. Ou seja, na visão de Latour e Woolgar, a limitação da obra se dá na medida em que o laboratório é apenas uma partícula no âmbito de uma rede tecida por outras ligas. Nesse sentido, esse “tear etnográfico” provocaria um dilaceramento na ideia maior de rede. Se, por um lado, Latour e Woolgar enxergam a questão desta maneira, por outro lado, seus críticos numa direção em maior simetria com Bourdieu argumentam que “essa noção de rede reforça a recusa dos autores em aceitar a tese da centralidade da comunidade científica como espaço institucional próprio para a construção do consenso e da legitimidade do conhecimento científico”. (KROFP; FERREIRA, 1997, p. 596).

Resguardadas essas críticas mais pontuais, os críticos aqui citados reconhecem a grandiosidade de *A Vida de Laboratório*, sobretudo o que esta obra representou como novo capítulo à história social das ciências. Quase uma década mais tarde da publicação de *A Vida de Laboratório*, Latour seguindo as veredas antropológicas buscou compreender o fazer científico de modo a contemplar não apenas o processo científico como desdobramentos do entorno social, mas também o contrário, a ciência modificando o fazer social. Nesse sentido, uma questão importante a ser ressaltada é essa dualidade e que a relação ciência-sociedade se estabelece quase que como uma dialética entre a ciência frente seu entorno social, bem como uma sociedade perante suas ciências. Esse tensionamento passa ser marcante no pensamento de Latour, sobretudo, a partir de *Ciência em Ação* (1999). (c.f. LATOUR, 1999).

Refletir sobre a atividade científica no pensamento de Latour a partir de *Ciência em Ação* (1999) requer percorrer os meandros que engendram o fazer científico. Conforme falamos anteriormente, a protocoperação entre ciência e sociedade envolve não apenas os cientistas. Há uma intrincada urdidura que se articula por meio de fatores humanos e não-humanos. Todos reverberam visceralmente no desenvolvimento da ciência, da sociedade

---

<sup>4</sup> Uma discussão mais aprofundada sobre os agentes no campo científico é feita ainda neste capítulo, em subtópico específico sobre o trabalho de Pierre Bourdieu.

perante a ciência e dos atores envolvidos direta ou indiretamente. Nesse raciocínio, os cientistas configuram uma parte do fazer científico. Essa visão provocativa considera que os trabalhos científicos perpassam as fronteiras do laboratório. É justamente nesse tensionamento que a atividade científica lastreia-se no conceito de rede, outrora discutido também em *A Vida de Laboratório*, na medida em que, como já dissemos, o laboratório é apenas um ponto na “teia” científica e o cientista seria um átomo nesse ponto imerso nessa rede. (c.f. LATOUR, 1999).

Embora encontre críticas perante aos pares no que tange as relações entre ciência e sociedade, sobretudo por refutar a centralidade científica, o pensamento de Latour configura-se em certa medida inovador, especialmente em relação aos atores indiretos no fazer científico antes desconsiderados.

### **1.1.2 Por uma História Social das Ciências: Thomas Kuhn entre a revolução e o dogma**

Doravante à publicação de *The Structure of Scientific Revolutions*<sup>5</sup>, nos idos dos anos sessenta do século XX, Thomas Samuel Kuhn se projetara no panorama internacional ao propor importantes questões pelas quais acreditava ser o modo operativo das ciências. Dentre os postulados de Kuhn, a nosso ver, consideramos centrais as proposições de crise de paradigma, o caráter não-cumulativo do conhecimento e as articulações entre ciência normal, revolução científica e a função do dogma na investigação científica. (c.f. ASSIS, 1993; LACERDA, 2012; MARCONDES FILHO, 2010).

Pensar a Ciência Normal no postulado Kuhniano requer, a nosso ver, um breve entendimento sobre o paradigma. Para o filósofo da ciência Thomas Kuhn, os paradigmas são “realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 2011, p. 13). Essa concepção se aproxima do conhecimento na ótica de Popper na medida em que o filósofo austríaco concebe o conhecimento como “provisório”, ou seja, ele é valido para um determinado tempo/lugar até que seja falseado e dê espaço a outro postulado.

Dada a concepção de paradigma, a ciência normal, mais do que o trabalho dos cientistas em desenvolver pesquisas que deem respostas concernentes a enigmas, se edifica a partir de investigações científicas desenvolvidas com base em descobertas pesquisas passadas. Nesse eixo, Kuhn (2011, p. 29) explica que “essas realizações [científicas] são reconhecidas

---

<sup>5</sup> Publicado no Brasil a partir da seleção do editor Jacó Guinsburg para a coleção Debates. A primeira edição brasileira foi traduzida nos anos setenta. Desde então, a obra gerou doze edições seguintes. KUHN, Thomas S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 12 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

durante algum tempo por alguma comunidade científica como proporcionando os fundamentos de sua prática posterior”. Essa chave dada por Kuhn nos abre caminho para refletir sobre a crise do paradigma, instância primeira para a revolução científica.

A crise do paradigma traz uma questão muito clara ao postulado de Thomas Kuhn segundo o qual o saber não é cumulativo. Nesta perspectiva, quando determinadas teorias já não podem responder aos problemas/fenômenos caminham para ruptura do paradigma que dará lugar a novas concepções/postulados/hipóteses/teorias que, enfim, podem edificar um novo paradigma. Nesse eixo, Marcondes Filho (2010, p. 238), em releitura aos textos de Kuhn, entende que “o saber se renova periodicamente de forma radical, instalando um novo quadro para a percepção dos problemas”.

É importante ressaltar que a derrocada de um paradigma não decorre em um tempo cronológico curto. Desse modo, Lacerda (2012, p. 164) observa que a transição para outro paradigma “é preciso detectar uma anomalia e rastrear seus efeitos tanto para a observação como para a observação como para o plano conceitual, e isso depende da própria prática da ciência normal. E ainda será preciso vencer a resistência à novidade”. Sobre essa “resistência à novidade” apontada pela autora, Marcondes Filho (2010, p. 238) também observou que a aceitação de um novo paradigma “se daria por meio da persuasão, pelas sugestões na forma de ‘tradução’ dos conhecimentos anteriores na linguagem do novo modelo”.

Esse quadro que põe em evidência a aceitação de um novo postulado está ligado à anomalia do paradigma anterior que não podia, até então, ser respondido. Ao emergir uma ótica de se enxergar o problema e encontrar soluções vem a revolução científica que, nas palavras de Kuhn (2011, p. 126):

Inicia-se com um sentimento crescente, também seguidamente restrito a uma pequena divisão subdivisão da comunidade científica, de que o paradigma existente deixou de funcionar adequadamente na exploração de um aspecto da natureza, cuja exploração fora anteriormente dirigida pelo paradigma. [...] O sentimento de funcionamento defeituoso, que pode levar à crise, é um pré-requisito para a revolução.

As contribuições de Kuhn reverberam para além das ciências naturais e trouxeram discussões para as ciências sociais, ainda que, para o filósofo apenas a ciência natural mereceria o status de ciência, como observou Lacerda (2012). Se Thomas Kuhn trouxe ao debate científico as noções de paradigma e de ruptura paradigmática, dentre outros estágios de operacionalização da ciência, os quais podem ser observado no Quadro 1.

Quadro 1 – Operacionalização da Ciência para Kuhn

<b>Constituição do Paradigma</b>	<b>Diversidades encontradas na natureza; Desordem das atividades científicas.</b>
Ciência Normal	Uma vez sistematizados conceitos, as atividades científicas transcorrem e os embates diminuem.
Ruptura\ Crise	Fenômenos não abordados pelo paradigma vigente emergem e provocam uma ruptura; percebe-se a desordem similar ao primeiro sintagma deste quadro.
Ciência Extraordinária	A partir da ruptura, este período é marcado por embates entre as novas concepções desenvolvidas pelas correntes científicas.
Revolução Científica	Versa sobre a aceitação da(s) nova(s) corrente(s) de pensamento, desenvolvida na fase anterior, que buscará corrigir a anomalia identificada da crise\ruptura.
Agrupamento de Novo Paradigma	Tem-se a constituição de nova corrente calcada nas novas concepções aceitas sobre o (s) novo (s) fenômeno\anomalia identificado(s) na crise\ruptura.

Fonte: adaptação feita pelo autor a partir da obra de Kuhn (2011).

O projeto científico de Kuhn congrega ainda uma importante reflexão acerca da função do dogma na investigação científica. Tais ideias foram publicadas inicialmente em um texto denominado *The Function of Dogma in Scientific Research*<sup>6</sup> que fora escrito antes da publicação do famoso ensaio sobre a estrutura das revoluções científicas. Vemos nestas ideias, por Kuhn desenhadas, uma espécie de ponte teórica na qual pudéssemos atravessar com segurança tanto os pressupostos alinhavados por Latour sobre suas concepções sociais da ciência, as quais abordamos no tópico anterior, bem como a noção de *Habitus*, delineada por Pierre Bourdieu, que é tratada no tópico posterior. Nesse eixo, vemos a possibilidade de tecer aproximações com vistas à asseverar as dimensões sociais imanentes do fazer científico que é notoriamente ressignificado pelos valores dos cientistas, bem como do espaço social que que determinada teoria ou que determinado campo é edificado.

O dogma é elemento presente e, não raro, ponto fulcral de qualquer atividade científica. Essa afirmação axiomática demanda algumas explicações que reportam desde a formação do pesquisador. Nesse sentido, para Kuhn (2012) o resquício mais remoto do

<sup>6</sup> O texto original foi escrito e publicado em 1961 nos Estados Unidos. O texto foi traduzido para o português em 1979 a partir do trabalho de Jorge Dias de Deus, tendo sido publicado na coletânea denominada *A Crítica da Ciência: sociologia e ideologia da ciência* pela editora Zahar.

dogma começa a ser percebido já na educação dos cientistas a partir de dois elementos: a ortodoxia teórica e a rigidez metodológica. Nesse raciocínio, por tratar-se de uma dimensão quase imanente, mesmo correntes mais “heterodoxas” como a preconizada por Paul Feyerabend não passariam incólume. Desta maneira, o dogma é reconhecido por Kuhn não como um anátema, mas como elemento onipresente constitutivo. Assim, “embora o preconceito e a resistência às inovações possam muito facilmente pôr um freio ao progresso científico, a sua onipresença é, porém, sintomática como característica requerida para que a investigação tenha continuidade e vitalidade” (KUHN, 2012, p. 25).

Por mais paradoxal que passa soar, o dogma é parte constituinte da revolução. Seguindo esse eixo de pensamento, o emérito professor de Harvard nos explica que “embora uma adesão quase dogmática seja, por um lado, uma fonte de resistência e controvérsia, é também um instrumento inestimável que faz das ciências a atividade humana mais consistentemente revolucionária” (KUHN, 2012, p. 25). Nosso ponto de invariância a que nos propomos para angariar lastro ao *corpus* teórico de nossa investigação parte do pressuposto de um nexos causal, cujo epicentro passa ser a noção de dogma na investigação científica -sem o anátema que tal termo possa adquirir- para articular-se com a visão mais antropológica de Latour e sinergia com a noção de *habitus* de Bourdieu. Essa invariância poderia ser representada por três pilares sendo que o arcabouço de Kuhn (2012) estaria graficamente representado ao meio. Às suas extremidades horizontais estariam os legados de Latour e Bourdieu, sendo os três pilares revestidos pelo campo científico, outro elemento constituinte dessa invariância.

Com vistas à concreção desta proposta teórica, abordamos no tópico seguinte os pontos fulcrais da constituição de campo científico, bem como a onisciências do *Habitus* imanente ao campo e ao fazer científico a partir do pensamento de Pierre Bourdieu.

## 1.2 HABITUS E CAMPO CIENTÍFICO: TENSIONAMENTOS DAS CATEGORIAS SOCIOLÓGICAS DE PIERRE BOUDIEU NOS ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO

Vigésimo *arrondissement* da capital francesa. Ao viajante que perfaz o caminho no entremeio do *Chemin du Dragon* com o *Chemin Camille Jordan*, na vigésima oitava *division* do *Cimetière du Père Lachaise*, encontra uma imponente árvore centenária de grande porte possivelmente contemporânea ao cemitério. À sombra dela repousa, hoje em companhia de sua esposa Marie-Claire, em uma pequena sepultura branca convexa, com uma lápide de extremidade oval, um dos sociólogos mais influentes para os franceses na segunda metade do

século XX. Nascido no sul da França, Pierre Bourdieu (1930-2002) desenvolveu extensa carreira acadêmica tendo dedicado esforços às mais diversas áreas desde a Literatura<sup>7</sup>, estudos de crítica das práticas midiáticas<sup>8</sup>, passando pela Educação<sup>9</sup>, Antropologia<sup>10</sup> e consolidando-se nos estudos sociológicos.

De todo esse arcabouço teórico edificado por Bourdieu, hoje sob a “administração” de seu único filho Emmanuel Bourdieu (1965-atual), interessa ao nosso estudo dois conceitos já informados no título deste subtópico. Nesse sentido, tratamos primeiramente do campo científico na medida em que no transcorrer de nosso trabalho, este conceito de Bourdieu (1971) assume papel quase central, ao passo que o conceito de *Habitus*, a nosso ver, configura uma espécie de *modus* em que se operacionaliza determinado campo. Em nosso caso, o das Ciências da Comunicação, o qual alberga a Comunicação Organizacional e as Relações Públicas. Todas estas engendram, por sua vez, as Ciências Sociais Aplicadas.

O debate em torno do campo científico tem nascimento no decorrer da década de setenta, do século XX, quando Pierre Bourdieu publica pela primeira vez o texto *Le Champ Scientifique* na revista francesa *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, em 1976. Com o propósito de questionar os usos sociais da ciência, bem como de compreender uma perspectiva que englobasse uma espécie de ciência social da produção científica. Nesse eixo de raciocínio, Bourdieu (2004) assevera que qualquer produção simbólica cultural seja de cunho histórico, literário, artístico, filosófico ou do âmbito da ciência tem ou podem ter pretensões científicas. Entretanto, o que marca ou caracteriza o campo científico? Quais as dimensões de alcance do campo? Há invariantes entre os campos científicos seja ele literário, filosófico, histórico ou da Comunicação?

É justamente no texto *Le Champ Scientifique*, literalmente O Campo Científico, que fora traduzido anos mais tarde no Brasil para obra de Renato Ortiz (1982), um de seus discípulos, em que Bourdieu alinhavara invariantes observáveis em várias frentes do conhecimento. Observara o sociólogo francês que a complexidade do campo não perpassa meramente o caráter da produção simbólica do conhecimento, por meio de teorias, métodos ou outras abordagens do saber inerentes ao fazer científico. Muito mais que o trabalho final do investigador, o campo é marcado desde os processos que envolvem a institucionalização do conhecimento, seja como área ou como disciplina, até as posições dos agentes que

<sup>7</sup> BOURDIEU, Pierre. **Les Règles de l'Art**: genèse et structure du champ littéraire. Paris: Seuil, 1992.

<sup>8</sup> BOURDIEU, Pierre. **Sur la Télévision**: suivi de l'emprise du journalisme. Paris: Liber, 1996.

<sup>9</sup> BOURDIEU, Pierre. **La Reproduction**: éléments d'une théorie du système d'enseignement. Paris: Minuit, 1972. Estas três obras aqui mencionadas foram vertidas para o português poucos anos à frente de seus lançamentos na França.

<sup>10</sup> BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. **Réponses**: pour une anthropologie réflexive. Paris: Seuil, 1992.

congregam determinado campo, bem como a legitimação das frentes de conhecimentos e saberes que são delineados pelos agentes.

A partir desses motes alinhavados pelo sociólogo Pierre Bourdieu parece-nos pertinente o entendimento de dois importantes conceitos inerentes à formação do campo científico delineados como competência\autoridade científica e interesse científico. Nessa linha de argumentação, Bourdieu (1982) sustenta que a competência científica não pode ser imaginada como um inventário fechado em si mesmo, onde se consideraria apenas o poder simbólico e a representação social. Entender o campo científico de tal forma “é cair na armadilha constitutiva de toda competência, razão social que se legitima apresentando-se como razão puramente técnica (conforme vemos, por exemplo, nos usos tecnocráticos da noção de competência)” (1982 p. 02).

A partir dessa concepção dada pelo sociólogo, a questão do interesse científico vem atrelada à posição da autoridade científica. Entende Bourdieu (1982, p. 03) que o “interesse por uma atividade científica (uma disciplina, um setor dessa disciplina, um método etc.) tem sempre uma dupla face. O mesmo acontece com as estratégias que tendem a assegurar a satisfação desse interesse”. Essas questões, não raro, são motivadas por interesses com finalidade ao prestígio, bem como reconhecimento. Logo, conceber um campo científico em que se tente enxergar meramente a prática científica desvirtuada dos conflitos inerentes ao *modus operandi* do fazer científico incorre numa percepção inverossímil.

Nesse eixo, ao alinhavar reflexões sobre a natureza do campo científico é pertinente considerar os tensionamentos entre as práticas científicas desenvolvidas e as práticas sociais inerentes ao campo. Bourdieu (1982) ao revisitar um dos textos de Fred Reif<sup>11</sup>, argumenta que:

é artificial e mesmo impossível a distinção entre interesse intrínseco e interesse extrínseco, entre o que é importante para o pesquisador determinado e o que é importante para os outros pesquisadores [isto porque] os conflitos epistemológicos são sempre, inseparavelmente, conflitos políticos; assim, uma pesquisa sobre o poder no campo poderia perfeitamente só comportar questões aparentemente epistemológicas (BOURDIEU, 1982, p. 03-04).

Ao considerar o campo científico como um lugar de lutas e disputas entre os atores sociais, a partir desse cenário imaginado por Bourdieu, chegamos a uma questão fundamental inerente à composição do campo que se dá por meio da capital científico. Nessa perspectiva, o sociólogo francês argumenta que a autonomia de determinado campo influi de maneira

---

<sup>11</sup> REIF, Fred. *The Competitive World of the Pure Scientist*. Science, 1961, vol. 134.

preponderante na medida em que ocorre um engajamento dos agentes pertencentes ao campo para a imposição da legitimidade de sua autoridade, bem como de seus postulados e ideias. Desta forma, incorre-se sempre em uma urdidura de “poder de impor uma definição da ciência (isto é, a de limitação do campo dos problemas, dos métodos e das teorias que podem ser considerados científicos) que mais esteja de acordo com seus interesses específicos”. (c.f. BOURDIEU, 1982, p. 06).

Essa lógica pode ser observada inclusive no campo das Ciências da Comunicação. Se, conforme argumentou Bourdieu, “os dominantes são aqueles que conseguem impor uma definição da ciência segundo a qual a realização mais perfeita consiste em ter, ser e fazer aquilo que eles têm, são e fazem” (1982, p. 07) podemos então observar esse pensamento do sociólogo a partir de casos peculiares ao campo da Comunicação no tocante a dois importantes paradigmas.

O campo de estudos da Comunicação congrega hoje diversas escolas, bem como um cenário plural de abordagens, objetos e metodologias. Entretanto, chama-nos a atenção a influência que o paradigma funcionalista, preconizado pela Escola Americana, e o paradigma crítico, desenvolvido pelos pesquisadores do Instituto de Pesquisa Social, mais tarde denominado Escola de Frankfurt, exerceram no campo científico da Comunicação. Os rastros dos dois paradigmas, a nosso ver, reverberam o postulado de Bourdieu (1982) sobre os dominantes que buscam impor sua noção de ciência. Isso decorre, em nossa visão, porque ainda que se reconheçam os modos diferentes de abordagens do paradigma crítico em relação ao funcionalista, é notória a oposição no tocante às concepções teóricas de cada um, bem como nos métodos e finalidades das pesquisas desenvolvidas pelas respectivas escolas na primeira metade do século XX.

Nesse sentido, Romancini (2006, p. 77) em seu estudo doutoral faz releitura dos escritos de Bourdieu acerca dos embates presentes em determinado campo científico e nos explica que em tal cenário “afirma-se o caráter político de todas as posições, mesmo aquelas que resultam em avanço científico”. Ainda nessa perspectiva, Romancini esclarece que:

A inserção da política e da disputa, na estrutura dos campos, não conduz à ideia de que o campo científico é, por isso, pura estratégia. O que é criticado por Bourdieu é sempre o recurso a recursos alheios ao campo científico. A razão estratégica dos agentes num campo não é sempre uma razão instrumental. (2006, p. 78).

Nesse eixo de raciocínio, deparamo-nos com outro pertinente conceito proposto pelo sociólogo francês que é o capital científico. À luz do pensamento de Bourdieu (1976; 1983),

entendemos aqui neste trabalho não apenas o percurso teórico desenvolvido pelos pesquisadores. Se, conforme pontuou Romancini (2006), em releitura ao texto de Bourdieu (1983), o campo científico é:

Um espaço de lutas entre os diferentes agentes que se posicionam diferencialmente em seu espaço (conforme sua origem e trajetória), lutando pela apropriação/redefinição de um capital específico; este capital é desigualmente distribuído, o que corresponde a posições dominadas e dominantes dentro do campo. [...] Um campo define-se pela demarcação dos objetos de disputa e dos interesses científicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios. (ROMANCINI, 2006, p. 78).

Esta reflexão de Richard Romancini (2006) encontra consonância com o caminho preconizado por sociólogo Pierre Bourdieu (1983, p. 02) quando explica que o “próprio funcionamento do campo científico produz e supõe uma forma específica de interesse (as práticas científicas não aparecendo como "desinteressadas" senão quando referidas a interesses diferentes, produzidos e exigidos por outros campos)”.

Defronte a esse cenário, parece-nos pertinente convocar uma reflexão de Bourdieu (2011) sobre sociologia da arte, que é pertinente para se refletir o movimento dialético para se pensar o *status quo* das Ciências da Comunicação. Conforme nos explica o sociólogo:

Mormente em sociologia da arte e da literatura, a ruptura com as pré-noções que constitui a condição da construção do objeto de ciência só pode se realizar através da ciência do objeto que é a mesma ciência das pré-noções contra as quais a Ciência constrói seu objeto. (BOURDIEU, 2011, p. 184).

Esse excerto nos abre caminho para um importante ponto encontrado na obra de Bourdieu (2004) que se firma por meio do entendimento dos campos como microcosmos relativamente independentes ou autônomos. Tal pensamento se configura “entre as interpretações que podem ser chamadas internalistas ou internas e aquelas que se pode chamar externalistas ou externas” (BOURDIEU, 2004, p. 19). Isso significa que na abordagem que inúmeras correntes de pensamento fazem, abarcando desde a Semiologia até o materialismo histórico, a lógica de pensamento se pauta pela seguinte dicotomia: de que a compreensão dos significados de uma produção simbólica dos conhecimentos está essencialmente imanentes à própria obra e, por outro lado, uma frente que assevera que apenas um olhar do contexto é que pode apreender os significados seja de uma teoria ou de uma geração simbólica. A Semiologia e o materialismo histórico representam bem essa dicotomia<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> Em BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia das Letras, 1992. O autor desenvolve amplamente esse pensamento com farta quantidade de exemplos no campo das artes. Por uma questão de recorte temático não vamos nos aprofundar nesse tema.

Fugindo dessa dicotomia, muito problemática aos olhos de Bourdieu (2004), é que o sociólogo delinea a noção de campo científico, justamente para compreender a complexidade das produções simbólicas seja tanto nas artes como na(s) Ciência(s). Nesse eixo de raciocínio, o sociólogo explica que:

Para compreender uma produção cultural (literatura, ciência etc.) não basta referir-se ao conteúdo textual dessa, tampouco referir-se ao contexto social contentando-se em estabelecer uma relação direta entre o texto e o contexto. [...] Minha hipótese consiste em supor que, entre esses dois polos, muito distanciados, entre os quais se supõe, um pouco imprudentemente, que a ligação possa se fazer, existe um universo intermediário que chamo o *campo literário, jurídico, artístico ou científico*<sup>13</sup>, isto é, o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas. (BOURDIEU, 2004, p. 20).

A questão dos agentes a que se refere Bourdieu no excerto acima se configura como fio condutor, em nosso olhar, para abordarmos o conceito de *habitus*. O campo científico se plasma e se operacionaliza visceralmente pelo *habitus* que, a nosso ver, vai se liquefazendo através dos agentes até descortinar-se no campo por um todo. Neste sentido, usamos o termo liquefazer-se, no modo reflexivo, na medida em que o *habitus* caracteriza-se como uma reprodução de valores essencialmente inconscientes que irmanam de estruturas sociais e são incorporadas pelos atores sociais. Em outras palavras poderíamos dizer que o *habitus* começa a caracterizar-se como incorporação imanente de estruturas simbólicas de determinado espaço social. E tais estruturas, uma vez incorporadas, passam a ser reproduzidas também de modo imanente pelos atores sociais.

Tomando emprestadas, literalmente, as palavras de Pierre Bourdieu, o sociólogo nos explica que esse complexo conceito pode ser entendido a partir de um elaborado “sistema de categorias, percepções, de pensamentos, de ações e de apreciações. É o que faz com que diante de uma mesma situação duas pessoas vão ver de modos diferentes. Ou seja, vão construir uma realidade de maneiras diferentes”<sup>14</sup>. Nesse raciocínio, a noção de *habitus*, que já fora vista largamente nas Ciências Humanas, ganha em Bourdieu sua dimensão sociológica

<sup>13</sup> Grifos no original.

<sup>14</sup> C.f. entrevista concedida pelo sociólogo Pierre Bourdieu à televisão francesa em 1991. Logo após o lançamento de seu artigo que versava sobre a dominação masculina. No ano seguinte, o texto se transformaria em livro.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SH8yT7M8fag>

Acesso em: 08/09/2016.

na medida em que se distancia de outras percepções já exploradas pelas Ciências Humanas<sup>15</sup> e busca o cerne do entremeio das relações sociais com as estruturas nelas implicadas. Desta forma, o sociólogo nos explica que o conceito de *habitus* passa necessariamente por um:

Sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações de ações – e torna possível a realização de tarefas diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas (BOURDIEU, 1983, p. 65).

Em outras palavras, conforme observou Setton (2002, p. 62) o *habitus* vem da “necessidade empírica de apreender as relações de afinidade entre o comportamento dos agentes e as estruturas e condicionamentos sociais”. Nesse contexto é que a noção de *habitus* serve a nossa pesquisa e é em tal medida que está será usado em nosso estudo. Ou seja, a bagagem social que determinado pesquisador traz imanente em si vai se liquefazendo no campo, neste sentido, nos permitimos uma aproximação conceitual entre a noção de *habitus*, a partir de Bourdieu, e a percepção de dogma na investigação científica, tratada por Kuhn (2012). Tal visada a que nos permitimos no âmbito de nosso quadro teórico se justifica na medida em que se alinha com nosso objetivo geral que é o de compreender como a história social do campo científico da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas engendra e ao mesmo é engendrada pelo seu entorno.

Nesse sentido, tanto a noção de *habitus* como a do dogma na investigação científica, a nosso ver, são elementos imanentes que concebem necessariamente o campo. Assim forma-se uma urdidura recíproca entre Campo – Agentes – Investigações Científicas. Sendo recíprocas essas urdiduras, a ordem dos sintagmas estruturantes não precisa seguir uma ordem rígida de posições. Tal proposição por nós tecida busca lastro em Setton (2002) quando nos explica que a noção de *habitus*:

Surge então como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre a exterior e as realidades individuais. Capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades. *Habitus* é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano. (SETTON, 2002, p. 63).

---

<sup>15</sup> Desde a antiguidade, na Grécia antiga, Aristóteles já se usava tal conceito na forma de *hexis* que representava nada mais que características apreendidas em processos de aprendizagem. Da raiz grega deu-se a transposição para a raiz latina *habitus*. Mais tarde, o conceito volta a aparecer na obra de Émile Durkheim (Cf. SETTON, 2002, p. 61).

A partir dessa reflexão aproximamos da apropriação teórica que buscamos em Bourdieu quando vemos que o *habitus* é imanente a um contexto social. Está presente em um meio estruturante da sociedade seja ela de natureza científica, literária, jurídica, no âmbito esportivo etc. Tal conceito é incorporado pelos agentes ou atores sociais de determinado campo e tem reproduzidos seus valores nesse mesmo meio em que adquiriu de maneira inconsciente. Posto isso, é notório que determinado campo científico vai reproduzir o *habitus* de seu meio e é justamente neste tensionamento que situamos a problemática central de nossa pesquisa, ou seja, compreender como o campo científico da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas se desenvolveu tendo em vista sua interrelação com o contexto social a que esteve inserido. Para isso, revisamos a seguir a pesquisa em Comunicação no Brasil que por sua vez compreende o campo da Comunicação Organizacional e as Relações Públicas.

### 1.3 PESQUISA EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO: A ECA À GUIZA DE CINCO DÉCADAS DE INVESTIGAÇÕES

A pesquisa científica em Comunicação surge com rigor a partir dos programas de pós-graduação em Comunicação que foram se edificando no país a partir do começo da década de setenta. Nesse cenário vale ressaltar o pioneirismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP) que lançou o eco precursor da pós-graduação *stricto sensu*, em 1972, ao criar o primeiro programa de mestrado no país e o primeiro de doutorado, em 1980<sup>16</sup>. Tal movimento não foi isolado. À parte do pioneirismo da Universidade de São Paulo é fundamental destacar o papel da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) que ainda nos 1970 também iniciaram seus programas de estudos pós-graduados conforme quadro acerca dos cursos criados na década de 1970, conforme demonstra o Quadro 2.

Quadro 2 – Programas de Pós-graduação em Comunicação na década de 1970

<b>IES</b>	<b>Programa</b>	<b>UF</b>	<b>Mestrado</b>	<b>Doutorado</b>	<b>Tipo</b>
USP	Ciências da Comunicação	SP	1972	1980	Pública Estadual
UFRJ	Comunicação e Cultura	RJ	1973	1983	Pública Federal

<sup>16</sup> C.f <http://www3.eca.usp.br/pos/ppgcom>  
Acesso em 12/09/2016.

UnB	Comunicação	DF	1974	2002	Pública Federal
PUC-SP	Comunicação e Semiótica <sup>17</sup>	SP	1978	1981	Privada Confessional
UMESP	Comunicação Social	SP	1978	1995	Privada Confessional

Fonte: Romancini (2006, p. 99)

No parágrafo anterior destacamos a atuação da USP, UFRJ e PUC-SP, mesmo considerando a Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), as três primeiras são, até os dias atuais, as Instituições de Ensino Superior (IES) que mais formaram e as que mais formam pesquisadores e outorgaram títulos de mestre e doutor (C.f. ROMANCINI, 2006). Nosso foco não é delinear um inventário analítico dos programas de pós-graduação no Brasil, tal tarefa já fora desenvolvida em trabalhos como de Romancini (2006). Nosso foco centra-se no programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação da USP, especificamente da linha de pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação. Trazemos no Quadro 2 informações para mostrar que, à parte o pioneirismo da ECA, ela não esteve sozinha nesse percurso.

### 1. 3. 1 Lopes: à guisa de um estatuto disciplinar ou de um modelo metodológico

Em meados dos anos 1980, quando a pesquisa em Comunicação começa a caminhar em nível doutoral, no âmbito deste campo, Lopes desenvolvera sua pesquisa de doutoramento, em 1988, acerca de metodologia da Comunicação, sendo seu estudo referência quase isolada por anos a frente. À parte ter sido um dos primeiros estudos de maior fôlego a refletir não apenas sobre a questão metodológica da Comunicação, mas teve seu mérito também de traçar um levantamento significativo e qualitativo do emergente campo àquela época. Tal estudo àquele tempo mostrava um ponto que passados quase trinta anos pouco mudou, a escassez de trabalhos, cujas temáticas versam questões teóricas/metodológicas/epistemológicas. Nesse sentido, buscamos na autora reflexões sobre a constituição do campo da Comunicação e de seu estatuto disciplinar.

<sup>17</sup> O programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) teve sua criação em 1972, no entanto, àquela época o programa tinha seu foco na área da literatura. Denominava-se Programa de Estudos Pós-graduados em Teoria Literária. Tal programa fora desenvolvido pelos ilustres intelectuais, já falecidos, Décio Pignatari e Aroldo de Campo. Mais tarde, no início da década de 1960, somava-se ao grupo Lucrécia D'Aléssio Ferrara, docente daquela universidade até hoje.

Uma das questões que buscamos em Lopes acerca da constituição do estatuto disciplinar é a leitura que a autora faz da constituição do campo da Comunicação. Nesse caminho é quase consenso entre os autores que as pesquisas na área de Comunicação neste campo científico se forma pela transdisciplinaridade. Se tal questão já não é novidade nas pesquisas em Comunicação o que buscamos é compreender justamente o contexto que este termo ‘transdisciplinaridade’ se instaurou para fazer valer a autonomia ou quase autonomia – para os mais ortodoxos. Nessa linha de pensamento, Lopes (2006, p. 24) expõe que a área das Ciências da Comunicação configurou-se:

Um caso de luta para afirmar-se institucionalmente como *campo acadêmico transdisciplinar*<sup>18</sup> e para afirmar-se o estatuto *transdisciplinar* da comunicação. Este estatuto, como tratei de mostrar [...], não constitui um caso isolado, mas antes deve ser entendido como parte de um movimento contemporâneo de reconstrução histórica e epistemológica das ciências sociais. (LOPES, 2006, p. 24).

Esse tensionamento a que se refere a autora centra-se na questão outrora alinhavada por Octávio Ianni, especialmente, em sua obra acerca da sociedade global<sup>19</sup>. Isto porque, estamos a tratar de uma ruptura histórica na medida em que, conforme asseverou Lopes (2006), as ciências sociais emergem a partir de dois fenômenos caracterizados pela revolução industrial, por um lado, e pela revolução francesa por outro. Em outro contexto de ruptura histórica, vemos a sociedade global que passa a se colocar como ‘novo’ objeto de estudo das ciências sociais (C.f. LOPES, 2006). Nesse eixo conceptual, o sociólogo Octávio Ianni entende que:

Muitos de seus conceitos, categorias e interpretações são postos em causa. Alguns tornam-se obsoletos, outros perdem parte de sua vigência e há os que são recriados. [...] Como a problemática da globalização se encontra em processo de equacionamento empírico, metodológico e teórico apenas começa a ser percebida em suas implicações epistemológicas, como as questões de espaço e tempo, sincronia e diacronia, micro e macro, singular e universal, individualismo e holismo. (IANNI, 1994, p. 154-156).

Tal reflexão a nosso ver é imperiosa na medida em que situam as bases temporais epistemológicas pelas quais o campo da Comunicação começa se fortalecer. Nesse raciocínio cabe-nos seguir a vereda de como tais fenômenos sociais reverberam na institucionalização da Comunicação como campo no Brasil. Esse percurso faz-se necessário, a nosso ver, considerar premissas de Pierre Bourdieu outrora observadas por Lopes (2006, p. 17) sobre o campo da Comunicação na medida em que podemos considerar que “o campo científico é análogo ao

<sup>18</sup> Grifos no original.

<sup>19</sup> IANNI, Octávio. **A Sociedade Global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

acadêmico, pois residem aí tanto as condições de produção (sistema de ciência) como de sua reprodução (sistema de ensino)”. Esse tensionamento é essencial para apreendermos o modo como o campo da Comunicação se edificou em nosso contexto.

Se olharmos por esse binômio *sistema de ciência e sistema de ensino* que não pode de modo algum dissociado um do outro, isto porque o primeiro engendra o segundo. Desta forma, ancorado ainda em Lopes (2006) - e considerando o reposicionamento epistemológico dado por Ianni (1994) a partir da *sociedade global* – o *sistema de ciência* caminhou, grosso modo, por uma vereda auto-reflexiva. Isto significa dizer que tais investigações no âmbito da pós-graduação em Comunicação “têm se expressado, por exemplo, em trabalhos de reconstrução histórica do campo e de teorização dos objetos de pesquisa da comunicação<sup>20</sup>” (LOPES, 2006, p. 25). Neste cenário, a questão da transdisciplinaridade emerge na medida em que o paradigma da *sociedade global*, por sua ruptura histórica, impinge ao contexto de pesquisa. Essa é uma das razões pela qual a questão transdisciplinar aparece com pungência no campo da Comunicação<sup>21</sup>.

Outro tema de relevância para nossa investigação, que já fora abordado por Lopes (2001, 2004) em outra ocasião, se dá no entorno das condições da produção de pesquisa em Ciências da Comunicação. Neste eixo que envolve tanto o *sistema de ciência* como o *sistema de ensino*, a autora destaca três importantes instâncias para que se possa compreender de maneira crítica tal questão. A primeira se constitui no âmbito discursivo que reúne “paradigmas, modelos, instrumentos e temáticas que circulam em determinado campo científico. Trata-se propriamente da história de um campo científico, os percursos pelos quais vem se constituindo, firmando suas tradições e tendências de investigação”. (LOPES, 2004, p. 16). Nesse sentido, olhando pelo nível discursivo, as condições das pesquisas em Comunicação, num cenário teórico/epistemológico, têm percorrido temáticas circunscritas no âmbito de teorizações sobre o objeto de pesquisa da Comunicação e reconstruções históricas, conforme já mencionamos aqui outro estudo de Lopes (2006) em que a autora traz esse levantamento.

---

<sup>20</sup> É interessante notar que Lopes (2006, p. 25) expõe que a produção teórica, metodológica, epistemológica dos estudos de Comunicação é desenvolvida, grosso modo, por José Marques de Melo, Antônio Fausto Neto, a própria Maria Immacolata Vassalo de Lopes, Luiz Cláudio Martino, José Luiz Braga, Lucrécia D’Aléssio Ferrara, Muniz Sodré Cabral, Ciro Marcondes Filho, Lúcia Santaella e Francisco Rüdiger. Se olharmos para o quadro II observa-se que aquelas instituições que pioneiras em Pós-graduação em Comunicação no Brasil são as que abrigam esses pesquisadores mencionados. Poderíamos dizer que José Luiz Braga e Antônio Fausto Neto, estão na Unisinos, entretanto, Braga consolidou-se como professor na UnB e Fausto Neto na UFRJ. Ambos migraram para Unisinos após suas respectivas aposentadorias. Assim, a única exceção seria Rüdiger da PUC-RS.

<sup>21</sup> Ainda neste capítulo, ao abordarmos a contribuição de José Luiz Braga, debateremos a noção de transversalidade epistemológica que se apresenta como proposta mais emergente no campo da Comunicação com vistas a situar a Comunicação como campo autônomo.

A segunda instância das condições de pesquisa apontada por Lopes (2001, 2004) versa sobre a dimensão institucional, que nas palavras da autora, se materializam por meio dos “mecanismos que mediam as relações entre as variáveis sociológicas globais e o discurso científico, que se constituem em mecanismos organizativos de distribuição de recursos e poder dentro de uma comunidade científica”. (LOPES, 2004, p. 16). Nesse eixo de raciocínio, a nuance institucional constitui, a nosso ver, a ponte entre o *sistema de ciência* e o *sistema de ensino* na medida em que o *sistema de ciência* está vinculado com as variáveis sociológicas globais em consonância com o discurso científico. Por sua vez, as urdiduras dos mecanismos organizativos de divisão de recursos, bem como o poder no interior de determinada comunidade científica reverberam visceralmente no *sistema de ensino*. Ora, o que é pesquisável? Por que determinadas problemáticas se sobrepõem a outras no âmbito de divisão de recursos? De que maneira a autoridade científica, conforme já tratara Bourdieu (1976, 1982), engendra a dimensão organizativa de recursos? Tais questões iminentes ao fazer científico permeiam conseqüentemente o sistema de ensino e caracterizam a celeuma no interior do campo científico.

O terceiro eixo acerca das condições da investigação em Comunicação delineada por Lopes (2001, 2004) aproxima-se de nosso estudo uma vez que aborda o contexto histórico/social/cultural. Nesse terceiro núcleo encontra-se “as variáveis sociológicas que incidem sobre a produção científica, com particular interesse pelos modos de inserção da ciência e da comunidade científica dentro de um país ou no âmbito internacional”. (LOPES, 2004, p. 15). Essa nuance importa efetivamente a nosso trabalho na medida em que se aproxima do objetivo central de nossa pesquisa. Nesse raciocínio, encontramos em Lopes (2001, 2004) um dos alicerces para a compreensão de que o contexto histórico social incide nas condições de produção das investigações de um campo ou, um sub-campo, como é o caso da Comunicação Organizacional e Relações Públicas que se encontra albergado no “guardachuva” das Ciências da Comunicação.

### **1.3.2 Braga: a transversalidade epistemológica e a restauração da questão da Comunicação como ciência**

Se os trabalhos de Lopes os quais abordamos no tópico anterior trataram acerca das condições da produção das pesquisas em Comunicação, os trabalhos de José Luiz Braga versam sobre uma problemática frequentemente vista, discutida, debatida no âmbito de trabalhos teóricos em Comunicação. Teriam as Ciências da Comunicação um estatuto de

Ciência como as clássicas disciplinas das Ciências Humanas como Antropologia, Sociologia, Psicologia, Ciência Política etc.? É justamente no hiato desta questão que Braga nos aponta um realojamento da Comunicação como disciplina autônoma constituída. O cerne para tal realojamento é a noção de transversalidade na formação de novas disciplinas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Nesse raciocínio, não apenas a Comunicação, mas outras disciplinas como a Administração, podem ser vistas e realocadas por essa óptica.

O entendimento de transversalidade epistemológica para a constituição da área de comunicação caminha ao lado de dois importantes conceitos instaurados por Braga (2010) denominados enfrentamento e dispersão. Para o autor, na história das ciências humanas e sociais o movimento interdisciplinar “permite a colaboração entre visadas diferentes, apanhando aspectos de situações complexas que cada disciplina, isolada não apanharia” (p. 20).

Entretanto, no transcorrer das ciências humanas e sociais é percebido um tensionamento que se esbarra em uma dicotomia: disciplina ou campo de estudo. Nesse eixo, a disciplina seria a formalização e independência de determinada área do conhecimento. Já um mero campo de estudos mostraria a existência sim de uma área, mas ainda com dependência teórico-metodológica importados de outras frentes de estudos. É verdade que várias disciplinas modernas emergiram a partir das zonas de encontros entre disciplinas clássicas já desenvolvidas como a Bioquímica, Psicossociologia etc. Nesses casos, valendo-se da interdisciplinaridade, essas novas disciplinas trabalharam a organização da dispersão, ou seja, o reconhecimento dos aspectos teórico-metodológicos imanentes à nova disciplina bem como as contribuições importadas de áreas vizinhas. (cf. BRAGA, 2010).

Nesse percurso, é justamente nesse tensionamento que o autor problematiza a Comunicação. Organizar a dispersão não se resume a um inventário taxionômico do que foi desenvolvido pela Comunicação em relação às contribuições buscadas nas zonas de fronteiras com outras áreas do conhecimento. De modo canônico, as disciplinas clássicas como a História, Sociologia, Psicologia, dentre outras, se edificaram a partir de uma lógica positivista em que delineava assertivamente a articulação do método com o objeto. Nesse eixo:

Seria difícil assegurar, hoje, que o que garante seu estatuto como disciplina de conhecimento seja a definição positivista. Mesmo esse tendo sido o critério epistemológico, em sua origem histórica, para o reconhecimento de das cartas de nobreza acadêmicas, é preciso concordar que as extensões, sobreposições, compartilhamentos, tensionamentos com outras disciplinas, assim como as disputas internas, tornam difícil, senão impossível, explicitar com clareza original e o consenso generalizado a chave dupla de objeto e

método, para além da referência histórica aos começos. (BRAGA, 2010, p. 24).

A partir dessas reflexões cabe-nos a pergunta: quais os critérios e sustentações epistemológicas confeririam à Comunicação o status de uma disciplina? Braga propõe um caminho a partir de três eixos de reflexões. O primeiro assevera que os critérios positivistas não mais podem ser o ponto de clivagem para assunção de uma disciplina. Em seguida, reconhecer que “as metáforas ‘territoriais’, antes facilitadas pela exclusividade objetal e pelos mapas de percurso preferenciais propiciados pelo método apriorístico, são crescentemente ineficazes [...] para produzir conhecimento”. (BRAGA, 2010, p. 25).

Nesse contexto, pensar a validação de uma disciplina, muito além dos critérios positivistas, é preciso reconhecer os desenhos internos de cada disciplina. Desta forma, como propõe o autor, o objeto na área de Comunicação se formula primeiramente no campo conceitual. Além disso, uma disciplina é constituída também “pelos seus próprios requisitos internos, seu desenho específico de teorias, de epistemologia, de constituição de virada ontológica, de ângulos de enfrentamento com mundo, no trabalho da pesquisa”. (c.f. BRAGA, 2010, pp. 15-26).

Assim, reconhecendo a ductilidade dos conceitos positivistas para a emergência de uma disciplina, bem como os novos postulados apresentados por Braga (2010), vemos a emergência não apenas da Comunicação como disciplina autônoma, mas também o cerne de nosso trabalho, ou seja, a Comunicação Organizacional e as Relações Públicas, também refletidas por esse espelho ao qual a transversalidade nos faz olhar. Analogamente à Comunicação, as Relações Públicas e especialmente a Comunicação Organizacional emergem do binômio Comunicação (Ciências da Comunicação) / Organizações (Teorias Organizacionais, Administração). Pensar o estatuto disciplinar não apenas da Comunicação, mas necessariamente das Ciências Sociais Aplicadas pela vereda da transversalidade epistemológica configura, a nosso ver, um caminho possível para refletirmos sobre os novos fenômenos, problemas, dilemas e contradições do novo paradigma das ciências sociais, advindo de sua ruptura histórica, que dera lugar a *sociedade global*, conforme já pontuara Ianni (1992).

Nesse sentido, retomamos no capítulo a seguir os percursos de *Sistema de Ciência* e de *Sistema de Ensino* pelos quais a Comunicação Organizacional e as Relações Públicas se edificaram no Brasil.

## 2 DAS ITINERÂNCIAS ÀS TRAVESSIAS DE UM CAMPO CIENTÍFICO: O LEGADO DA COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E DAS RELAÇÕES PÚBLICAS

O Tempo só anda de ida.  
 A gente nasce, cresce, envelhece e morre.  
 Pra não morrer  
 É só amarrar o Tempo no Poste.  
 Eis a ciência da poesia:  
 Amarrar o Tempo no Poste!  
 E respondendo mais: dia que a gente estiver com tédio de viver é  
 só desamarrar o Tempo do Poste.

**Manoel de Barros**<sup>22</sup>

A especial escolha pelo conterrâneo poeta Manoel de Barros para abertura deste capítulo se dá justamente pela invariante a qual esta etapa busca tensionar. Os caminhos de emergência, desenvolvimento, descontinuidade, restauração que foram arregimentando-se no transcorrer do campo da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas enredadas no tempo presente. Este capítulo propõe-se a tensionar a constituição, bem como o legado deste campo transcrito no subtítulo desta seção. Nesse sentido, a nosso ver, considerando as reflexões já preconizadas pela História das Ciências, especialmente da segunda metade da década de 1970, onde se buscou desenvolver uma perspectiva que refutasse a deificação dos grandes cientistas, propõe-se aqui um olhar para esse campo de modo que possa enxergá-lo a partir das diversas nuances que o compõe.

Nesse sentido, entendemos que o campo da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas tem em sua edificação, além dos *sistemas de ciência* e do *sistema de ensino*, a atuação imanente dos atores sociais e das instituições que o cercam. Ao assumir e asseverar tal perspectiva parece-nos imperioso perfazer o caminho outrora trilhado por tal campo por meio de quatro veredas. Nesse eixo, deparamo-nos primeiramente com a dimensão exercida pelos atores sociais envolvidos nesse processo, bem como o legado no âmbito de institucionalização. Desta forma, neste primeiro eixo revisitamos a atuação dos primeiros pesquisadores, bem como sua contribuição na dimensão da institucionalização deste círculo de estudos.

A segunda pela qual o capítulo perpassa se dá pelo papel das instituições profissionais e científicas que promoveram o desenvolvimento profissional dos sistemas de *Ciência* e

<sup>22</sup> Resposta dada durante uma entrevista concedida à revista Caros Amigos em 2008. A entrevista completa pode ser lida em: <http://www.carosamigos.com.br/index.php/grandes-entrevistas/2675-manoel-de-barros>  
 Acesso em 24/09/2016.

*Ensino* das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional. Nesse sentido, busca-se nesse cenário compreender os entreatos os quais engendram nosso escopo de investigação. Sendo este cenário uma tessitura do tempo presente e, portanto, em andamento e constante dinâmico vemos a necessidade de arregimentar diferentes fontes para sua edificação. Assim, de modo diferente ao capítulo anterior, onde predominaram as fontes bibliográficas, recorreremos além dos livros à entrevistas, bem como documentos disponíveis em plataformas oficiais.

Nesse sentido, parece-me pertinente aclarar aqui que o desenvolvimento deste capítulo perpassa a experiência docente, especificamente no trabalho de monitoria da disciplina de Teoria e História de Relações Públicas, sob coordenação da professora doutora Maria Aparecida Ferrari – titular da cadeira- na qual tive a oportunidade de participar por três vezes, sendo uma em 2015, em 2016 e em 2017. Desta forma, o percurso deste capítulo busca alinhar, para além das referências bibliográficas, as experiências discentes transcorridas até aqui.

## 2.1 RELAÇÕES PÚBLICAS: TENSIONAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS

No âmbito das Ciências da Comunicação, não raro, a institucionalização de tais conhecimentos vem acompanhada das atividades profissionais que congregam a macro-área. Como exemplo, podemos observar o trabalho dos relações-públicas, jornalistas, publicitários, cineastas e, mais recentemente, dos educadores. Nesse sentido, em todas essas habilitações das ciências da comunicação é possível observar um duplo desenvolvimento; um na dimensão dos estudos acadêmicos e outro no âmbito do próprio trabalho desenvolvido por profissionais destas áreas. Nesse eixo de raciocínio, é pertinente mencionar que a institucionalização dos estudos universitários em todas essas habilitações, exceto a educação, começaram a ser desempenhadas no país antes da criação dos cursos universitários. Desta forma, a própria instauração de um curso universitário pode ser visto como um esforço de institucionalização. Assim como as outras habilitações da área da Comunicação, a prática das Relações Públicas também teve seu início muito antes da criação do curso universitário.

Nesse cenário, as Relações Públicas modernas se edificam no contexto do século XX, nos Estados Unidos, conforme já asseveram Grunig e Hunt (1984), bem como Kunsch (2006). O modo como as Relações Públicas se desenvolveram nos EUA podem ser vistas a partir de quatro modelos, os quais foram cunhados pela pesquisa publicada no início da década de

oienta pelos professores James Grunig e Todd Hunt. Nesse estudo, esses pesquisadores observaram que as Relações Públicas, no transcorrer do século XX, haviam se edificado basicamente por meio dos modelos de *Agência de Imprensa e Informação*, de *Informação Pública*, *Assimétrico de duas mãos* e *Simétrico de Mão Dupla*. Esse constructo teórico representa não somente um inventário sobre como os trabalhos dos relações-públicas se arquitetaram – no caso dos dois primeiros modelos – como também apresentou um reposicionamento epistemológico das Relações Públicas, neste caso em razão dos dois últimos modelos.

Não buscamos aqui traçar um inventário das teses de James Grunig, entretanto, a nosso ver, é imperioso delinear esse polinômio dos modelos de Relações Públicas que inclusive redimensionam seu *status* epistemológico, bem como nos oferece um olhar crítico no tocante a restauração do *status quo*. Dessa maneira, é possível ainda, a nosso ver, delinear as imbricações de tais modelos com seu contexto social. Desde o fim do século XIX, a ductilidade da imagem das grandes indústrias, bem como dos grandes empresários demandaram um trabalho específico de mediação<sup>23</sup> entre as organizações e a sociedade, sobretudo em razão de questões como a transparência e opinião pública. É neste contexto social que emergem as Relações Públicas modernas. (Cf. FERRARI, 2015; GRUNIG, FERRARI, FRANÇA, 2011; KUNSCH 2006).

Naquele contexto específico do fim do século XIX, a sociedade americana assistiu à emergência de conflitos entre a classe operária frente às indústrias e, principalmente, ao empresariado. Àquela época, viu-se a ductilidade da imagem de grandes empresários frente à opinião pública. Dois grandes exemplos que são citados com frequência na literatura sobre Teoria e História de Relações Públicas são os casos dos empresários John Rockefeller e Willian Vanderbilt. É a partir dos primeiros trabalhos de Ivy Lee e de Edward Bernays que as atuações em Relações Públicas começam a se edificar. Nesse sentido, a partir de assessorias e de agências criadas naquela sociedade, tais trabalhos tinham por objetivo “melhorar a relação dos milionários com a opinião pública, uma vez que até então esses só se dedicavam a ganhar dinheiro mediante exploração dos trabalhadores” (Cf. FERRARI, 2015, p. 219).

Algumas das táticas empregadas para a reversão da imagem desgastada de tais empresários foi a atuação em filantropia e mecenato. Se esses foram os trabalhos precursores, é pertinente ainda ressaltar maior câmbio nas Relações Públicas ocorreu no contexto do fim

---

<sup>23</sup> Utilizamos o termo mediação aqui no sentido mais lato da palavra. Não estamos fazendo menção direta ao constructo teórico desenvolvido pelo pesquisador espanhol, naturalizado colombiano, Jesús Martín-Barbero.

da Segunda Guerra Mundial quando os trabalhos passaram a uma condição mais estratégica. Nesse sentido, Ferrari acrescenta que:

Tanto Lee como Bernays alicerçaram as bases para o desenvolvimento das Relações Públicas nos Estados Unidos em um momento crucial em que a Europa estava devastada pelas duas grandes guerras. O período que colocou a profissão no seu ápice foi logo após a Segunda Grande Guerra Mundial, momento em que as Relações Públicas começaram a ser praticadas sob o enfoque estratégico. (FERRARI, 2015, p. 219).

Essa “passagem” de enfoque instrumental para estratégico é um ponto fulcral na consolidação da profissão, sobretudo, na dimensão deontológica. Isto porque se nos primórdios da atuação de Lee e Bernays buscava-se maquiagem a atuação das indústrias e dos empresários, àquela época calcada na mera exploração do trabalho operário, a busca de um enfoque estratégico visa a mediação e diminuição do(s) conflito(s) entre a organização e seu entorno, em outras palavras podemos aclarar que as Relações Públicas estratégicas tem por função *sine qua non* a diminuição de conflito entre as organizações e seus públicos estratégicos. Essa questão situada historicamente no fim da segunda grande guerra é, a nosso ver, um primeiro redimensionamento epistemológico/deontológico das Relações Públicas.

Nesse contexto, quando os profissionais e pesquisadores começam a enxergar que há essa ductilidade em meramente maquiagem a imagem das organizações para então buscar a minimização de conflitos, buscando uma dimensão mais simétrica possível percebe-se então um movimento dialético/epistemológico/deontológico. Nesse eixo de raciocínio, há um argumento ilustrado por Ferrari (2011) que a nosso ver corrobora nossa esclarecimento. Segundo a autora, a partir do fenômeno da globalização, as organizações e, conseqüente, as Relações Públicas e os relações-públicas necessitam refletir acerca de sua atuação como imanente a um cenário que, por sua vez, congregam tendências. Se no fim do século XIX, bastava um trabalho de filantropia ou mecenato para maquiagem a atuação dos milionários em relação à exploração da classe operária, em uma sociedade globalizada e conectada – haja vista a revolução tecnológica que relativizou o modelo canônico de comunicação<sup>24</sup> e colocou o receptor em posição horizontal -, as Relações Públicas estratégicas preconizam sua restauração epistemológica/deontológica na medida em que apregoam a:

---

<sup>24</sup> Não somente no campo específico das Relações Públicas, mas Comunicação como um todo houve grandes mudanças epistemológicas. Na primeira metade do século XX, consagrou-se o modelo de comunicação, proposta pelo sociólogo Harold Lasswell, segundo o qual a comunicação se concretizava por meio de um modelo vertical que começava pelo Emissor e terminava no receptor. Neste modelo unilateral buscavam-se as seguintes dimensões: que – diz o quê- para quem- em que canal- com quais efeitos. O modelo de Lasswell pressupõe um receptor passivo. O advento tecnológico relativizou tal modelo na medida em que possibilitou uma dimensão horizontal, ou seja, o receptor passa a ser emissor, bem como o emissor passa a ser receptor. Nesse sentido, as organizações antes emissoras no modelo de Lasswell passam a ser receptoras no modelo horizontal. Esse fenômeno a nosso ver reforça o papel das Relações Públicas Estratégicas.

Pressupõe a incorporação de novos valores decorrentes do redirecionamento do foco dos negócios: o lucro importa, mas já não é suficiente. Importa também que, no cumprimento de sua função, as organizações incluam em seus objetivos estratégicos as contribuições que elas podem dar para a sobrevivência do sistema social, contemplando questões como o desenvolvimento sustentável, responsabilidade social, direito do consumidor e exercício pleno da cidadania. (FERRARI, 2011, p. 141).

Os modelos de Relações Públicas identificados pelos professores e pesquisadores James Grunig e Todd Hunt (1984) mostram com clareza essa passagem do enfoque instrumental para a dimensão estratégica. A nosso ver, os quatro modelos identificados são uma exegese social/histórica/dialética/epistemológica/deontológica do campo e da atuação em Relações Públicas. Antes de elucidarmos essa visão exegética dos modelos, trazemos no quadro abaixo uma ilustração acerca da caracterização de cada um desses quatro modelos, de acordo com o Quadro 3.

Quadro 3 – Modelos de Relações Públicas Identificados por Grunig e Hunt

<b>Modelo</b>	<b>Caracterização</b>
1 – Agência de Imprensa/Informação	Modelo de caráter unidirecional calcado na máxima disseminação de informações sobre a organização nos veículos de imprensa com vistas à atingir a opinião pública.
2 – Informação Pública	Segue o caráter unidirecional do modelo I, mas congrega e busca disseminar informações de utilidade pública para promover a organização nos meios de comunicação frente à opinião pública.
3 – Assimétrico de Mão Dupla	Marca a ruptura com o caráter assimétrico e torna-se o primeiro modelo a propor uma “escuta” do receptor. Entretanto, é imperioso ressaltar que esse suposto movimento em direção ao receptor se dá apenas em uma relação de persuasão. Ou seja, frente a um conflito, este modelo de Relações Públicas vai atuar no sentido de persuadir os públicos envolvidos e não efetivamente em debater o conflito.
4 – Simétrico de Mão Dupla	Consolida a tradição simétrica e distancia-se do modelo persuasivo do modelo III. Nesse sentido, frente a um conflito, por exemplo, este modelo de Relações Públicas busca, junto aos públicos envolvidos, uma resolução ou a minimização do conflito. Passa a considerar efetivamente o cenário em que a organização está circunscrita com vistas a uma prática ética.

Fonte: Adaptação feita pelo autor a partir da obra de Grunig e Hunt (1984); Grunig (2011).

É uma reflexão social exegética na medida em que desde o primeiro ao último modelo congregam signos do social. Ou seja, desde a ausência de leis trabalhistas ao fenômeno da globalização, bem como a “revolução tecnológica” são dimensões sociais que incidiram e incidem, todavia, no modo de se pensar as Relações Públicas. É histórica uma vez que todos esses fenômenos sociais são podem ser compreendidos minimamente sem sua problematização histórica.

Nesse sentido, embora o primeiro modelo identificado não seja um exemplo de Relações Públicas estratégicas e ética, mas enxergá-lo sem uma problematização histórica nos incorreria resvalar em um anacronismo. Logo a Teoria e História de Relações Públicas precisam ser vistas, assim como qualquer campo do conhecimento e atuação profissional, como um processo social circunscrito largamente em uma realidade espaço-temporal. Se assumirmos esse argumento como possível e aceitável fica fácil perceber a dimensão dialética imanente aos modelos cunhados por James Grunig e Todd Hunt (1984). Embora seja possível afirmar que haja pequenos movimentos dialéticos de um modelo para o outro, mas a nosso ver, a dialética acentua-se justamente na cisão entre o segundo e o terceiro modelo.

Ainda na cisão bem marcada entre o segundo e o terceiro modelo de Relações Públicas, *a posteriori* da dimensão dialética que falamos anteriormente, vemos a reorganização epistemológica que vai se concretizar no quarto modelo. Em analogia ao delineamento do processo de revolução científica apontado por Kuhn (2011) podemos situar o entremeio do segundo com terceiro modelo como a condição em que um paradigma não consegue dar conta de elucidar os fenômenos encontrados, ou seja, a anomalia. Nesse sentido, o modelo um e dois de Relações Públicas encontrar-se-iam na dimensão de *Ciência Normal*, ao passo que a descontinuidade entre o segundo e o terceiro modelo marcaria a *Ruptura/Crise* daquela forma de se conceber como aceitável e praticável tais ações de Relações Públicas. A constituição do terceiro modelo configuraria o período de *Ciência Extraordinária*.

Ainda o terceiro modelo de Relações Públicas perpassaria o período de *Ciência Extraordinária* e alcançaria ainda parte da fase de *Revolução Científica* na medida em que marca a falseabilidade dos modelos assimétricos e caminha no sentido de aceitação de nova corrente de pensamento que tem por função corrigir a anomalia encontrada. Aqui podemos mencionar como anomalia mor a dimensão assimétrica/simétrica que marca a passagem do segundo para o terceiro modelo. Nesse eixo de raciocínio, poder-se-ia situar o quarto modelo Relações Públicas mais para final do período de *Revolução Científica*, uma vez que este ajuda a corrigir a anomalia da cisão. Embora o quarto modelo de Relações Públicas identificado por Grunig e Hunt (1984) pode ser situado no fim do período de *Revolução Científica*,

acreditamos que ele se localiza, mormente na dimensão do *Agrupamento do Novo Paradigma*, na medida em que se propõe a alinhar a nova corrente – no caso da Relações Pública falamos da questão simétrica- alinhada com os novos conceitos aceitos pelo novo paradigma com vistas a elucidar e buscar resoluções às demandas pelas quais se engajaram ao identificar a anomalia e promoverem o processo de cisão/ruptura do paradigma anterior.

Essa argumentação teórica tecida por meio de aproximações entre o seminal estudo dos modelos de Relações Públicas identificados por Grunig e Hunt (1984) e a operacionalização das ciências proposta por Kuhn (2011) pode ser ilustrada conforme a Quadro 4.

Quadro 4 – Desenvolvimento Científico das Relações Públicas

<b>Fases do Processo Científico</b>	<b>Caracterização das Fases do Processo Científico</b>	<b>Analogia aos Modelos de Relações Públicas</b>
Constituição do Paradigma	Diversidades encontradas na natureza; Desordem das atividades científicas;	Contexto de conflitos entre operários, empresários e a opinião pública no fim do século XIX;
Ciência Normal	Uma vez sistematizados conceitos, as atividades científicas transcorrem e os embates diminuem;	Atuação de Lee e Bernays; Constituição dos modelos assimétricos de I- Agência de Imprensa/Informação e II- Informação Pública;
Ruptura\ Crise	Fenômenos não abordados pelo paradigma vigente emergem e provocam uma ruptura; percebe-se a desordem similar ao primeiro sintagma deste quadro.	A relativização do modelo canônico de comunicação, o primeiro olhar para o receptor e a cisão entre a tradição assimétrica. A questão da assimetria é o pivô da anomalia.
Ciência Extraordinária	A partir da ruptura, este período é marcado por embates entre as novas concepções desenvolvidas pelas correntes científicas;	A partir da ruptura com as práticas assimétricas, vê-se um primeiro horizonte à guisa da simetria, por meio modelo simétrico de mão única.
Revolução Científica	Versa sobre a aceitação da(s) nova corrente de pensamento, desenvolvida na fase anterior, que buscará corrigir a anomalia identificada da crise\ruptura;	Consolidação e aceitação de práticas e visões simétricas entre organizações e seus públicos. Na fase final da revolução entra em cena o quarto modelo simétrico de duas mãos.

Agrupamento de Novo Paradigma	Tem-se a constituição de nova corrente calcada nas novas concepções aceitas sobre o (s) novo (s) fenômeno/anomalia identificado(s) na crise/ruptura.	Uma vez consolidada a tradição simétrica, o quarto modelo de Relações Públicas atua no eixo de reparação da anomalia observada.
-------------------------------	--	---

Fonte: Desenvolvido pelo autor a partir de aproximações teóricas entre a obra de Kuhn (2011) e de Grunig e Hunt (1984).

Por fim, os modelos de Relações Públicas observados e elucidados por Grunig e Hunt (1984) são uma reflexão deontológica na medida buscam delinear uma conduta ética da prática das Relações Públicas. Nesse sentido, mas especificamente no quarto modelo onde se nota a preocupação ética da minimização dos conflitos em todos os âmbitos que envolvem a organização. Ou seja, não se trata mais de buscar construir uma imagem da organização calcada em ações pontuais de apelo social, mas sim de constituir um conceito a partir de todas as práticas da organização num movimento horizontal que busca o chegar o próximo possível da simetria de mão dupla em relação aos públicos estratégicos. Nesse eixo de raciocínio, o quarto modelo de Relações Públicas congrega não apenas um *Agrupamento de Novo Paradigma*, como propusemos no Quadro 3.

Desta forma, a constituição da organização pela vereda simétrica de mão dupla indica uma mudança de mentalidade da coalizão dominante, ou seja, assumir as Relações Públicas como uma função estratégica que visa situar a organização no contexto espaço-temporal e colocar em ponto de mediação a organização com seu entorno nos abre caminhos para refletir temas contemporâneos os quais as organizações não podem se furtar. Pensemos rapidamente no tocante às questões como responsabilidade social, ou ainda a institucionalização de *compliance*<sup>25</sup>. Buscar padrões éticos, aceitáveis de atuação em setores ainda sem regulamentação específica com vistas a diminuir possíveis conflitos ou desvios são indícios de práticas simétricas que, por sua vez, aproxima-se de uma consolidação deontológica de atuação.

Nesta primeira vereda buscamos situar a emergência das Relações Públicas, bem como seu desenvolvimento teórico-profissional tecendo aproximações com a operacionalização das ciências, enfatizando que a própria trajetória desse campo já o confere ares de cientificidade, não na retrógrada concepção positivista cujas credenciais demandariam necessariamente um

<sup>25</sup> Termo da língua inglesa que vem do verbo *to comply*, cujo significado para o português pode ser algo como o cumprimento de regras e regulamentos internos e externos à organização e ao setor de atuação de determinada empresa. Nesse sentido, a atividade de *compliance* emergiu no contexto de organizações financeiras para desenvolvimento de padrões normativos de atuação e regulamentação. Nesse sentido, essa prática visa aperfeiçoar um padrão de conduta aos negócios cuja normatização ainda não está bem definida em legislação.

objeto e um método, mas sim na dimensão epistemológica que, conforme apontamos, cabe perfeitamente no processo de operacionalização das ciências, proposta por Kuhn (2011). Entretanto, o foco central de nossa investigação gira em torno da história social deste campo no Brasil. Desta forma, passamos a cercar o contexto da problematização de nossa pesquisa, ou seja, as trajetórias no âmbito do desenvolvimento e institucionalização da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas no cenário brasileiro.

## 2.2 O LEGADO BRASILEIRO: TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS E PROFISSIONAIS

Conforme pontuamos anteriormente, no âmbito das habilitações das Ciências da Comunicação no Brasil, a atuação profissional veio anteriormente à constituição da educação formal, como o curso universitário. Mesmo nos Estados Unidos, berço das Relações Públicas modernas, Ivy Lee, antes de atuar no assessoramento dos empresários, veio de uma trajetória jornalística. No Brasil não fora diferente. Nesse sentido, ao buscarmos um grito precursor desta atividade profissional e, mais tarde do campo acadêmico, assumindo o risco de resvalar em um genesismo, optamos por resgatar a atuação de dois atores sociais cruciais, a nosso ver, nesses processos. Trata-se de Eduardo Pinheiro Lobo (1876-1933) e Cândido Teobaldo de Souza Andrade (1919-2003); no campo profissional e no desenvolvimento teórico e institucional do campo, respectivamente.

### 2.2.1 Eduardo Lobo: o desafio da implantação da profissão de Relações Públicas

Da engenharia ao desafio de implantar a precursora atividade de Relações Públicas num contexto onde sequer havia curso superior nesta área ou mesmo universidade no Brasil<sup>26</sup>. Em linhas gerais, foi naquele contexto em que o engenheiro Eduardo Lobo deparar-se-ia ao ingressar, ainda na alvorada do século XX, na então recém chegada *The São Paulo Tramway Light and Power Co.* Alagoano, nascido no interior daquele Estado, em Penedo, na segunda metade do século XIX, Eduardo Lobo desenvolvera seus estudos secundários no Colégio Militar no Estado do Rio de Janeiro. É no contexto da revolta armada, no fim do século XIX, onde uma ala da Marinha do Brasil, apoiada pela recente oposição monarquista à República,

---

<sup>26</sup> É preciso salientar aqui que passamos a considerar como primeira universidade do país, a Universidade do Brasil, hoje denominada Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, cuja fundação como universidade se deu em 1920. De 1792 a 1920, esta instituição atuou como Real Escola de Artilharia, Fortificação e Desenho tornando-se universidade somente na primeira metade século XX.

Cf. <https://ufjf.br/noticia/2016/09/09/ufjf-completa-96-anos-e-lanca-marca-comemorativa>  
Acesso em: 06/10/2016.

promove uma revolta contra o governo do então presidente Floriano Peixoto, que Eduardo Pinheiro Lobo deixa o Brasil. (cf. TORRES, 2002a).

Ao mudar-se para Inglaterra, o alagoano cursou engenharia e ao regressar ao Brasil passou a residir em São Paulo onde por algum tempo atuou em algumas indústrias até ingressar, efetivamente, na *Light*<sup>27</sup>. É a partir da instalação da Light no Brasil que o primeiro departamento de Relações Públicas é criado no país para prestar informações ao público sobre esta empresa. Nesse sentido, Torres acrescenta que:

O primeiro serviço de Relações Públicas na América do Sul tem seu marco histórico no Brasil, em 1914, quando a direção da antiga “The San Paulo Tramway Light and Power Company Limited”, hoje Eletropaulo, criou o departamento de Relações Públicas. Na ordem de serviço que criava o departamento e a designação de Eduardo Pinheiro Lobo para diretor, estavam traçados os objetivos das Relações Públicas e o aparecimento do primeiro diretor de Relações Públicas no Brasil. (TORRES, 2002b, p. 03).

À frente deste departamento, Eduardo Lobo permaneceu, por quase 20 anos, até 1933 ano de sua morte. Esse marco inovador para a sociedade brasileira daquela época reverbera acerca do início dos trabalhos em Relações Públicas uma vez que tal iniciativa buscou “harmonizar os interesses diversos da empresa e do público, facilitando a cooperação e a credibilidade entre eles. A repercussão deste trabalho teve ecos importantes, que ficaram para sempre marcados na história da comunicação brasileira”. (TORRES, 2002b, p. 04). Desta forma, tal iniciativa abriu caminho, por exemplo, para que anos mais tarde, já na década de 1940, no contexto da segunda grande guerra, fosse implantado um departamento de Relações Públicas na então Companhia Siderúrgica Nacional, fundada em Volta Redonda, no Rio de Janeiro. (cf. KUNSCH, 1997).

É pertinente destacar aqui que este segundo projeto constituíra-se como uma espécie de “experiência brasileira” de Relações Públicas na medida em que fora desenvolvida em âmbito nacional, diferenciando-se da iniciativa da Light que importara os modelos de Relações Públicas da América do Norte. As experiências dessas organizações já demonstravam a necessidade cabal de atuação das Relações Públicas na mediação entre empresas e a sociedade. Foi nesse caminho que, conforme nos ensina Torres (2002b):

---

<sup>27</sup> Empresa de origem canadense, a *The São Paulo Tramway Light and Power Co* foi criada na província de Ontário e passou a prestar serviços de distribuição de energia elétrica na cidade de São Paulo na passagem do século XIX para o séc. XX. Em 1979, já com o nome de Light Serviços de Eletricidade S.A., a empresa foi vendida para a Eletrobrás e anos mais tarde foi comprada pelo governo do Estado de São Paulo e transformada na atual Eletropaulo.

Cf. <http://www.comciencia.br/resenhas/histenerg.htm>

Acesso em: 06/10/2016.

A Escola Brasileira de Administração, da Fundação Getúlio Vargas, promove, em 1953, um curso de Relações Públicas, ministrado por Eric Carlson<sup>28</sup>, difundindo o interesse pela causa de Relações Públicas que o legado de Eduardo Pinheiro Lobo suscitara em toda a Nação. (TORRES, 2002b, p. 04).

Acerca deste último ponto ressaltado por Torres (2002b), Kunsch (2006) faz uma interessante comparação entre a atuação de Ivy Lee, nos Estados Unidos, e de Eduardo Pinheiro Lobo, no Brasil. Nesse sentido, ambos estariam paralelamente para seus respectivos países para emergência desta profissão. Na mesma ocasião, Kunsch (2006) nos apresenta um curioso paralelo entre Bernays e Cândido Teobaldo. Se, por um lado, Lee e Lobo tiveram o mérito de promover o passo precursor, Bernays e Cândido Teobaldo configuram o seminal passo para a institucionalização do conhecimento em Relações Públicas, permitindo a partir de tais estudos maior lastro para a continuidade e aperfeiçoamento da profissão. É por tal caminho que nos enveredamos a partir daqui, a institucionalização dos estudos de Relações Públicas<sup>29</sup>.

### 2.2.2 Cândido Teobaldo: a pesquisa e o campo acadêmico em Relações Públicas

A institucionalização acadêmica da área de Relações Públicas passa necessariamente pelo trabalho intelectual de Cândido Teobaldo de Souza Andrade. Embora antes da efetiva criação do curso de graduação em Relações Públicas já houvesse pequenos cursos, como o já citado trabalho de Eric Carlson, o desenvolvimento da carreira universitária em Relações Públicas perpassa um contexto sócio-histórico que merece atenção. Situar Cândido Teobaldo nesse torvelinho nos ajuda a compreender algumas supostas contradições desse processo histórico. Nesse sentido, podemos enxergar a atuação do professor Teobaldo em duas importantes frentes; seguinte abordagem já desenvolvida no primeiro capítulo, é possível identificar o trabalho de Cândido Teobaldo na dimensão do *Sistema de Ciência*, na medida em que suas pesquisas passam a contribuir visceralmente para dar lastro ao capital científico das Relações Públicas, bem como na dimensão do *Sistema de Ensino*, uma vez que seus esforços estão diretamente ligados à criação do primeiro curso superior em Relações Públicas no Brasil.

<sup>28</sup> Foi um professor norte-americano responsável por ministrar o primeiro curso de Relações Públicas no Brasil. O curso desenvolvido na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, contou com patrocínio da Organização das Nações Unidas. (Cf. KUNSCH, 1997).

<sup>29</sup> Não é nossa intenção alinhar um inventário cronológico sobre o desenvolvimento das Relações Públicas no Brasil. Tal empreendimento já pode ser encontrado na literatura da área. Para uma cronologia completa ver: KUNSCH, Margarida. **Relações Públicas e Modernidade: novos paradigmas na comunicação organizacional**. São Paulo: Summus, 1997. (pp. 47-52).

Antes de asseverarmos sobre esses dois sistemas é imperioso retomar aqui o contexto político da década de 1960, sobretudo, após 1964 quando o sistema político brasileiro deixa de ser democrático e passa a ser governado pelos militares. O ano de 1967 foi emblemático para área de Relações Públicas. Por meio da lei 5.377 promulgada em dezembro de 67, com regulamentação em setembro de 68 que institui a carreira universitária no país, tornando-a condição *sine qua non* para o exercício da profissão. Nesse sentido, não se pode deixar de reconhecer que foi um passo importante para a carreira universitária, uma vez que tal acontecimento tornara-se, conforme nos ensina Kunsch (1997), o:

Fato mais importante da década, comemorado na época pelo seu pioneirismo, pois o Brasil foi o primeiro país do mundo a tomar tal iniciativa. Mas esta, como logo seria dado a perceber, acabou se constituindo em sério obstáculo para o crescimento e a consolidação da área. [...] A regulamentação da profissão deu-se de forma prematura, pois esta ainda não havia se firmado nem na teoria nem na prática, ou seja, não era reconhecida pelo meio acadêmico e pela sociedade, apesar dos esforços feitos nesse sentido. (KUNSCH, 1997, p. 22-23).

Esse apontamento de Kunsch (1997) nos abre caminho para refletir sobre o que havia por trás dessa “ousada” iniciativa por parte do governo. Se, conforme a pesquisadora salientou que em tal época havia ainda certo grau de “imaturidade” e falta de legitimação prática e teórica, por que então instituir naquele momento uma carreira universitária e um conselho que fiscalizasse a atuação dos profissionais? Nenhum dos autores aqui alinhavados preconizam a não-profissionalização, tampouco rechaçam a presença e importância de um conselho que acompanhe o desenvolvimento da profissão. Entretanto, a questão central que não podemos perder de vista nos idos da década de sessenta era que o governo militar que buscava controlar a comunicação, bem como os meios de comunicação.

Se por um lado, a regulamentação da profissão propiciou a emergência da formação universitária, por outro foi deletério para imagem da profissão. Se a intenção por parte do governo era controlar a comunicação, ou seja, tal cenário já descaracteriza o princípio ético das Relações Públicas. Tal como o Jornalismo, a condição *sine qua non* para o desenvolvimento de Relações Públicas é a democracia. Nesse sentido, controlar a comunicação caminha mais para um ato publicitário. Aqui assumimos o pressuposto de que as Relações Públicas precisam ser estratégicas e, nesse contexto, desenvolver com maior transparência possível a mediação entre as organizações e a sociedade. Ainda em reflexão sobre a extemporânea regulamentação das Relações Públicas no Brasil, Kunsch (1997) nos traz um importante dado histórico quando afirma que a decisão da regulamentação não foi um tema debatido coletivamente com a categoria. Nesse raciocínio, a autora pontua que:

Na verdade, como uma iniciativa isolada, um diretor da seção do então Estado da Guanabara da Associação Brasileira de Relações Públicas preparou um anteprojeto que, transformado no projeto de lei nº. 3.275/65, levado à Brasília pelo deputado Hebert Levy, pegou a categoria de surpresa pelas “barbaridades<sup>30</sup>” do texto. O Conselho Nacional da Entidade promoveu uma reunião de emergência com alguns membros, revisou às pressas o original e, por meio de seu presidente, Ney Peixoto do Vale, e da seção brasiliense, assessorou o deputado Evaldo de Almeida Pinto na apresentação de um substitutivo, que acabou sendo aprovado. (KUNSCH, 1997, p. 23).

O próprio Teobaldo, em entrevista realizada por Kunsch (1997), revela certo descontentamento com a maneira precoce e pouco debatida pela qual a carreira de Relações Públicas tenha sido institucionalizada. Entretanto, à parte tal descontentamento, Cândido Teobaldo seguiu sua carreira em Relações Públicas. Atou na criação de cursos universitários, desenvolveu pesquisa, escreveu obras seminais que marcaram o início de uma literatura especializada em Relações Públicas no país. Tornou-se o primeiro doutor (1975) e primeiro professor livre-docente (1978) na área de Relações Públicas no Brasil, chegando ao grau de professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo em 1985. (Cf. FERRARI, 2015). É certo que Teobaldo buscara referências na literatura estrangeira conforme aponta Kunsch (2006) ao asseverar que Teobaldo buscara lastro, por exemplo, em Edward Bernays. Sem embargo, é inegável a contribuição da literatura escrita por Cândido Teobaldo.

Após o contexto, já apresentado aqui, que levou a institucionalização da carreira de Relações Públicas, ainda em 1967, a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo inaugura o primeiro curso de graduação em Relações Públicas, no país, com duração de 4 anos. (Cf. FERRARI, 2015). Nesse movimento precursor, os escritos de Cândido Teobaldo tornaram-se lastro da recém-institucionalizada carreira de Relações Públicas. Antes da criação do curso de graduação, Teobaldo já se dedicara a ministrar inúmeros cursos de formação, bem como escrevera vários artigos em periódicos acadêmicos e técnicos, bem como em jornais e o desenvolvimento de apostilas didáticas. (Cf. FORTES, 2008). Por uma questão de recorte, não buscamos uma abordagem sistemática de toda obra de Cândido Teobaldo, entretanto, apresentamos no Quadro 5 uma síntese de seus principais trabalhos publicados na forma de livros.

---

<sup>30</sup> Grifos no original.

Quadro 5 – Síntese da Obra de Cândido Teobaldo de Souza Andrade

Ano	Obra	Síntese
1962	Para Entender Relações Públicas	Percorre a tradição sociológica para poder conceituar o que é Relações Públicas. Define conceitos fundamentais como multidão, massa e público. Aborda temática da opinião pública, bem como uma das questões centrais a ainda central que são os processos em Relações Públicas.
1970	Curso de Relações Públicas	Escrito a partir dos inúmeros artigos publicados anteriormente, este livro reúne os principais conceitos básicos da área. Já debate a questão tecnológica e seus possíveis impactos no trabalho de Relações Públicas. Preconiza discussões sobre responsabilidade social. Apresenta sua taxonomia de públicos, bem como delinea o conceito de ação conjugada, este se daria após o debate entre os públicos. Discute àquela época as Relações Públicas Internacionais.
1975	Psicossociologia das Relações Públicas	Sua principal obra decorrente de seu estudo doutoral. Busca embasamentos na psicologia e sociologia para entender as dinâmicas sociais, especialmente dos públicos. Nesse sentido, defende que a opinião começa se formar por meio do debate de assuntos ligados a cada seção de um público formado. Assim, um público se edifica na medida em que tenham condições para se organizarem, discutirem, afastarem-se da dimensão irracional e alinhar questões racionais de interesse de tal grupo que possam afetá-los futuramente.
1978	Dicionário Profissional de Relações Públicas e Comunicação	Apresenta detalhadamente aspectos históricos, de caráter legislativo da profissão, bem como o papel dos profissionais e do ofício de Relações Públicas. Caracteriza-se por um dicionário específico da profissão que congrega ainda termos anglo-saxônicos que são usados de forma corrente no Brasil.
1982	Administração de Relações Públicas no Governo	Este trabalho decorre de sua pesquisa de livre-docência. A partir de sua trajetória como advogado, no segmento de direito administrativo, traça as diferenças entre poder político e poder de governo. Traz uma taxonomia do Poder Administrativo. Defende a controvérsia no Poder Administrativo como forma de materialização da opinião pública, como agente influenciador das ações e, principalmente, decisões governamentais.
1988	Como Administrar Reuniões	Embora o título possa indicar um manual, esta obra toma a temática das reuniões para debater processos, na medida em que as reuniões são compreendidas como suportes para comunicação oral dirigida. Aborda ainda uma taxonomia de reuniões, bem como dos membros participantes das reuniões.

Fonte: Quadro desenvolvido pelo autor a partir dos textos de Ferrari (2015) e Fortes (2008).

A obra completa de Cândido Teobaldo configurou bibliografia de referência para as primeiras décadas do curso de Relações Públicas no Brasil, uma vez que seu empreendimento permanecera único em âmbito nacional. Nesse raciocínio, Kunsch (1997) nos explica que a produção científica em Relações Públicas, na década de setenta, esteve centrada em torno de fundamentos e conceituações, bem como o delineamento da função de Relações Públicas. Já nos anos 80, a literatura caracterizou-se, mormente, pelos “aspectos políticos e filosóficos; planejamento; profissão; papel nas organizações, na área governamental, na formação da opinião pública, no contexto da administração, perante o consumidor no meio rural e na defesa civil” (KUNSCH, 1997, p. 45). Nesse sentido, as informações dispostas no Quadro 5 corroboram o levantamento de Kunsch (1997).

Se, por um lado, a trajetória de Cândido Teobaldo configurou-se seminal para o desenvolvimento do *Sistema de Ciência e Sistema de Ensino* no campo das Relações Públicas no Brasil, por meio de sua produção científica, atuação em entidades de base, bem como a formação de novos profissionais e novos pesquisadores, por outro lado há também uma história das instituições que, com maior ou menor grau, empenharam-se em determinado momento para que as Relações Públicas pudessem não apenas se desenvolver, como também asseverar o respaldo da academia e da sociedade. Nesse contexto, as instituições também tiveram de destaque no sentido de batalhar para que a profissão de Relações Públicas e seus profissionais pudessem construir um trabalho alinhado com valores éticos, haja vista que a institucionalização da carreira universitária dera-se no contexto de regime ditatorial, ou seja, de controle da comunicação.

Desta maneira, a atuação de algumas instituições marcou profundamente a condução dos trabalhos e da carreira em Relações Públicas. Delineamos no Quadro 6 um esboço sobre a criação e a proposta das principais instituições.

Quadro 6 – Desenvolvimento das Associações de Relações Públicas

<b>Ano</b>	<b>Associação</b>	<b>Propósito</b>
<b>1954</b>	Associação Brasileira de Relações Públicas	Criada por profissionais de diversas áreas como jornalismo, direito, sociologia, história, esta associação esteve nos bastidores da criação da lei que institucionalizou a profissão. Tal organização busca a articulação entre os profissionais de RP, professores e estudantes com vistas a uma cooperação ética para que seja reconhecida como instituição de referência

1969/71 <sup>31</sup>	Conselho Federal de Profissionais de Relações Públicas	para área de Relações Públicas. Criado essencialmente partir do Decreto Lei 860. Caracteriza-se como uma autarquia federal subordinada ao Ministério do Trabalho e Emprego que tem como finalidade central fiscalizar o desenvolvimento da profissão, conforme diretrizes atribuídas a lei 5.377/67. Nesse sentido, a atuação do sistema Conferp caminha no sentido de estabelecer conselhos regionais, definir regimento próprio como auxiliar nos conselhos regionais, julgar recursos advindos de conselhos regionais.
1969/71 <sup>32</sup>	Conselho Regional de Profissionais de Relações Públicas	São autarquias regionais subordinadas ao Conferp, cujas funções incidem em fazer cumprir nas respectivas regiões o regulamento instituído pelo conselho federal, bem como o próprio estatuto. O sistema Conrerp está estruturado em sete divisões. A 1ª região responde pelo Estado do RJ; a 2ª SP, PR; a 3ª MG, ES; a 4ª RS, SC; a 5ª PE, AL, CE, PB, PI, RN; a 6ª DF, AC, AP, AM, GO, MA, MT, MS, PA, RO, RR, TO; a 7ª BA e SE.
1967	Associação Brasileira de Comunicação Empresarial	Caracteriza-se por ser uma associação profissional e científica sem fins lucrativos. Atua no sentido de desenvolver formação, por meio de seminários, congressos, bem como cursos de pós-graduação. Mantém projetos de intercâmbio com países europeus, bem como das Américas do Norte e Sul.

Fonte: desenvolvido pelo autor a partir das informações oficiais disponíveis nos respectivos endereços eletrônicos<sup>33</sup>.

Desde a origem da atividade de Relações Públicas no Brasil, com o departamento de RP instituído pela *Light*, as associações, o desenvolvimento teórico, o primeiro curso universitário... Todas essas importantes dimensões estiveram circunscritas geograficamente na região centro-oeste do país. Entretanto, em meados dos anos setenta e com maior peso no fim dos anos oitenta, a geografia das Relações Públicas começa a registra o começo de uma

<sup>31</sup> As datas 1969 e 1971 referem-se a criação do sistema Conferp no âmbito da lei e da efetiva instalação da entidade, respectivamente.

<sup>32</sup> Idem.

<sup>33</sup> Disponíveis em:

<http://abrpsp.org.br/>

[http://www.conferp.org.br/?page\\_id=165](http://www.conferp.org.br/?page_id=165)

<http://www.conrerp1.org.br/conrerp/memoria>

<http://www.aberje.com.br/institucional/>

Acessos em: 07/10/2016.

mudança apontaria para uma ampliação dos estudos da área na região sul do país. Tal mudança passa necessariamente pelo trabalho intelectual de Roberto José Porto Simões.

### 2.3 PORTO SIMÕES: DA REDE TEÓRICA À MICROPOLÍTICA

Assim como os profissionais de Relações Públicas do começo da década de sessenta, Roberto José Porto Simões iniciara carreira na área de Ciências Humanas, especificamente em Psicologia. A partir de tal referencial passou a contribuir com as Relações Públicas ainda prematuras no país. Em meados dos anos setenta desenvolve estudo de mestrado, já na linha das Relações Públicas, no âmbito do programa de pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Egresso também da área da Educação, onde desenvolveu seu estudo doutoral entre o fim dos anos oitenta e começo da década de noventa, Porto Simões importa o conceito de micropolítica, já usado na Educação desde os anos 1960, para pensar as relações no âmbito das organizações. Isto porque, segundo o autor:

Uma ótica original do tema Relações Públicas, cuja essência é a relação de poder entre a organização e seus públicos, e cuja aparência é a comunicação entre esses dois componentes do sistema social, torna-se espinhosa a missão de argumentar a consistência da ideia, devendo-se realizar um raciocínio passo a passo para chegar a conclusões válidas (SIMÕES, 1995, p. 35).

A dimensão da micropolítica é inerente à organização, no pensamento de Porto Simões (1995), e é justamente esse fator que vertebrava o trabalho de Relações Públicas na medida em que conduz à administração dos conflitos e a promoção da integração. Nesse sentido, ao congregar os diversos processos de trocas entre a sociedade e as organizações acompanhadas de inúmeras relações entre esses dois campos “a organização, para sobreviver no e com o sistema maior deve possuir mecanismos que lhe providenciem esta garantia, quer dizer, que regulem os conflitos, ou então que provoquem a integração” (c.f. SIMÕES, 1995, p. 101).

Esse pano de fundo ao qual se insere a organização no enredamento com seus públicos são fundamentais para o entendimento que Porto Simões (1995) desenvolve sobre a dimensão da teoria de Relações Públicas que, a seu ver, deve partir da micropolítica para então constituir uma estrutura sistêmica. Nesse sentido, o autor desenvolve sua incursão teórica em por meio de doze sintagmas, os quais são apresentados no Quadro 7.

Quadro 7 - O Arcabouço Básico da Rede Teórica de Porto Simões

<b>1 – Definição Conceitual</b>	Como ciência, Relações Públicas abarca o conhecimento científico que explica, prevê e controla o exercício de poder no sistema organização-públicos. Como atividade, Relações Públicas é o exercício da administração da função (subsistema) política organizacional, enfocando através do processo de comunicação da organização com seus públicos.
<b>2 – Definição Operacional</b>	Analisando tendências, prevendo consequências, assessorando o poder de decisão, implementando programas planejados de comunicação.
<b>3 – Definição Operacional</b>	Material: a organização e seus públicos. Formal: o conflito no sistema organização-públicos, ou dialeticamente, a compreensão mútua.
<b>4 – Causa da existência da Atividade</b>	O conflito é iminente no sistema social organizações-público.
<b>5 – Níveis do Problema no sistema Organização-públicos</b>	Um processo que vai desde a integração dos interesses até a convulsão social.
<b>6 – O Aspecto Político</b>	A relação é política. O instrumento é a comunicação. Dois lados da mesma moeda.
<b>7 – A matéria-prima</b>	A informação.
<b>8 – Os Instrumentos</b>	Antes de tudo, através de políticas e normas administrativas justas e produto e serviço com qualidade.
<b>9 – O Objetivo</b>	Legitimar as decisões organizacionais.
<b>10 – A Finalidade</b>	Facilitar as transações com os diversos públicos, além dos clientes e mantê-los fieis e multiplicadores.
<b>11 – A Ética</b>	A atividade de Relações Públicas em si é ética, pois é útil para a sociedade. Os problemas éticos são gerados pelos profissionais como em qualquer outra atividade. Todavia, a essência da ética é intrínseca ao processo de legitimação.
<b>12 – A Estética</b>	As Relações Públicas buscam a utopia de uma sociedade mais harmônica e “elegante”.

Fonte: Simões, 1995, p. 42.

Conforme o quadro delineado por Porto Simões (1995), a micropolítica e a administração de conflitos perpassam por essas doze instâncias, sendo esses sintagmas alguns dos pilares que constituem o campo de Relações Públicas tanto da dimensão dos estudos acadêmicos como na instância profissional.

Considerados os entendimentos das complexidades pelas quais se edificam os públicos, bem como as influências que exercem, ou que podem desempenhar potencialmente, chegamos ao terceiro umbral que, em nosso entendimento, precisa se articular com os pilares pensados para a reflexão de uma epistemologia da Comunicação Organizacional. Nesse sentido, asseveramos que o trabalho de pôr em interface a Comunicação Organizacional (fenômeno) com as Relações Públicas (profissão/ofício) ademais à profunda articulação com o fenômeno e desdobramentos da “revolução” tecnológica e com a complexidade dos públicos, conforme delineamos, requer também a articulação frente ao fenômeno da Globalização, assim como os impactos, transformações e ressignificações pelas quais as organizações contemporâneas passam.

Por cerca de quarenta anos atuou como professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Esteve envolvido diretamente na criação do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUC-RS em meados dos anos noventa. Nesse percurso deixou um legado de trinta e cinco mestres e cinco doutores que desenvolveram trabalhos sob sua orientação, além de uma original contribuição teórica ao campo das Relações Públicas. Aposentou-se em 2009, momento em que se afastou das atividades de docência.

#### 2.4 EU, TU, ELA, NÓS, VÓS, ELAS: O LEGADO FEMININO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Em continuidade a essa Geografia das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional, vimos anteriormente que o legado de Porto Simões contribuíra para descentralizar a produção, antes centrada na região sudeste. Nesse contexto, chamamos agora a atenção para um importante fator. Se, desde os primórdios do exercício da profissão, bem como os primeiros estudos, publicações, presidentes das associações estiveram, mormente, em exercício por homens, por outro lado é inegável que a contribuição feminina, efetivamente, a partir dos anos noventa fora fundamental para a consolidação da pós-graduação na área de Comunicação Organizacional e Relações Públicas. Ao propor tal olhar não negamos que já houvesse participação feminina anteriormente. Conforme pontua Kunsch (1997), até o fim dos anos oitenta, por exemplo, já se tinha contribuições por meio de

publicações de Margarida Kunsch, Cicília Peruzzo, Hebe Wey e Cleusa Cesca. A proposição aqui é a massiva participação feminina que se pode observar nos anos noventa na consolidação da pesquisa científica e da pós-graduação em Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

Nesse sentido, é pertinente chamar a atenção para o percurso acadêmico de três atores, ou melhor, atrizes sociais que integram essa corrente a partir de seus estudos no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Nesse contexto, destaca-se Sidinéia Gomes Freitas, cuja defesa de doutorado ocorreu em 1988 e a livre-docência em 1992. Em 1989, Heloiza Helena Matos e Nobre defende seu doutoramento e em 1996 seu estudo de livre-docência. Em 1991 Margarida Maria Krohling Kunsch doutora-se e, também em 1996, defende sua tese de livre-docência. Lotadas no Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da USP, as referidas pesquisadoras contribuíram e, todavia, seguem contribuindo na formação de novos pesquisadores, por meio de orientações em nível *stricto sensu*, bem como no desenvolvimento de pesquisas no campo da Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

Essas pesquisadoras compuseram a antiga linha de pesquisa do PPGCOM da ECA, denominada Processos de Comunicação Institucional, que abarcava o campo da Comunicação Organizacional e de Relações Públicas. A partir de 2006, o programa de pós-graduação passou por reestruturação, e a linha passou a denominar-se Políticas e Estratégias de Comunicação. O que é importante frisar aqui é que o programa em Ciências da Comunicação sempre contemplou o campo das Relações Públicas, bem como da Comunicação Organizacional. Atualmente, o ementário da linha Políticas e Estratégias de Comunicação congrega a seguinte proposta:

Estudos de paradigmas e correntes teóricas de comunicação organizacional, relações públicas, editoração e jornalismo e suas interfaces. Enfocam-se as políticas e estratégias de comunicação no setor público, privado e não-governamental, desenvolvendo a pesquisa aplicada em comunicação administrativa, interna, institucional e mercadológica, que têm por base tanto a perspectiva de uma filosofia da comunicação integrada quanto princípios da ética, responsabilidade social, de gêneros e etnias e classes sociais. Contempla as interações da comunicação com a identidade, alteridade e cultura organizacional, sustentabilidade, memória e as narrativas institucionais, bem como pesquisas relativas à comunicação pública e às políticas públicas de comunicação. Reflete sobre os novos conceitos de

público, relacionamentos, redes sociais, opinião pública e suas múltiplas ressignificações no contexto da sociedade contemporânea<sup>34</sup>.

Nesse contexto, Sidinéia Gomes Freitas iniciou sua carreira docente como auxiliar de ensino voluntário do professor Cândido Teobaldo na década de 1970 e aposentou-se como professora titular em 1999, permanecendo como professor sênior na pós-graduação até 2014. Nesse percurso dedicou-se ao estudo de temáticas ligadas à opinião pública, relações de poder nas organizações, teoria e prática de Relações Públicas. Orientou 15 mestres e 11 doutores.

Heloiza Helena Matos e Nobre, embora tenha formação inicial em Jornalismo, dedica-se desde o mestrado às temáticas em torno da comunicação política e governamental, comunicação pública. A partir de 1990, ingressa como docente da ECA. Já orientou 27 mestres<sup>35</sup> e 14 doutores. Aposentou-se em 2002 como professora-associada. Em 2010 retornou à ECA como professor sênior, onde segue com orientações de doutorado.

Margarida Maria Krohling Kunsch, assim como Sidinéia, foi auxiliar de ensino durante parte da pós-graduação, ingressando efetivamente como docente em 1989. É professora titular e foi diretora da ECA no período de 2013 a 2017. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação por duas vezes. Orientou 21 mestres e 24 doutores, além de três coorientações de doutorado no Brasil e na Europa.

Quase todas as teses de doutorado da linha de Políticas e Estratégias de Comunicação que formam o *corpus* de análise de nossa investigação foram orientadas pelas três pesquisadoras. Apenas três teses no universo de trinta e nove não tiveram orientação das três docentes, durante o período analisado de 2001 a 2015.

## 2.5 ORGANICOM E ABRAPCORP: AÇÕES COLETIVAS NA CONSOLIDAÇÃO DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E DAS RELAÇÕES PÚBLICAS

Se no âmbito dos anos noventa a atuação dessas três pesquisadoras reverberaram visceralmente na consolidação da pesquisa e da pós-graduação na área de Comunicação Organizacional e Relações, no decorrer da década de 2000 podemos observar, por meio de duas iniciativas coletivas, os frutos da década anterior. Refiro-me, primeiramente à criação do primeiro periódico científico no campo de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

<sup>34</sup> Disponível em:

<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/ata/pos/ppgcom/POLITICAS%20E%20ESTRATEGIAS%20DE%20COMUNICA%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 08/10/2016.

<sup>35</sup> Note-se que dentre as 27 orientações de mestrado 16 foram realizadas no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero.

Em 2004, era lançado o primeiro volume da Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas – Organicom, com o objetivo de:

difundir os avanços dos estudos contemporâneos de Comunicação Organizacional (CO) e de Relações Públicas (RP) e, simultaneamente, ser um instrumento interativo com o mercado e a sociedade, democratizando os novos conhecimentos e estimulando o debate técnico-científico dos temas dessas áreas<sup>36</sup>.

Com periodicidade semestral, a revista está indexada na base Qualis-Capes, bem como no Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, El Caribe, España y Portugal, além da Rede Confibercom de Revistas de Comunicação, da Confederação Ibero-Americana das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação. O periódico é avaliado como B1. Em doze anos, o periódico já debateu as seguintes temáticas, conforme o Quadro 8.

Quadro 8 – Histórico de Publicações da Organicom

<b>Ano</b>	<b>Temáticas</b>
2015	Redes Sociais: usos corporativos
2015	Comunicação e Economia Criativa
2014	Interculturalidade e Organizações
2014	Memória Institucional: narrativa e storytelling
2013	Comunicação Interna: processos e as interações nas organizações
2013	Comunicação e Sustentabilidade
2012	Comunicação e Saúde
2011	Comunicação e Esporte: pesquisa, marketing e mídia
2011	Lobby, Relações Governamentais, Democracia
2010	Comunicação, Marketing e Produção Cultural
2010	Ouvidoria e Comunicação
2009	Comunicação Organizacional e Relações Públicas: pesquisa, produção, aplicação
2008	Discurso Institucional, Linguagem e Retórica
2008	Ética e Comunicação nas Organizações
2007	Identidade: marca e gestão da reputação corporativa
2007	Comunicação de Risco e Crise: prevenção e gerenciamento
2006	Relações Públicas: campo acadêmico e profissional

<sup>36</sup> Disponível em: <http://www.revistaorganicom.org.br/sistema/index.php/organicom/about/history>. Acesso em: 08/10/2016.

2006	Comunicação Pública e Governamental
2005	Comunicação Digital
2005	Avaliação e Mensuração em Comunicação Organizacional
2005	Comunicação e Mudança Cultural nas Organizações

Fonte: <http://www.revistaorganicom.org.br/sistema/index.php/organicom/issue/archive>

A diversidade de temáticas debatidas nesses doze anos pela Organicom demonstram a complexidade e a amplitude que o campo tomou em sua consolidação na última década. A segunda iniciativa coletiva que, a nosso ver marca, este campo científico no Brasil foi a criação da Associação Brasileira de Pesquisadores em Pesquisadores de Comunicação Organizacional e Relações Públicas – Abrapcorp.

Os trabalhos no âmbito da Abrapcorp tiveram início em 2006, cujos objetivos centram-se no fomento, desenvolvimento e difusão de pesquisas com vistas a observar os avanços da área. Nesse sentido, desde a criação da entidade, são realizados anualmente congressos nacionais, bem como são feitas publicações individuais e em conjunto acerca dos avanços do campo científico e profissional da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas. Essas duas iniciativas coletivas; a revista Organicom e a entidade Abrapcorp representam, a nosso ver, traços de amadurecimento do campo no âmbito brasileiro. Desta maneira, o período de recorte de nossa investigação leva justamente em consideração a criação dessas duas iniciativas.

### 3 FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS

Ora, sabemos que a linguagem científica não pode ser unívoca. Ela não constitui um discurso unitário e totalitário. Há uma pluralidade de discursos científicos. Cada um possui suas regras próprias. Um discurso não pode ser traduzido em outro. Uma das grandes dificuldades que encontramos para definir o estatuto das Ciências Humanas consiste no fato de quisermos atribuir-lhes um termo de aparência unívoca, embora, na realidade, recubra uma pluralidade de discursos: o termo *ciência*. Por outro lado, também sabemos que a ciência se define por ser um discurso crítico, pois exerce um controle vigilante sobre seus procedimentos, utilizando critérios precisos de validação, e utiliza métodos permitindo-lhe ampliar o campo de seu saber.

#### **Nascimento e Morte das Ciências Humanas.** *Hilton Japiassú*

Neste capítulo dedicamo-nos a delinear as veredas percorridas na constituição de um método que analoga o objeto aqui estudado. Nesse sentido, seguindo o mesmo eixo já preconizado na introdução de nosso trabalho, a reflexão de Japiassú (1982, p. 18) nos conduz a compreensão de que o método está enredado no discurso científico ao qual determinado paradigma está constituído. Nesse contexto, nossa construção metodológica passa necessariamente pela articulação teórica, num movimento de transversalidade epistemológica outrora versado por Braga (2006), entre a História Social das Ciências e os estudos de Comunicação. Desta forma, neste capítulo situamos epistemologicamente a caracterização de nossa investigação a partir de três pilares: no tocante à abordagem do método, com relação aos objetivos a serem alcançados e em relação às fontes de pesquisa. Essa taxonomia segue em cadência com a proposição de classificação de pesquisa de Gil (1999).

#### 3.1 À GUIA DE UMA TAXONOMIA DO MÉTODO

Nosso estudo toma caracterização e forma a partir de dois eixos fundamentais que se completam. No primeiro momento edificamos uma dimensão quantitativa que compreendeu a compilação dos dados secundários que foram alinhavados por meio da seleção de teses de doutorado da linha de pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação do PPGCOM da ECA-USP, no período de 2001 a 2015 para nossa análise. A segunda dimensão qualitativa tratou de analisar as respostas de alguns acadêmicos donde foram extraídos os dados primários. Tais dados foram obtidos por meio de entrevistas com os atores sociais que fazem parte do campo científico e do processo de institucionalização das Relações Públicas, como profissão e como

área de conhecimento, e da Comunicação Organizacional. Nesse sentido, no tocante à abordagem do método, esta investigação se apresenta como quantitativo-qualitativa, usando como procedimento o levantamento de dados e a participação de acadêmicos.

Em relação aos objetivos, este trabalho entra na taxonomia de Gil (1999) por meio de duas instâncias. A partir da fase quantitativa, correspondente à abordagem, a pesquisa caracterizou-se por natureza descritiva a partir dos dados secundários extraídos das teses de doutorado selecionadas no período mencionado. Doravante à dimensão qualitativa da abordagem, nosso trabalho também permeou a dimensão analítica. Assim, com relação os nossos objetivos de pesquisa, este trabalho caracteriza-se como descritivo-analítico.

O terceiro eixo de taxonomização de pesquisa delineado por Gil (1999) versa em relação às fontes dos dados da investigação. Nesse eixo de raciocínio, nossa investigação se caracteriza majoritariamente por pesquisa bibliográfica, uma vez que os dados principais foram obtidos a partir de teses de doutorado selecionadas. Ainda que as fontes desta pesquisa não se limitem às teses, mesmo tendo essas sido o escopo, nossa investigação também buscou subsídios nos atores sociais que acompanharam o desenvolvimento do campo científico das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional. Poder-se-ia dizer que esta pesquisa, no tocante às fontes, é também de campo, visto que se foi a campo alinhar dados primários. Sem embargo, entendemos que mesmo as entrevistas configurando parte fundamental do estudo, ainda a nosso ver, trata-se de pesquisa bibliográfica quanto às fontes na medida em que as entrevistas foram realizadas no sentido de melhor problematizar e compreender a medula do *corpus* de pesquisa que são as teses de doutoramento. Nesse sentido, os dados primários produzidos por meio das entrevistas só se justificam pela melhor problematização e compreensão do *corpus* formado pelas teses de doutorado, portanto bibliográfica. Desta forma, em âmbito sintético, esta pesquisa se caracteriza como quantitativo-qualitativa, descritivo-analítica e bibliográfica.

### 3.2 DO CORPUS À AMOSTRAGEM: RECOPILAÇÃO DAS TESES DE 2001 A 2015

O *corpus* da pesquisa foi constituído a partir de trinta e nove teses de doutorado defendidas no interstício de 2001 a 2015 na linha de pesquisa *Políticas e Estratégias de Comunicação*<sup>37</sup>, que faz parte da Área Interfaces Sociais da Comunicação do Programa em

---

<sup>37</sup> É pertinente ressaltar que no início do recorte temporal, a linha de pesquisa chamava-se Processos de Comunicação Institucional. A partir da última reestruturação do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, a linha passou a se chamar Políticas e Estratégias de Comunicação. Mesmo tendo abrangência de

Ciências da Comunicação da ECA-USP . Para chegarmos a esse número de teses excluimos todas as que não abordassem diretamente as áreas de Comunicação Organizacional e Relações Públicas. Nesse sentido, teses que tratavam de marketing, que também é problematizada e pesquisada pela linha de Políticas e Estratégias de Comunicação, foram excluídas. Primeiramente, recorreremos ao banco de teses da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Em ordem decrescente, de 2015 a 2006 todas as teses já estão catalogadas e digitalizadas. Para o período de 2001 a 2005 foram feitas buscas nos currículos da plataforma Lattes do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico (CNPq) dos professores orientadores da referida linha de pesquisa, além dos boletins informativos publicados semanalmente pela ECA-USP nos quais constam as defesas de teses.

Essas três fontes: o banco de teses, os currículos dos docentes e os boletins informativos foram importantes no sentido de cruzar os dados e agrupar as teses corretamente pelo ano de defesa. A partir desse escopo delineado, organizamos a amostragem de modo que os dados pudessem se entrelaçar com os nossos objetivos. Desta forma, estratificamos os dados em três quadros. O Quadro 1, localizado no Apêndice 1, se edificou no sentido de trazer a identificação geral do *corpus*. Para tanto foram justapostos os títulos das teses, seus autores, orientadores e, a partir de sugestão da banca de qualificação, o gênero do pesquisador. O Quadro 2, disponível no Apêndice 2, está visceralmente enredado às nossas problemáticas de pesquisa. Nesse sentido, buscou-se identificar as temáticas de pesquisas abordadas pelas teses. Primeiramente, pensou-se em apontar a problemática central, sem embargo, ao depararmos com as teses vimos a necessidade de traçar as temáticas primária e secundária. Isto porque, praticamente todas as teses selecionadas não se esgotavam em uma só temática, assim adequamos os procedimentos metodológicos à dimensão do objeto. O Quadro 3, disponível no Apêndice 3, centrou-se nos procedimentos metodológicos utilizados nas teses. Nesse caminho, nosso critério foi identificar observar a repetição de determinado procedimento metodológico empregado nas teses selecionadas. Dada a extensão de nosso *corpus*, dividimos as teses em três quinquênios, sendo o primeiro de 2001 a 2005, o segundo de 2006 a 2010 e o terceiro de 2011 a 2015.

Os Quadros 1, 2 e 3 permitiram edificar três matrizes de análise. A primeira centrou-se nos temas estruturantes, essencialmente focados no primeiro quinquênio. A segunda matriz assevera acerca dos temas emergentes, que começaram a aparecer em meados do segundo

---

novos objetos, novas problemáticas, a linha manteve seu eixo central de se estudar a comunicação no âmbito das organizações. Nesse sentido, sempre acolheu as propostas de investigação no âmbito da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas.

quinquênio e seguem até o terceiro. A terceira matriz versa sobre a comunicação pública/política/estatal. Essa matriz foi pensada pelo fato de tal temática atravessar todos os quinquênios e permear os principais orientadores da linha de pesquisa. Dada a extensão de aparecimento desta temática, optamos por observá-la mais detidamente por meio de uma matriz específica para ela. Sobre a terceira matriz, tivemos acesso às ementas das disciplinas de pós-graduação na área de comunicação pública e política ministradas no interstício de recorte de nossa investigação.

### 3.3 DA AMOSTRAGEM ÀS ENTREVISTAS

A partir dos dados secundários, alinhavados pelas teses, partiu-se para a segunda dimensão metodológica composta pela realização de entrevistas. Nessa etapa foram selecionados quatro atores sociais. O primeiro critério de seleção se deu pelas relações com o campo científico da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas. Dessa forma, os Quadros 1, 2 e 3, disponíveis nos Apêndices 1, 2 e 3, permitiram enxergar as primeiras indicações dos atores sociais, na medida em que eles eram os orientadores das teses encontradas no período de 2001 a 2015. Nesse sentido, chegamos a três nomes, a saber: Sidinéia Gomes Freitas, professora titular aposentada da ECA-USP; Margarida Maria Krohling Kunsch, professora titular da ECA-USP; e Heloiza Helena Matos e Nobre<sup>38</sup>, professora livre-docente sênior da ECA-USP. A relação dessas pesquisadoras está visceralmente imbricada com a consolidação da pesquisa em Comunicação Organizacional e Relações Públicas. Ademais desses três nomes, consideramos outros dois acadêmicos, Fábio França, profissional e docente, e Roberto Porto Simões, também docente de renome do campo das Relações Públicas. Este último não foi possível entrevistar devido a seu atual quadro de saúde. Assim, foram entrevistados as três professoras mencionadas e o professor Fábio França.

O intuito de realizar as entrevistas se alinhou com nossa concepção *epistêmica* na medida em que concebemos que o campo científico não se constitui por um ente fechado em si mesmo. Ao contrário, é um discurso que irmana do tecido social e assume concepções enredadas em um tempo e espaço socialmente constituídos. Desta forma, pelo fato de nosso recorte se tratar de um tempo presente, ou seja, ainda é possível ter acesso aos atores sociais que constituíram o cenário do campo científico vimos a necessidade de realizar as entrevistas

---

<sup>38</sup> É pertinente ressaltar que em 2002, a professora Heloiza Helena se aposenta e encerra suas atividades de pesquisa na ECA-USP. A partir de 2010, ela retorna como docente sênior onde permanece até a atualidade.

com esses atores sociais mencionados. Nesse contexto, em sentido lato, as entrevistas configuraram uma forma de se compreender a maneira como o passado tensiona o presente.

### 3.4 DO INSTRUMENTO DE PESQUISA: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS E SUA REALIZAÇÃO

As quatro entrevistas com os atores sociais que acompanharam o desenvolvimento do campo científico aconteceram entre os dias 20 e 28 de julho de 2017. Todas as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Optamos pelo formato semi-estruturado para que pudéssemos seguir um eixo central em torno da pesquisa e, concomitantemente, extrair as particularidades que cada entrevistado, visando compreender sua participação. A entrevista com a Profª. Dra. Heloiza Helena Matos e Nobre ocorreu na tarde de 20 de junho na ECA-USP e teve duração de três horas e quarenta e cinco minutos. A entrevista com a profª. Dra. Margarida Maria Krohling Kusnch também foi realizada na ECA-USP e durou cinquenta e cinco minutos. Entrevistamos a profª. Sidinéia Gomes Freitas na noite do dia 22 de junho da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado com duração de três horas. Na tarde do dia 28 de junho, entrevistamos o Prof. Dr. Fábio França em seu apartamento. A entrevista durou três horas e dez minutos. Os dados compilados das teses na fase quantitativa serviram de substrato para realização do roteiro que os seguintes temas:

- **O Papel das Mulheres na Consolidação da Pós-graduação:** nesse eixo, buscamos compreender a especificidade do fato de três mulheres terem consolidado a linha de pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação.
- **Inserção e Contato com o Relações Públicas e Comunicação Organizacional:** indagamos sobre como entrevistado começou a trabalhar e estudar os temas em torno de Relações Públicas e Comunicação Organizacional.
- **Recorrência da Comunicação Pública:** a partir verificação de que a comunicação pública e temas correlatos aparecem em todo recorte com recorrência, questionamos os entrevistado sobre a possível etiologia.
- **Temas Estruturantes:** com relação às temáticas vistas no primeiro quinquênio (2001-2005) percebemos que, grosso modo, elas abordavam temas fundamentais para relações públicas. Dessa forma, esse período ainda mantinha a tradição dos anos 1990. Debates sobre essas suposições.
- **Temas Emergentes:** a partir do segundo quinquênio (2006-2010) começam a aparecer uma pluralidade de novos temas. Via de regra essas temáticas estavam relacionadas com novos

movimentos na sociedade, novas demandas, novos modelos de gestão. Questionamos sobre a inter-relação entre as mudanças na sociedade e a emergência dessas novas temáticas.

- **Relacionamentos Simétricos:** buscamos compreender se as novas formas de interação entre organizações e públicos propiciava relacionamentos mais simétricos.
- **Aprimoramento Metodológico em Comunicação Pública:** como a comunicação pública é temática antiga e recorrente conversamos sobre os avanços teórico-metodológicos visto na comunicação pública.
- **Prognósticos com Temas Emergentes:** indagamos sobre quais eriam os possíveis prognósticos em relação aos temas emergentes como sustentabilidade, economia criativa, governança corporativa.
- **Transversalidade do Campo Científico:** a partir das metodologias usadas nas teses inserimos a questão da transversalidade epistemológica como agente constituinte do campo.
- **Progresso e Estagnação-** debatemos sobre os pontos em que o campo caminhou, se aprimorou, bem como as partes que acabaram estagnando e suas causas.
- **Deficiências Metodológicas-** abordamos as deficiências metodológicas que o campo eventualmente enfrenta na problematização de novos objetos.
- **Conquistas do Campo-** a partir da extensa trajetória do campo científico de Relações Públicas e comunicação organizacional, buscamos identificar as melhores práticas no sentido de aproximar a sociedade e universidade.

## 4 COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E RELAÇÕES PÚBLICAS: VEREDAS DE UMA HISTÓRIA SOCIAL

O homem pode ter o quer.  
 O homem só não pode é  
 querer o que quer. Para pensar,  
 não basta querer. É preciso  
 aprender. E se aprende a  
 pensar, esperando o inesperado.  
 Nesta espera, a paciência é  
 quase tudo. Os ensaios aqui  
 oferecidos são convites para esperar  
 que medre a semente da paciência  
 e amadureça a serenidade do pensamento.

### **Aprendendo a Pensar.** *Emmanuel Carneiro Leão*

Neste capítulo problematizamos e analisamos o escopo delineado pelo *corpus* de nosso trabalho. Nesta vereda imbricamos a produção simbólica de conhecimento do campo da comunicação organizacional e das relações públicas, plasmada nas teses, com os relatos dos atores sociais que participaram ativamente na consolidação deste campo científico e profissional ao longo das últimas quatro décadas. Nessa urdidura de sentidos, debatemos a dimensão da constituição epistemológica no âmbito da comunicação organizacional e das relações públicas a partir da concepção de transversalidade epistemológica versada por Braga (2010). Também, ressaltamos o papel da mulher na consolidação das pesquisas deste campo acadêmico de conhecimento, as problemáticas emergidas nas teses e suas correlações com o desenvolvimento do campo, bem como as metodologias empregadas no interstício recortado e observado por este estudo.

### 4.1 CONSIDERAÇÕES EPISTÊMICAS

A reflexão transposta em nossa epígrafe, abre o primeiro tomo da obra de Emmanuel Carneiro (1977). Ela nos alumbra a uma importante dimensão. Centrada na certeza de que este capítulo, assim como esta pesquisa como um todo, enxerga-se como ensaios. Toma-se aqui o termo ensaio no sentido mais lato que este vocábulo possa significar. Segue a mesma linha pela qual permeara Gonçalves (2004) em seu estudo de livre-docência que aponta na vereda do tentar, na semente experimental, no embate da inconcretude. Essa seja, talvez, a vereda epistemológica mais fiel ao seu espírito *epistêmico*. Isto porque, o pensamento epistemológico, como já nos ensinara Japiassú (1992), pode assumir diversas nuances de

operacionalização nunca buscando a concretude, mas sim um modo/modelo crítico para a reflexão. Pensar epistemologicamente requer, a nosso ver, convocar o debate sobre o científico. O que confere a credencial de Ciência a um determinado saber? Mesmo essa pergunta, assim como se apresenta, não pode ser respondida automaticamente como se houvesse uma só resposta. Pensar num conceito de ciência requer, antes que nada, compreender que qualquer conhecimento é histórico e está inserido em um tempo e espaço socialmente constituído. Assim a Epistemologia como uma ciência que estuda os métodos e os conhecimentos científicos deve valer-se de seu plural e mirar as diversas correntes epistemológicas alinhavadas desde o século XIX<sup>39</sup>.

Esse percurso necessário à compreensão da construção do conhecimento indica que no transcorrer dos tempos a “gramática normativa” do *ser ciência* passa a dar espaço ao *dever ser* e, posteriormente, após à crítica positivista alumbrou-se o *poder ser*. Vejamos um caso concreto que ilustra essa acepção por nós defendida. A corrente positivista, preconizada por Auguste Comte, que exercera visceral influência no pensamento ocidental buscara nos idos do século XIX a normatização das ciências. É justamente nesse contexto em que se institucionaliza nos moldes positivistas as disciplinas clássicas das ciências humanas e sociais. Passa a receber a credencial de Ciência aquelas que chegaram a sua clara definição de método e de objeto. É sabido que tais pilares sobre a outorga da credencial de ciência está calcada no racionalismo do conhecimento, este já visto muito antes do positivismo ascender, ao menos dois séculos antes a partir de René Descartes (1596-1650) o “porta voz” do racionalismo observado em seu *Discurso sobre o Método* (2009). Tal concepção de ciência que por muito tempo acenou na vista do *dever ser* deu espaço para o *poder ser*. Ou seja, tais concepções de ciência não comportam mais a complexidade das próprias disciplinas edificadas sob a égide positivista, tampouco as ciências que emergiram posteriormente às ciências clássicas. Aqui colocamos o caso da Comunicação e todas as suas subáreas.

A operacionalização das ciências empreendida pelo positivismo tivera pertinência à sua época. Reside aqui um ponto central de se compreender o conhecimento como um processo histórico, ou seja, a “gramática normativa” é datada e não pode ser tomada como uma escritura sagrada. Ela é fruto de um processo social. É celebre a noção de “derretimento” das disciplinas clássicas empreendida por Fausto Neto (2009) em seu estudo de

---

<sup>39</sup> Japiassú (1992) em seu curso introdutório sobre pensamento epistemológico apresenta a operacionalização da ciência em cinco óticas distintas as quais podem ser consideradas correntes da Epistemologia. A saber: a epistemologia Genética desenvolvida por Jean Piaget, a epistemologia Histórica preconizada por Gastón Bachelard, a epistemologia Racionalista-Crítica encampada por Karl Popper, a epistemologia Arqueológica edificada por Micher Foucault e a epistemologia Crítica que assevera sobre a crítica dos métodos. Como maior expoente dessa corrente, poderia citar aqui Paul Feyerabend.

doutoramento. Conforme o autor nos ensina, mesmo as disciplinas clássicas edificadas no paradigma positivista encontram-se em situação problemática na atualidade dada a multiplicidade de novos objetos e novos problemas. Poder-se-ia citar o caso da História a partir da Nova História. É nesse contexto que o argumento de Braga (2010) acerca da transversalidade epistemológica nos é pertinente para a compreensão das Ciências da Comunicação como uma Ciência socialmente constituída. Não raro observam-se debates no âmbito da Comunicação de que esta área não é uma ciência, pois não tem seu objeto definido, tampouco os pesquisadores da área da Comunicação desenvolveram um *método* para o estudo de seu objeto.

Tais discursos podem ser observados, por exemplo, em Gomes (2003). Em seu discurso raso, vazio e anáfano parece este autor ainda refletir a deitificação das ciências sob a égide positivista. Com a devida vênia, caminhamos em sentido oposto a esse autor. Em consonância com Fauto Neto (2009) e em cadência com Braga (2010) vemos que a área de Comunicação edifica-se necessariamente sobre uma base transversal e buscar a compreensão dela sem considerar tais premissas, como parece fazer Gomes (2003), é chegar a um pseudo silogismo. Por exemplo, quando Gomes (2009) fala sobre determinados discursos epistêmicos na área da Comunicação aponta para uma espécie de crivo sobre o que é epistemológico no âmbito da Comunicação sem, detalhar ao certo, onde quer chegar. Ainda traz algumas linhas, a nosso ver problemáticas quando aponta para uma dualidade calcada na “autêntica epistemologia” e na “pseudo epistemologia”. Tal colocação é frágil. A nosso ver, embora em contextos completamente distintos, parece somar-se à uma decrépita concepção epistêmica, cujas bases tomam como lastro precípuos escoras que cientificamente não se sustentam. Como já tratamos desde, nossa introdução, conceitos dicotômicos como verdadeiro/falso, certo/errado, autenticidade/inautenticidade são problemáticos para se pensar cientificamente numa perspectiva fora da ideia positivista de ciência. Esse posicionamento de Gomes (2009, p. 314) fica mais evidente quando assevera que:

Não é uma epistemologia propriamente dita, porque dificilmente reflete de forma crítica sobre os seus pressupostos, é raramente consequente e rigorosa, nunca demonstra e dificilmente sobreviveria, portanto, a um exame mais rigoroso de epistemologia filosófica. [...] Gerou, pela repetição, um conjunto de consensos compartilhados por grupos extensos, um conjunto de pressupostos aos quais se adere sem exame e que passam a ser repetidos sem que aparentemente apresente-se na dúvida ou na oposição. Mesmo porque o seu campo de ação não é o debate epistemológico, mas o jornalismo cultural, os eventos performáticos, os livros e revistas destinados a um público dotado em geral de baixas exigências argumentativas e de grandes demandas persuasivas. Seu meio de comprovação não é a demonstração, mas na

reiteração; seu princípio de prova não se orienta pela contraposição entre verdadeiro e falso, mas por cálculos demográficos [...] e por perspectivas de lucro retórico. (GOMES, 2003, p. 314).

Com a devida vênia, nosso posicionamento epistemológico caminha na contramão de Gomes (2009). Sua miopia científica, talvez alumbrada por um devaneio positivista, parece fingir não ver o potencial ensaístico das vozes cantantes da América Latina, precursoras dos estudos de recepção. Imaginar que os produtos simbólicos, emergidos das diferentes áreas da Comunicação, são destinados a uma audiência de baixa capacidade argumentativa é certamente fechar os olhos para o câmbio epistemológico preconizado por Barbero (2013) em sua seminal contribuição aos estudos de recepção e das mediações. Mais ainda é ignorar que nas produções simbólicas haja as dimensões lidertípicas, osmotípicas e os arquétipos. O anátema ao exemplificar o “jornalismo cultural” passa à margem de perspectivas no âmbito da epistemologia do diálogo social, há décadas, debatida por Medina (2003). Quando caminha na direção de uma “prova”, de “verdadeiro” e “falso”, “exame rigoroso” parece enveredar na dimensão positivista, sem no entanto, enxergar criticamente como já fizera Medina (2008).

Se, a nosso ver, Gomes (2003) percorre uma dimensão anáfana em que busca inutilmente definir o que é e o que não é, o que serve e o que não serve, por outro lado encontramos em Braga (2010) um caminho mais profícuo na medida em que este, ao olhar para o campo da Comunicação busca compreender as formas pelas quais o campo se constituiu, sobretudo, por Braga (2010) não assumir uma perspectiva axiomática. Desta forma, entendemos que sua concepção epistemológica<sup>40</sup> atinge a dimensão de uma exegese do campo científico da Comunicação quando desenvolve sua concepção de transversalidade epistemológica. Em seu constructo teórico, é possível perceber a dimensão arqueológica na medida em que busca compreender de quais modos o passado tensiona o presente<sup>41</sup>. Nessa perspectiva é pertinente convocar, além do pensamento de Braga (2010) sobre a transversalidade epistemológica na Comunicação, a concepção de “derretimento disciplinar” das disciplinas clássicas desenvolvido por Fausto Neto (2009). Nesse eixo de raciocínio, Braga (2010) nos explica que:

Mesmo no âmbito das disciplinas constituídas seria difícil assegurar hoje que o que garante seu estatuto como disciplina de conhecimento seja a

<sup>40</sup> Embora sua contribuição seja reconhecida no campo da Comunicação, o professor José Luiz Braga considera-se mais um metodólogo do que um epistemólogo da Comunicação, conforme as palavras do próprio na ocasião da Aula Magna do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo proferida no ano de 2014.

<sup>41</sup> Observamos a dimensão arqueológica no pensamento epistemológico de José Luiz Braga (2010), embora o autor não faça uso dessa perspectiva. É pertinente ressaltar que está é uma observação e um olhar nosso em relação ao pensamento de Braga.

definição positivista. Mesmo esse tendo sido o critério o critério epistemológico, *em sua origem histórica*<sup>42</sup>, para o reconhecimento das cartas de nobreza acadêmica, é preciso concordar que as extensões, sobreposições, compartilhamentos, tensionamentos com outras disciplinas, assim como as disputas internas, tornam difícil, senão impossível, explicitar com a clareza original e o consenso generalizado a chave dupla de objeto e método, para além da referência histórica. (BRAGA, 2010, p. 24).

É justamente essa argumentação que nos serve de lastro para contrapor os próprios vieses dentro do campo da Comunicação que: primeiro, não compreenderam a natureza do objeto da comunicação; segundo, ainda seguem reproduzem a dimensão positivista para os quais apenas a clereza (método + objeto) poderia conferir a credencial de Ciência. É também nesse eixo de pensamento que buscamos lastro em Fausto Neto (2009) quando propõe que, mesmo as disciplinas canônicas hoje não resistiram a essa anáfana clivagem positivista. Ou seja, aquele velho critério que conferiu o status de ciência às disciplinas canônicas, hoje não mais o outorgaria. Reside aí a concepção de derretimento disciplinar preconizado por Fausto Neto (2009). O que precisa ser observado é que disciplinas como a Comunicação e Administração, dentre outras, se edificaram quando as canônicas já haviam se constituído. Nesse sentido, Braga (2010) faz três colocações pertinentes que se articulam com Fausto Neto (2009). A primeira reside no fato de que:

Não são os critérios positivistas que podem funcionar como linha de clivagem para o reconhecimento de uma disciplina; [a segunda] de que as metáforas “territoriais” (antes facilitadas pela exclusividade abjetal e pelos mapas de percurso preferencial propiciadas pelo método apriorístico) são crescentemente ineficazes para trocarmos ideias sobre as diferentes experiências no trabalho de produzir conhecimento, seja na pesquisa empírica, seja na elaboração teórica; [a terceira] que, se *exigirmos*<sup>43</sup> tais critérios como definidores de uma “disciplina”, é provável que o período histórico da constituição de disciplinas já esteja no passado – mas entendendo que tal exigência, hoje, seria um enrijecimento no modo de tratar o conhecimento. (BRAGA, 2010, p. 25).

Se nos é clara a noção de que tais concepções positivistas já atingiram seu ponto de ductilidade e, portanto, quais seriam as premissas para se pensar a constituição de alguma disciplina, sobretudo, as mais recentes como a Comunicação ou Administração? Nesse sentido, uma disciplina contemporânea não se edifica, em princípio, a partir de critérios a serem cumpridos. Aqui segue-se uma dinâmica distinta na medida em que não se buscam critérios, mas “caminhos (diferenciados) para constituí-los que, ao mesmo tempo, constituem um âmbito de conhecimento – e nesse caso, talvez, vindo a merecer a denominação

---

<sup>42</sup> Grifo no original.

<sup>43</sup> Ibid.

“disciplina”, embora sem as características canônicas” (BRAGA, 2010, p.26). Nesse eixo de pensamento, parece-nos pertinente acrescentar que a emergência de novas disciplinas está ligada também aos novos processos sociais. Conforme apresentamos no capítulo II, todas as profissões, no âmbito da Comunicação, se formaram antes de seu campo acadêmico. Vemos aí a ilustração clara de nossa argumentação quando nos reportamos aos primeiros periódicos no século XVII, no caso do Jornalismo, à literatura panfletária que se funde com a Publicidade ou mesmo as ações para se melhorar a imagem de empresários e organizações no fim do século XIX no Estados Unidos, precursora das Relações Públicas.

Essas três dimensões, Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas, que são, ao mesmo tempo, ofícios e processos sociais foram, posteriormente, sendo estudadas e problematizadas academicamente. Elas são ofícios e processos sociais porque são processos comunicativos. Esta é a razão *sine qua non* que as entrelaça. Ademais é ainda a dimensão do processo comunicativo que a constitui se pensarmos no caso de nosso objeto que, além das Relações Públicas, é formado pela Comunicação Organizacional. Nesse sentido temos a presença de duas disciplinas “jovens” que se constituíram *a posteriori* das disciplinas canônicas, a Comunicação e a Administração. Esta última com raízes na Revolução Industrial que influenciaria a constituição das organizações contemporâneas. Nesse sentido, a partir da “fusão” entre Comunicação e processos organizacionais, vindos da Administração, vemos uma nova abordagem que passa a problematizar o espectro da comunicação no âmbito das organizações. Aqui o termo organização é apreendido em seu sentido lato, ou seja, suas problematizações permeiam o primeiro, segundo e terceiro setor, tanto os processos de comunicação intrínsecos e extrínsecos às organizações.

A concepção do estatuto epistemológico da Comunicação Organizacional, no caso brasileiro, é interessante pois sua compreensão requer uma reflexão de duas dimensões que, apesar de caminharem juntas em relação de mutualismo, não são a mesma coisa. Da mesma maneira em que Pierre Bourdieu concebera os *sistema de ciência* e *sistema de ensino*, os quais abordamos no Capítulo I, entender a condição epistêmica da comunicação organizacional significa necessariamente tensionar seu estatuto de conhecimento no tocante a sua edificação, bem como o processo de institucionalização. Tanto a produção do pensamento como sua institucionalização contituem as duas dimensões necessárias para se apreender o estatuto epistemológico da Comunicação Organizacional. Nesse sentido, entendemos como dois entes que se interdependem, o conhecimento constituído e a institucionalização. Nos posicionamos dessa forma por entender que o conhecimento científico, independente de sua base epistemológica se faz crível mormente através de sua institucionalização. Da mesma maneira

que o *sistema de ciência* só existe porque há a estrutura do *sistema de ensino*, este último só existe porque tem o que ensinar. Assim, podemos entender que um pensamento epistemológico é um esforço individual, ou de um grupo se pensarmos na noção de paradigma de Kuhn (2001). Para que tal conhecimento seja difundido é necessário que seja reproduzido e isso ocorre através de sua institucionalização.

Dada essa consideração de nossa parte é preciso ressaltar que essas duas dimensões, apesar de se relacionarem em situação de interdependência, são processos de naturezas distintas. No caso da institucionalização muitas vezes, ao se desenvolver uma nova área do saber, a estrutura institucional já existe e, então, o processo de institucionalização pode receber influências de determinada estrutura ou mesmo de determinada conjuntura política. É interessante, por exemplo, ver o caso da Psicologia no Brasil. Na Universidade de São Paulo, ela foi introduzida pela missão francesa nos idos da década de 1930 como uma disciplina albergada na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas<sup>44</sup> (FFLCH), as teses de doutorado com as temáticas de Psicologia eram defendidas na FFLCH<sup>45</sup>. No fim da década de 1960, o projeto encabeçado pelo governo militar separou a Psicologia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas e, em 1969, criou-se o Instituto de Psicologia<sup>46</sup>. Esse caso particular nos serve para ilustrar que os processos de institucionalização estão inseridos em contextos sociais, econômicos e políticos. Nesse sentido, ao pensar a comunicação organizacional é imperioso considerar seu estatuto epistêmico, bem como sua institucionalização e o contexto político, econômico e social do momento.

Na vereda de seu estatuto epistêmico é pertinente o pensamento acerca da transversalidade epistemológica de Braga (2010) na medida em que só desta forma podemos apreender a complexidade da formação deste campo, que em sua dimensão institucional está albergado na área de Comunicação. Não raro se encontra, imanente ao campo, questionamentos que põem em xeque se a Comunicação Organizacional e, até mesmo, as Relações Públicas em vez de estarem no âmbito da Comunicação melhor seria se estivessem no campo da Administração. Com relação a esses questionamentos vemos a necessidade de

---

<sup>44</sup> Primeiramente denominada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL).

C.f. <http://fflch.usp.br/>

Acesso em: 20/07/2017

<sup>45</sup> Para ilustrar podemos citar o caso da pesquisa de Dante Moreira Leite, cuja tese de doutorado intitulada “O Caráter Nacional Brasileiro: descrição das características psicológicas do brasileiro através de ideologias e estereótipos” foi defendida em 1954, quinze anos antes da criação do Instituto de Psicologia (IP-USP) que ocorreu em 1969. O professor Dante foi um dos pioneiros do estudo da Psicologia Social no País e na USP. (C.f. PAIVA, 2000).

<sup>46</sup> C.f. entrevista das professoras titulares Sylvania Leser de Mello e Ecléa Bosi.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PeOqV1zvXkE>

Acesso em: 20/05/2017

entender como dois processos distintos tanto o estatuto epistemológico e a institucionalização. Não com a pretensão de separá-los, uma vez que compreendemos que tais dimensões interdependem, mas sim em busca de se compreender como o estatuto epistemológico e a institucionalização se operacionalizam.

Nesse sentido, pensar o estatuto epistemológico a partir do pressuposto da transversalidade nos indica que essa nova disciplina embriona-se justamente pelas zonas fronteiriças entre a Comunicação e as teorias das organizações. Nesse sentido, se lançarmos o questionamento de que esta disciplina é da Comunicação ou da Administração é problemático. É frágil pois o problema reside na pergunta e, a nosso ver, não chegará a uma resposta satisfatória além de uma discussão fática que, no máximo, chegará a uma dizima periódica. Essa condição não é exclusiva da comunicação organizacional. Há uma miríade de novas disciplinas que se embrionaram a partir de imbricações em suas fronteiras. Vejamos, por exemplo, o caso da sociologia jurídica, da bio-química, bio-medicina, psicobiologia. Disputar a guarda de tais disciplinas além de uma questão de terceira ordem, para não dizer de quarta, não contribui enfaticamente para o seu desenvolvimento. Tanto a comunicação organizacional como as disciplinas que passaram por similar processo, citadas acima, emergiram justamente a partir de novos problemas que não nasceram em núcleos centrais, mas sim da região de fronteira entre disciplinas vizinhas. Nesse sentido, embora a comunicação organizacional esteja, no âmbito de sua institucionalização, na Comunicação não é possível pensá-la sem os aportes das teorias das organizações.

Entretanto, esse parece ser um cenário cada vez mais comum. Há ocasiões em que uma nova disciplina fica albergada em um de seus aportes, como é o caso da comunicação organizacional que está inserida no âmbito da Comunicação. Há exemplos também de novas áreas que embrionam-se na transversalidade e que seu processo de institucionalização também acompanha a natureza mista e se cria departamentos autônomos desvinculados de seus núcleos embrionários. Com relação à comunicação organizacional todas as teses analisadas no espectro de nosso estudo mantém forte relação com a área da Comunicação e da Administração. Em todos os períodos é possível observar essa transversalidade. Para ilustrar, o Quadro 9 apresenta três pequenas amostras que se referem aos três quinquênios analisados<sup>47</sup> nesta dissertação.

---

<sup>47</sup> A relação completa de todas as teses estão no Apêndice.

Quadro 9 – Amostra Aleatória de Teses do Primeiro Quinquênio (2001-2005)

2002	Tese
	Relações Públicas: estratégia de relacionamento com públicos específicos Cultura Organizacional: conhecimento estratégico nos relacionamentos e na comunicação com empregados Comunicação Política e Tecnologia Linguística: abordagem quantitativa da com fins fáticos e conativos

Fonte: próprio autor.

No Quadro 9 extraído de nossa amostra geral vemos, por exemplo, as imbricações entre Relações Públicas e estratégias de relacionamentos, cultura organizacional para se pensar a comunicação com empregados, além da comunicação, política e desenvolvimento tecnológico. O Quadro 10 ilustra o segundo quinquênio de nossa amostra (2006-2010).

Quadro 10 – Amostra Aleatória de Teses do Segundo Quinquênio (2006-2010)

2007	Tese
	A Valiação dos Princípios Organizacionais por meio da Atuação das Relações Públicas nos Processos Comunicacionais Comunicação Organizacional Integrada: alicerces intrínsecos da economia da comunhão

Fonte: próprio autor.

Nessa segunda amostra (2006-2010) nota-se a prevalência das questões culturais no âmbito das organizações acompanhadas de problemáticas de princípios organizacionais na atuação do trabalho dos relações-públicas, além da problemática da comunicação organizacional enredada à concepção da economia da comunhão. O Quadro 11 ilustra o terceiro quinquênio da amostra (2011-2015).

Quadro 11 – Amostra Aleatória das Teses do Terceiro Quinquênio (2011-2015)

2012	Tese
	A Comunicação Pública como <i>Práxis</i> no Processo de Mediação e Mobilização da Sociedade Civil na Esfera Pública Diálogo e Interações Face a Face na Comunicação Interna: um estudo sobre a oralidade nas organizações A Comunicação Interna na Gestão da Sustentabilidade: um estudo fenomenológico A Responsabilidade Social e o Flerte da Comunicação com o Poder

Fonte: próprio autor.

O terceiro período de nossa amostra (2011-2015) aponta para a responsabilidade social em conexão com os processos comunicativos e de poder, a comunicação interna para a gestão de sustentabilidade, processos de interação a partir da oralidade no âmbito das organizações, além da comunicação pública como meio para os processos de mediação dos entes da sociedade civil na dimensão de sua esfera pública.

Nas três amostras são notórias as inter-relações da Comunicação com a Administração, mesmo essas teses tendo sido desenvolvidas no âmbito institucional da Comunicação, tais estudos não seriam possíveis sem as interfaces com as teorias e aportes vindos da Administração. Nesse sentido, no âmbito de seu estatuto epistemológico é clara a sua constituição por meio da transversalidade epistêmica, ainda que sua situacionalidade esteja na Comunicação e não na Administração. Essa pequena amostra aleatória representa ainda o escopo total, ou seja, essas inter-relações são observadas em praticamente todas as teses. Selecionamos esses três casos, das Tabelas 9, 10 e 11, de modo aleatório para demonstrar que no período de 2001 a 2015 foi possível observar claramente a chave-dupla que serve de lastro teórico para as teses a partir das teorias organizacionais e da Comunicação. Até procuramos demonstrar que o estatuto epistemológico da comunicação organizacional embriona-se na imbricação das Ciências da Comunicação e da Administração, bem como diferenciar as instâncias do estatuto epistemológico e da institucionalização, ainda que sejam processos que se interdependam. A seguir, cotejamos acerca da questão de gênero na consolidação da pós-graduação na área de comunicação organizacional e relações públicas, bem como apresentamos alguns dados de gênero dos pesquisadores que defenderam suas teses no interstício de recorte de nossa investigação.

#### 4.2 O PAPEL DAS MULHERES NA CONSOLIDAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO

Alguns anos depois se instituíram classes mistas,  
com bancos separados para alunos e alunas por uma divisão.

Mas no curso preparatório anexo havia duas seções,  
masculina e feminina e na classe das meninas  
somente poderiam lecionar professoras.

**A Instrução Feminina em São Paulo.** *Leda Maria Pereira Rodrigues*

Neste sub-tópico quebramos a regra dos anteriores. É o único que traz uma epígrafe. As demais epígrafes apenas abrem os capítulos. Nas anteriores, as troxemos pelo seu conteúdo. Esta, além de seu conteúdo, é igualmente importante pelo fato de ter sido escrito pela professora Leda Maria. O excerto foi extraído de sua tese de doutorado, defendida na

Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 1960. Aqui temos duas questões importantes. Primeiramente pela importância histórica de ser uma das primeiras mulheres a defender uma tese de doutorado na área de História<sup>48</sup>. Igualmente importante por haver estudado a questão da instrução feminina no país. Naquele excerto vemos um cenário que foi a educação/instrução feminina até a proclamação da República, conforme o recorte da professora Leda Maria. Resguardados os cuidados para não incorrer em anacronismo, mas é curioso para um leitor do fim do século XX, começo do século XXI imaginar tal condições. Nesse sentido, em menos de um século depois daquele cenário descrito pela professora Leda Maria nos depararíamos com um grupo de mulheres que consolidaram a pós-graduação no sub-campo da comunicação organizacional e relações públicas, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Se, por um lado, no começo do século XX quando o primeiro departamento de relações públicas instalou-se no Brasil – conforme abordamos no Capítulo II- havia a predominância de homens exercendo a profissão e, mesmo na criação na criação da pós-graduação, em 1972, foi empreendida por homens a partir dos trabalhos dos professores Cândido Teobaldo de Souza Andrade e Francisco Gaudêncio Torquato do Rego, por outro lado a consolidação da pós-graduação ocorreu essencialmente pelos trabalhos e pesquisas de mulheres.

Nesse cenário, abordamos a temática do papel das mulheres na consolidação do campo com as entrevistadas. Uma das docentes entrevistadas, já aposentada, acompanhou a questão feminina no âmbito do trabalho desde o princípio de sua carreira, conforme seu relato *“eu não poderia deixar de observar, muito menos de achar que isso não é importante, por que se você for observar, só de lembrar o título da minha monografia, de graduação, você vai observar que foi orientado pela a professora Sarah da Viá, o meu título era: ‘A Mulher no Trabalho’.* *Então, o meu título já indicava uma consciência do papel da mulher no trabalho, da importância disso. E creio que a minha geração, ela participou da libertação da mulher, de como as mulheres queriam buscar os seus direitos, queriam liberdade, a gente passou também, pela a libertação a partir do advento da pílula. Então, houve toda uma série de quebra de paradigmas. E eu penso, que essas mulheres, junto comigo, nós nos empenhamos no papel da busca do conhecimento, como forma, né, de dar vazão, penso eu, a todos esses valores que nós adquirimos na minha geração. E ai, a questão da contribuição da sociedade,*

---

<sup>48</sup> Conforme relato da Profa. Dra. Yvone Dias Avelino em texto em homenagem à professora Leda Maria Pereira Rodrigues, falecida em junho de 2010.

Disponível em:

[http://www4.pucsp.br/revistacordis/downloads/numero5/Revista\\_Cordis\\_5\\_Artigo\\_Yvone\\_Dias\\_Avelino.pdf](http://www4.pucsp.br/revistacordis/downloads/numero5/Revista_Cordis_5_Artigo_Yvone_Dias_Avelino.pdf)

Acesso em: 22/07/2017

*essa visão se colocava de uma forma muito clara, até para efeito de alavancar mudanças. Então, eu acho natural, a mulher avançou muito mais, mas infelizmente do ponto de vista do capital, a qualidade ainda não se faz presente. Mas, eu acho que é uma questão de tempo, que isso também deverá equilibrar mais as relações de gênero*". Vemos neste relato uma exegese do íterim que separa o contexto descrito pela professora Leda Maria, na epígrafe, para o campo consolidado da comunicação organizacional e relações públicas. Ainda sobre esse eixo temático, a segunda entrevistada, professora titular da ECA-USP, entende que para além de uma coincidência, pois houve pontualmente a participação masculina, foi uma batalha essa consolidação. Conforme ela nos detalha em seu depoimento *"Então, eu acho que é até uma coincidência da própria escola, pois nós tivemos 02 homens pioneiros na pós-graduação dessas áreas, que foi o professor Cândido Teobaldo de Souza Andrade, e o professor Gaudêncio Torquato. O professor Teobaldo, em relações públicas, e o professor Torquato em comunicação/jornalismo empresarial. E realmente, né, eles formaram os primeiros mestres e doutores dessas áreas aqui, e a nossa geração, né, a professora Sidinéia, a professora Heloíza, nós realmente nos integramos aqui, no programa, como docentes do curso, e levamos para frente essa nossa batalha para formarmos novos mestres e novos doutores. E concidentemente, nós tínhamos também, um colega que chegou a dar aula, mas ele acabou se aposentando muito cedo, né, que foi o professor Waldir Ferreira, que também era da área de relações públicas e chegou à orientar algumas teses aqui, mas bem no início*". Aqui é importante ver que quando falamos que as mulheres consolidaram a pós-graduação não significa que não tiveram professores do sexo masculino trabalhando na linha. Como vimos houve uma participação pontual, mas a consolidação em si foi edificada pelo trabalho das mulheres.

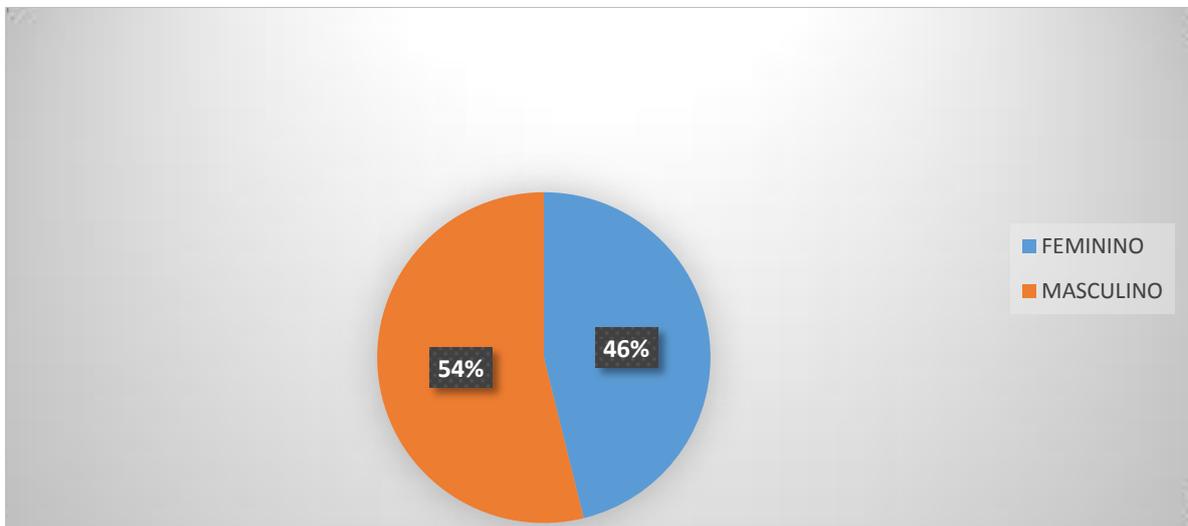
Nesse sentido, uma terceira entrevistada, hoje professora sênior da ECA, para além da dimensão das mulheres na consolidação da linha de pós-graduação, apresentou um traço que perpassa a questão da pesquisa e atinge o lado do desenvolvimento profissional quando observa uma mudança entre a década de 1970 e a atualidade quando aponta que *"antes havia uma disputa mais acirrada entre homens e mulher, pelo menos na época em que eu entrei na USP... Mas, eu concordo com você, acho que a sua pesquisa está em um bom caminho quando identifica a presença forte das mulheres na consolidação da pós-graduação. [...] você vê isso na arte, na educação, na biblioteconomia, no CCA<sup>49</sup>... Então, não é que os*

---

<sup>49</sup> Sigla que representa o Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes. Grosso modo, esse departamento alberga as disciplinas teóricas do troco fundamental das graduações em Relações Públicas, Jornalismo, Publicidade, Educomunicação e Rádio e TV.

*homens não estejam ocupando campos importantes, mas...*” Essa dimensão percebida e apontada nos serve de lastro para alguns dados quantitativos que alinhavamos no levantamento das teses de doutorado que compõem nosso escopo geral. Sobretudo, com relação ao último trecho dessa entrevistada vê-se um cenário mais equilibrado entre os sexos no tocante à educação superior. Num cenário felizmente bem diferente daquele descrito pela professora Leda Maria, homens e mulheres têm alcançado a titulação de doutor(a), ao menos no interstício analisado. A partir da outorga dos títulos de doutor(a), o Gráfico 1 mostra os seguintes dados:

Gráfico 1- Amostra em Números Totais de Mulheres e Homens Titulados (2001-2015)



Fonte: próprio autor.

No Gráfico 1 caminha-se para a tendência apontada pela terceira entrevistada. Embora a quantidade de homens titulados ainda seja maior, o Gráfico 1 aponta para uma dimensão mais equilibrada entre mulheres e homens titulados pela de pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação com trabalhos realizados nas temáticas de comunicação organizacional e de relações públicas. Esse dado referido em porcentagem representa o universo numérico mostrado na Tabela 1.

Tabela 1- Amostra em Números Totais de Mulheres e Homens Titulados

<b>Gênero dos discentes em números totais</b>	<b>Gênero</b>	<b>Quantidade</b>
	FEMININO	18
	MASCULINO	21

Fonte: próprio autor.

O Gráfico 1 e a Tabela 1 servem para pensar juntamente com um levantamento realizado por Kunsch (2015) feito a partir das dissertações de mestrado defendidas no Brasil no intertício de 2000 a 2014 nos programas de pós-graduação que investigam as temáticas de comunicação organizacional e relações públicas. Embora seja feito a partir de um espectro bem mais amplo que o nosso estudo, os resultados apontaram uma questão curiosa. Em nosso estudo abordamos as teses de doutorado e vimos que, embora o número de pesquisadores esteja equilibrado entre homens e mulheres, no caso do estudo de Kunsch (2015) vemos uma tendência oposta conforme a Tabela 2:

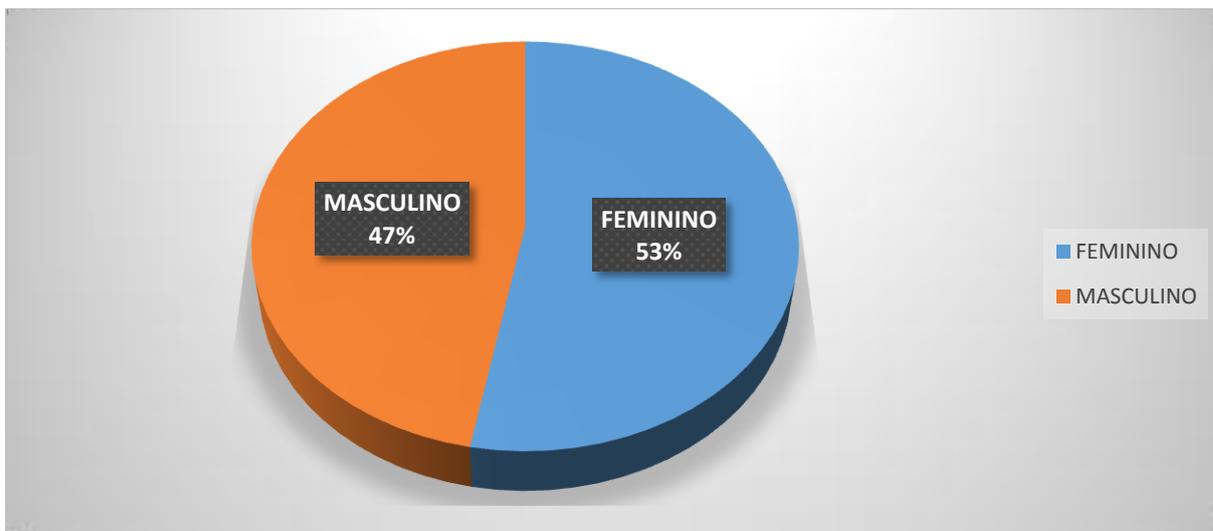
Tabela 2 – Dados de Defesa de Mestrado entre 2000-2015 no País

<b>Gênero dos discentes em números totais</b>	<b>Gênero</b>	<b>Quantidade</b>
	FEMININO	233
	MASCULINO	103

Fonte: Kunsch (2015)

Nesse sentido, com relação às dissertações de mestrado defendidas no país há uma forte tendência de predominância feminina, no entanto, quando se chega ao doutorado, embora não haja discrepância entre mulheres e homens titulados, mas o número de doutores é sensivelmente maior em relação aos homens do que com as mulheres como mostra o Gráfico I. Ainda nessa questão sobre gênero dos discentes que se titularam pela linha Políticas e Estratégias de Comunicação da ECA-USP, estratificamos os dados por quinquênios e obtivemos os resultados no Gráfico 2.

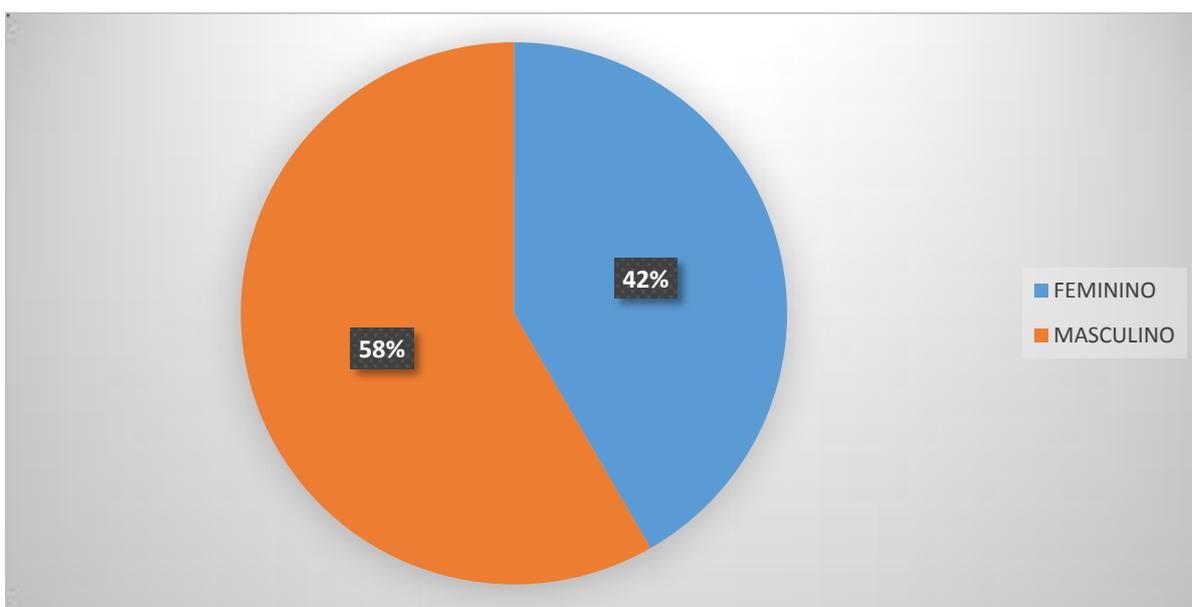
Gráfico 2- Gênero dos Discentes Titulados no Primeiro Quinquênio



Fonte: próprio autor.

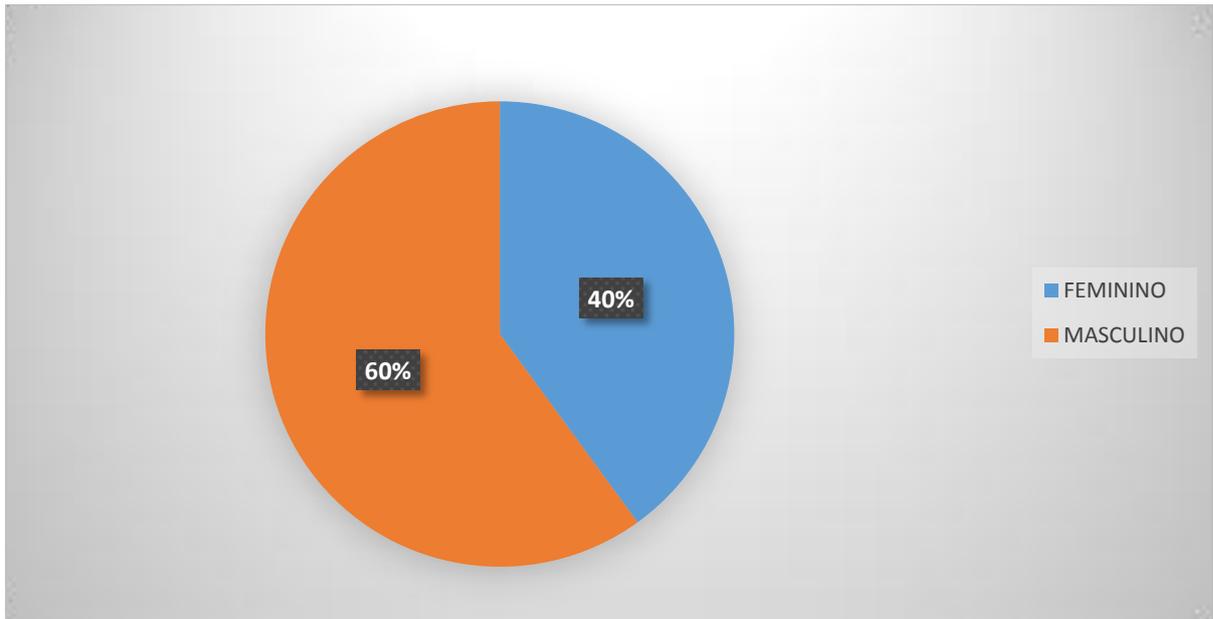
Ao estratificarmos por quinquênios, no caso do primeiro que compreende o íterim entre 2001 a 2005 foi o único período em que mais mulheres se titularam na linha de pesquisa. Ainda assim por uma diferença bem pequena. Numericamente o Gráfico 2 representa nove teses defendidas por mulheres e oito teses defendidas por homens. Nos dois cenários a seguir, que representam o segundo e o terceiro quinquênio o quadro difere do primeiro e segue a tendência dos números totais conforme mostram os Gráficos 3 e 4.

Gráfico 3 – Gênero de Discentes Titulados no Segundo Quinquênio



Fonte: próprio autor.

Gráfico 4 - Gênero de Discentes Titulados no Segundo Quinquênio



Fonte: próprio autor.

Nos Gráficos 3 e 4 o gênero masculino volta a predominar em quantidade de defesas de teses. No segundo quinquênio que compreende o interstício de 2006 a 2010, o Gráfico 3 representa numericamente o equivalente a cinco teses defendidas por mulheres e sete teses por homens. Já o Gráfico 4 que compreende o quinquênio final de nosso recorte de 2011 a 2015 congrega a importância de quatro teses defendidas pelo gênero feminino e seis pelo gênero masculino. Em todos os três cenários, embora o primeiro difira dos demais, vemos uma tendência de equilíbrio entre gênero masculino e feminino em cadência com o relato da terceira entrevistada. A seguir abordamos as temáticas emergidas nas teses de nosso recorte, bem como as metodologias empregadas.

#### 4.3 DOS EIXOS ESTRUTURANTES: PRIMEIRO QUINQUÊNIO 2001-2005

Nosso recorte temporal permeou o entremeio de 2001 a 2015 com vistas a melhor enxergar as vicissitudes transcorridas no campo nesse período, optamos por separar a amostra em três períodos para que, num primeiro momento, pudéssemos observar as mudanças de um período para outro. Ou seja, identificar as temáticas mais evidentes em determinado período, bem como as temáticas que foram desaparecendo. No começo de nossa investigação nos instigava compreender o porquê de algumas temáticas emergirem no princípio e outras aparecerem apenas no final. Ao alinharmos os dados compilados nas teses emergiu questões também sobre temáticas importantes que aparecem num período e simplesmente desaparecem nos demais. Essas questões reforçaram nossa opção em separar em três

quinquênios numa primeira instância para que depois pudéssemos construir as matrizes. Tanto as temáticas que aparecem, assim como as que desaparecem reforçaram, a nosso ver, a escolha teórica versada no Capítulo I, a partir do triângulo formado por Bourdieu (1976; 1982; 2004) Latour (1997; 1999) e, sobretudo, Kuhn (2012).

Nesses três percursos teóricos extraímos o substrato do período de consolidação do campo. Ou seja, quais as relações aquelas temáticas compiladas na fase quantitativa de nossa pesquisa se relacionavam com o seu contexto social. Nesse sentido, a nosso ver, tanto as temáticas que emergiram com robustez e perpassaram todos os três quinquênios como as que apareceram e logo desapareceram, essas duas dimensões são frutos tanto de seu contexto histórico como também do processo de institucionalização. Dessa forma, mais uma vez aclaramos que não é possível debater um pensamento/construção epistemológica sem considerar visceralmente o processo de institucionalização. Assim essas duas dimensões – constituição epistêmica e institucionalização - são aqui tomadas como uma lanterna que tem a função de alumbrar as veredas epistemológicas de nosso campo científico. Percorrer tal vereda iluminada pelas luzes dos processos epistemológicos em articulação com sua institucionalização não tem por finalidade a descoberta da verdade, uma vez que esta, em seu sentido ontológico, não existe. Por que então percorrer determinado percurso sem ter em mente a chegada? Porque o problema central aqui não é a chegada. Metaforicamente a chegada ilustraria o fim, a estagnação. Logo, o mais importante são os processos emergidos das vicissitudes que são defrontados nas veredas epistêmicas. Nesse sentido, retomo aqui o que já fora explanada na introdução de nosso trabalho.

A pertinência em se percorrer a história social do campo está em compreender o porquê tal vereda foi constituída de determinada maneira. Nesse sentido justifica-se que a medula da matéria vertente de nossa investigação seja o caminho e não a chegada. Assim, quando intitulos esse subtópico como eixos estruturantes fazemos menção às temáticas do primeiro quinquênio. Nesse sentido, poder-se-ia emergir o questionamento, se nosso recorte compreende o período de consolidação do campo, ou seja, ele não começa em 2001, mas em 1980 com a criação do doutorado em Ciências da Comunicação, como pode ser chamado de eixo estruturante? Não seria o estruturante a fase precedente ao período de consolidação? A resposta é afirmativa. Entretanto, é curioso que as temáticas das teses do início de nosso recorte mantém uma espécie de continuidade da tradição teórica/intelectual da década anterior. Por não notarmos uma cisão entre as temáticas do primeiro quinquênio com a de sua

década precedente<sup>50</sup>, assim acreditamos que o primeiro quinquênio analisado ainda dialoga consideravelmente com a década anterior e constitui substrato para o degrau seguinte, o eixo emergente, que está versado na seção seguinte.

Ao buscarmos as temáticas das teses fizemos duas segmentações referentes à temática primária e temática secundária. Nos Quadros 12 e 13, vemos uma síntese dos temas de pesquisa que foram desenvolvidos nos primeiros cinco anos de nosso recorte de investigação (2001-2005).

Quadro 12 – Temáticas Primárias no Primeiro Quinquênio 2001-2005

<b>Ano</b>	<b>Temáticas das teses</b>
2001	Sistema Autopoiético e Comunicação Comunicação Interpessoal Comunicação Pública e Política
2002	Públicos Cultura Organizacional Comunicação Pública e Política
2003	Comunicação Excelente Planejamento de Eventos Marketing Cultural Funcionalismo
2004	Ensino de Comunicação
2005	Segurança Cooperativa Valores Organizacionais Políticas Públicas Comunicação Pública Processos Políticos-eleitorais Imagem Corporativa

Fonte: próprio autor.

<sup>50</sup> Embora a década precedente não fosse nosso objeto de estudo, mas ao sistematizarmos os dados das teses do início de nosso recorte, revisitamos alguns trabalhos anteriores que não fazem parte de nosso escopo, além de termos debatido essa questão nas reuniões de orientação.

Quadro 13 - Temáticas Secundárias no Primeiro Quinquênio 2001-2005

<b>Ano</b>	<b>Temáticas das teses</b>
2001	Construção de Sentidos Comunicação Interna Relações Públicas e Cidadania
2002	Relacionamentos Estratégicos Relacionamento com Empregados Tecnologia Linguística
2003	Relação Médico Paciente Marketing Consumo e Cultura Imposições Sistêmicas
2004	Influência Estatal
2005	Relações Públicas Internacionais Barreiras Culturais Imprensa e Participação Política Saúde do Idoso Tecnologias de Informação e Comunicação Mensuração da Comunicação

Fonte: próprio autor.

De pronto chama-nos a atenção, frente esse quadro que sintetiza a produção científica em nível doutoral da linha de pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação<sup>51</sup>, temáticas que emergem logo no início e depois não mais são abordadas. É o caso do estudo sobre os públicos, como também a apropriação da perspectiva teórica de Niklas Luhmann (1927-1998) acerca do pensamento sistêmico a partir do conceito de autopoiese. Ainda nesse caminho vemos a questão das reflexões sobre ensino no âmbito da Comunicação Social. O ano de 2005 é emblemático em dois aspectos. Primeiro pelo fato de ter tido mais defesas que nos anos anteriores, logo é natural que mais temáticas componham o período, na medida em que cada tese traz assuntos específicos. Outro fato é de que em 2005 já se começa apontar para uma plasticidade. Aqui entendemos a plasticidade na mesma linha de raciocínio da neurologia segundo o qual a plasticidade é o processo de transformações no cérebro a partir das experiências alinhavadas pelo indivíduo.

<sup>51</sup> A maior parte desse primeiro quinquênio a linha ainda se chamava Comunicação Institucional: políticas e processos. Após meados de 2005 houve a reestruturação e revisão da linha. A partir de algumas mudanças com maior abrangência conceitual e de novos objetos e temáticas é que, em 2006, a linha oficialmente passou a se chamar Políticas e Estratégias de Comunicação.

Portanto o ano de 2005 é, ao mesmo tempo, o último ano da linha de pesquisa antes de sua reformulação, como também onde aparecem temáticas menos comuns à época, preconizando o que denominamos neste trabalho como matriz emergente. O ano de 2005 é como se representasse uma espécie de cisão simbólica entre ciclos que se interdependem na medida em que as temáticas menos comuns à época só poderiam surgir a partir do capital científico e do espaço institucional delineados pelas pesquisas anteriores. Vemos aqui uma dimensão que aponta claramente a inter-relação entre o pensamento epistemológico e a institucionalização. As mudanças e reestruturações na linha de pesquisa fizeram parte da institucionalização, entretanto, não haveria o que reestruturar se não houvesse um refino teórico e que enxergasse novos objetos e novos problemas no entremeio da Ciência e Sociedade.

Sem embargo, voltemos à questão das temáticas que desapareceram. Tomemos, por exemplo, o caso do estudo dos Públicos. Em Porto Simões (1995) vimos uma das primeiras críticas à visão tradicional de Públicos calcada na dimensão geográfica que considerava a tríade público interno, externo e misto. Essa foi a primeira contribuição teórica da academia brasileira em relação ao estudo dos públicos edificada pelo professor Cândido Teobaldo de Souza Andrade a partir de sua obra denominada *Psicossociologia das Relações Públicas*, cuja primeira edição foi lançada em 1975. Em revisão teórica, Simões (1995) aponta que tal:

Ponto de vista, entretanto, não resiste à análise, caso se considerem os deslocamentos constantes das fronteiras organizacionais e, também, das pessoas, através dos vários públicos a que pertencem. [...] Considera-se insuficiente para caracterizar o tipo de relação público-organização. Os públicos precisam ser compreendidos por outra ótica. É imprescindível identificá-los, analisá-los e referenciá-los quanto ao poder que possuem de influenciar os objetivos organizacionais, obstaculizando-os ou facilitando-os. (SIMÕES, 1995, p. 131).

Essa crítica apontada por Simões em relação à taxonomização dos públicos a partir da divisão tradicional foi a primeira no âmbito da academia brasileira. Em sua obra, Simões traz a tipologia de Lucien Matrat, sociólogo francês, que estabeleceu uma tipologia de público baseada no poder que emana da estrutura organizacional. Matrat assumiu que a classificação dos públicos não podia estar relacionada com um modelo estático e trouxe uma visão situacional, na qual os públicos vão se ajustando e ocupando diferentes papéis dependendo da necessidade e do poder que tem em relação a uma situação. Anos depois, Fábio França apresentou uma visão seguida de categorização dos públicos a partir da dimensão lógica<sup>52</sup>,

---

<sup>52</sup> Após a defesa da tese, o estudo foi lançado em livro. Para maiores referências consultar França (2004).

baseada na Filosofia e não mais no critério geográfico.

Nesse sentido, em entrevista, Fábio França em um eixo de raciocínio em consonância com Porto Simões (1995), mencionou em entrevista que *“quando eu ia dar aula, e cada professor falava uma coisa de público, então, o aluno sempre perguntava o que afinal era público, né, não havia uma definição. Então, o pessoal ia acompanhado o livro do Teobaldo, que dá uma série de citações de público. Ai eu comecei a analisar, com a experiência empresarial, para achar uma lógica para os públicos. Ai eu peguei o que era essencial e o que não era, e elaborei essa suposição. Os públicos essenciais são quem fazem a empresa funcionar, já os não essenciais, são aqueles que prestam serviços, não estão ligados diretamente na empresa. E também têm os de interferência, concorrentes, aqueles que combatem a empresa. Ai eu comecei a fazer a pesquisa e selecionei 40 empresas, mas a dificuldade é muito grande para entrar, mas eu consegui contato com 20. Quando eu comecei a pesquisa, eu percebi que os caras não entendiam, e ai eu tive que criar uma tabelinha, e funcionou. Então, em cima disso, eu consegui construir a estrutura, o paradigma, essenciais, não essenciais e rede de interferência. Eu estudei mais, procurei muitos livros, mas, não tinha muita coisa, né, a não ser o stakeholders, mas o resto era tudo chute. O interno, o externo, misto, não funciona... Então, eu criei essa estrutura, e fiz o livro”*. Desta forma, a partir de um estudo empírico fora criada uma nova tipologia de públicos que na visão do próprio professor Fábio França tem-se uma contribuição paradigmática.

Nesse sentido, tal caracterização busca desde os alicerces filosóficos acerca do público até a dimensão empírica de melhor classificar e compreendê-los. Dessa forma, viu-se uma nova maneira de se problematizar os públicos uma vez passou a se considerar as expectativas dos públicos. Nesse eixo de raciocínio, Fábio em depoimento acrescenta que *“eu criei esse paradigma, que ele é extensivo inclusive à comunicação. Como é que eu me relaciono com o fornecedor, qual é a linguagem que eu uso com o fornecedor... Tudo é pesado e medido, tudo é controlado, tudo é mensurável. Então, primeiro você tem que ter o relacionamento, depois, você precisa saber com quem é que você vai mexer, ser objetivo, o nível de envolvimento, a reciprocidade, que ninguém nunca tratou disso... Eu acho que uma das coisas mais importantes que eu destaco, é que ele se preocupa em saber se o público X vai ter sobre a organização, ou sobre uma determinada ação, porque a gente, normalmente, só faz de dentro para fora. Vamos fazer isso para a comunidade, vamos fazer isso para tal, mas tem a coluninha que diz qual é a expectativa do público que vai receber a ação, porque às vezes você está fazendo a ação, mas não é isso que ele esperava de você. A mesma coisa se aplica para a comunicação, você pode pegar o mesmo problema para a comunicação. Então, com*

*esse negócio da reciprocidade eu fechei o paradigma. Eu escolho o público, me relaciono com ele, tenho objetivos, qual é a expectativa da empresa em relação ao público e qual é a expectativa do empregado. Então, o empregado quer permanecer no emprego, quer salário, quer bem estar, quer plano de saúde. Todo o processo de relacionamento de comunicação, porque eu trabalho com os dois polos. O importante falar é o seguinte como a gente sempre trabalhou com a tipologia tradicional, as anteriores não têm o mesmo grau de profundidade, para a gente trabalhar com eles, então fica muito difícil”.* Conforme vemos no relato de Fábio França essa nova visão de públicos calcada na lógica aproxima-se da dimensão de um olhar horizontal acerca das organizações.

Ainda com relação a concepção lógica dos públicos, Fábio França lança um prognóstico para a continuidade do campo das Relações Públicas como atuação profissional na medida em que tal área caminha para o seu nível de consultoria, sempre alinhando cenários, a comunicação em cadência com a administração da organização. Nesse sentido, o entrevistado entende que *“que tem que trabalhar no nível de consultoria de negócios. A comunicação, tem que conseguir entender o processo completo da empresa, entender os seus públicos e entender qual é a melhor forma de se comunicar com cada um dos públicos, ter políticas específicas para cada um dos públicos e sempre ver o entorno, ver se as coisas estão funcionando. Tem que mensurar, porque se não mensurar, você também vai trabalhar no ar. Eu vejo que vai haver uma mudança muito grande nessa área de comunicação, se não houver uma mudança de pensamento e atualização do pensamento, porque a academia é muito tradicional, muito conservadora, se não mudar esse ensino, para abrir a cabeça das pessoas, não vai melhorar não”.* Nesse depoimento, ademais da constituição paradigmática já explanada pelo professor resta, todavia, um questionamento acerca do porquê uma temática importante como o estudo dos públicos tenha seguido pela vereda da descontinuidade.

Nesse eixo de raciocínio cabe-nos fazer um questionamento acerca de nossa própria escola. Conforme vimos no primeiro capítulo, a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo teve papel fundamental na institucionalização dos estudos de Comunicação no País. Mais do que isso, em quase quarenta anos do programa de doutorado em Ciências da Comunicação, formou pesquisadores para a própria escola, para outras instituições do Brasil e de países da América Latina. Expandiu suas áreas de pesquisa, tendo inclusive gerado novos programas de pós-graduação a partir de desmembramentos de linhas de pesquisa, como foi o caso da Ciência da Informação e do Cinema. A ECA-USP teve papel fundamental de embrionar novos temas de estudo, entretanto, ao verter o olhar sobre o já percorrido deparamos com certos hiatos como é o caso dessas temáticas que emergem e

depois desaparecem. Não faltaria a Escola assumir seu papel combativo e iconoclasta presente desde sua fundação?

Outro caso semelhante centra-se nos estudos acerca dos sistemas autopoieticos, preconizados por Niklas Luhmann, cujo primeiro estudo a apropriar-se desse constructo teórico para se problematizar a comunicação nas organizações foi desenvolvido na antiga linha Comunicação Institucional: políticas e processos e nunca mais houve trabalhos que seguissem tal percurso. Mais de uma década depois da defesa dessa tese, desenvolvida por João José Azevedo Curvello, essa temática voltou a ser problematizada e os pressupostos de sistemas autopoieticos voltaram-se para a compreensão de fenômenos no âmbito da comunicação organizacional, entretanto, fora da Escola de Comunicações e Artes. Essas novas pesquisas situam-se no espaço institucional da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade Católica de Brasília e Universidade de Brasília.

Situação semelhante ocorre ao vertermos os olhos para os estudos acerca da situação do ensino em Comunicação Social. Dentro de nosso escopo vimos, nessa fase denominada como estruturante, apenas um estudo que versasse sobre educação, entretanto, tal tese estava centrada na relação de poder em instituição de ensino superior durante o governo de Fernando Henrique Cardoso. Apesar de versar sobre Educação seu foco centrava-se na relação poder/instituição de ensino/privatização. Quando se convoca aqui a temática da educação no tocante às condições de ensino, as metodologias empregadas, os debates e até mesmo embates e inflexões – ambos necessários para construção de conhecimentos – sobre o que deve ser ensinado vê-se uma situação curiosa. Em nosso escopo que compreende um período contínuo de três quinquênios não houve uma tese sequer que problematizasse tais questões mesmo que neste período tenham ocorrido acontecimentos importantes para o campo como, por exemplo, a revisão de diretrizes dos cursos de graduação em Relações Públicas junto a Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação – MEC<sup>53</sup>. O que chama a atenção é que temáticas dessa natureza são problematizadas pelo trabalho, por exemplo, de Cláudia Peixoto de Moura, a partir de tese defendida em 2000 na linha de pesquisa analisada. Essa tese não está em nosso escopo, pois foi defendida antes de 2001. Com um hiato de três quinquênios é que tais problemáticas voltam a ser abordadas por trabalhos ainda em andamento como, por exemplo, da pesquisadora Ana Cristina da Costa Piletti Grohs que aborda metodologias ativas para o ensino de Relações Públicas. Ainda que de modo um pouco mais “privilegiado” frente

---

<sup>53</sup> C.f. Currículo dos Cursos de Relações Públicas Terá Novas Diretrizes.  
Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34731>  
Acesso em: 25/07/2017

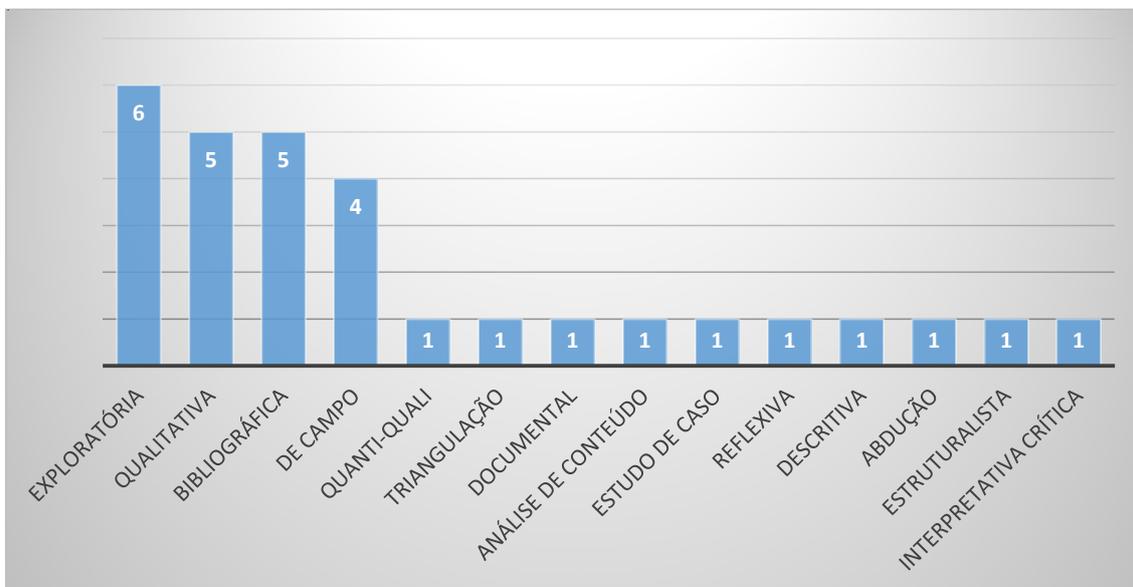
aos dois casos anteriormente abordados, mas viu-se uma considerável distância temporal entre trabalhos que voltassem suas discussões e problematizações para as dimensões/condições do ensino na Comunicação Social, especificamente na área de Relações Públicas.

Além das temáticas, que a nosso ver, abre questionamentos importantes sobre a constituição do campo, especialmente suas continuidades e discontinuidades, vemos igual importância sobre os recursos metodológicos empregados nos transcorrer do desenvolvimento do campo. A seguir abordamos as metodologias presentes no primeiro quinquênio que compreende o interstício de 2001 a 2005.

#### 4.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DO PRIMEIRO QUINQUÊNIO (2001-2005)

A abordagem delineada neste subtópico tem caráter descritivo acerca dos recursos metodológicos empregados nas teses defendidas na linha de pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação entre 2001 a 2005. É importante fazer uma ressalva no sentido de que em quase todas as teses observou-se mais de um procedimento metodológico. Primeiramente computamos todos os procedimentos metodológicos usados nas teses e, em seguida, tabulamos todas as abordagens e todos os recursos metodológicos utilizados para então apresentá-los no Gráfico 5.

**Gráfico 5 – Abordagens Metodológicas Empregadas no Primeiro Quinquênio 2001-2005**



Fonte: próprio autor.

Se no eixo teórico da constituição disciplinar das Ciências da Comunicação, bem como na Comunicação Organizacional e Relações Públicas vimos que sua emergência passa

necessariamente pela vereda da transversalidade epistemológica, ao vermos as informações do Gráfico 5 nota-se que não só a dimensão teórica se edifica pelo da transversalidade, como também as abordagens e recursos metodológicos seguem a mesma tendência.

Ademais das abordagens bem conhecidas nas Ciências Sociais Aplicadas como vemos no caso das quatro primeiras metodologias mais utilizadas como as exploratórias, qualitativa, bibliográfica e de campo que em seu cerne situam-se no limiar das Ciências Humanas e Ciências Sociais, percebe-se o diálogo com outras disciplinas como a Linguística, por meio da Análise de Conteúdo, com a Semiótica Pragmaticista, mediante a Abdução, a Semiologia, pela janela aberta pelo estruturalismo.

Ainda no caminho de nossa análise percorremos o eixo dos temas emergentes que, mormente, coincide com a reestruturação institucional da linha de pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação que constitui o substrato para a materialização do campo científico problematizado em nossa pesquisa.

#### 4.5 DOS EIXOS EMERGENTES: SEGUNDO E TERCEIRO QUINQUÊNIO 2006-2015

Como vimos no subtópico anterior, as temáticas mormente dialogavam com a década anterior e, a partir de 2005, último ano do recorte do primeiro quinquênio de nossa amostra, se observou o início de uma multiplicidade de novas temáticas e conforme já apontamos esse processo de emergência de nossas temáticas foi concomitante à reestruturação da linha de pesquisa Comunicação Institucional: políticas e processos que culminou na linha Políticas e Estratégias de Comunicação, cujo prospecto indica investigações no âmbito dos:

Estudos de paradigmas e correntes teóricas de comunicação organizacional, relações públicas, editoração e jornalismo e suas interfaces. Enfocam-se as políticas e estratégias de comunicação no setor público, privado e não-governamental, desenvolvendo a pesquisa aplicada em comunicação administrativa, interna, institucional e mercadológica, que têm por base tanto a perspectiva de uma filosofia da comunicação integrada quanto princípios da ética, responsabilidade social, de gêneros e etnias e classes sociais. Contempla as interações da comunicação com a identidade, alteridade e cultura organizacional, sustentabilidade, memória e as narrativas institucionais, bem como pesquisas relativas à comunicação pública e às políticas públicas de comunicação. Reflete sobre os novos conceitos de público, relacionamentos, redes sociais, opinião pública e suas múltiplas ressignificações no contexto da sociedade contemporânea<sup>54</sup>.

<sup>54</sup> C.f. estatuto do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA-USP.

Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/pos/ppgcom/apresentacao/organizacao/linhas-de-pesquisa>  
Acesso em: 26/06/2017.

Dessa forma, a perspectiva das investigações desenvolvidas no âmbito da linha de pesquisa reestruturada passou a dar uma abrangência a novas temáticas outrora não investigadas. Essa caracterização observada tanto nas teses defendidas efetivamente a partir de 2006 em consonância com a reestruturação da linha é que justifica chamar essa matriz de eixo emergente. Tais mudanças, a nosso ver, além de estarem relacionadas indiretamente com o primeiro quinquênio – uma vez que este contribui com o capital científico para o fortalecimento da linha de pesquisa e conseqüentemente de sua institucionalização – dialogam principalmente com a sociedade. A nosso ver todas essas temáticas congregam “mensagens” do contexto social e também da imersão dos pesquisadores na sociedade. Mais uma vez reforçando a opção teórica, sobretudo, a partir de Latour (1997; 1999) e Kuhn (2012). Nos Quadros 14 e 15 observam-se as temáticas primárias e temáticas secundárias, respectivamente, essas temáticas foram compiladas no segundo quinquênio (2006-2010).

Quadro 14 – Temáticas Primárias no Segundo Quinquênio 2006-2010

<b>Ano</b>	<b>Temáticas das teses</b>
2006	História Empresarial Relações Públicas Internacionais na América Latina Comunicação Pública Estatal Opinião Pública Cultura Organizacional
2007	Governança Corporativa Economia da Comunhão
2008	Empreendedorismo
2009	Comunicação Interna Relações Públicas e Turismo
2010	Governança Corporativa

Fonte: próprio autor.

Quadro 15 – Temáticas Secundárias no Segundo Quinquênio 2006-2010

<b>Ano</b>	<b>Temáticas das teses</b>
2006	Memória Empresarial Excellence Study Cidadania Música Popular Brasileira Poder
2007	Princípios Organizacionais Comunicação Organizacional Integrada
2008	Empreendedorismo em Comunicação
2009	Ouvidoria Interna Relacionamento com Públicos
2010	Políticas de Comunicação

Fonte: próprio autor.

As temáticas as quais chamamos de emergentes que se embrionam em meados de 2005 e aprofundaram a partir do segundo quinquênio (2006-2010) seguem a mesma tendência no terceiro quinquênio que compreende o período final de nosso recorte (2011-2015), conforme se observa nos Quadros 16 e 17 que apresentam as temáticas primárias e secundárias do terceiro quinquênio, respectivamente.

Quadro 16 – Temáticas Primárias do Terceiro Quinquênio (2011-2015)

<b>Ano</b>	<b>Temáticas das teses</b>
2011	Comunicação Pública
2012	Comunicação Pública Comunicação Interna Sustentabilidade Responsabilidade Social e Sustentabilidade
2013	NÃO HOUVE DEFESA
2014	Sustentabilidade Comunicação Pública Reputação Organizacional
2015	Sustentabilidade Comunicação Política

Fonte: próprio autor.

Quadro 17 – Temáticas Secundárias no Terceiro Quinquênio (2011-2015)

<b>Ano</b>	<b>Temáticas das teses</b>
<b>2011</b>	Espaço Público e Reputação
<b>2012</b>	Sociedade Civil e Esfera Civil Oralidade e Linguagem Comunicação Interna Poder
<b>2013</b>	NÃO HOUVE DEFESA
<b>2014</b>	Planejamento Estratégico Memória Social Gestão
<b>2015</b>	Governança, desenhos de interação e engajamento Capital Social

Fonte: próprio autor.

Os dados dos Quadros 14, 15, e 16 mostram a inter-relação do campo científico com o contexto da sociedade. Concomitantemente, observa-se que as transformações no âmbito social reverberam no campo científico e vice-versa na medida em que novas problemáticas e temas foram inseridos no campo e também na dimensão em que a reflexão acadêmica ajuda a apreender essas novas temáticas. Essa inter-relação entre Ciência e Sociedade segue acompanhada do processo de institucionalização. É essencialmente na articulação dessas três instâncias: institucionalização, ciência e sociedade (não necessariamente nessa ordem) que se edifica o conhecimento científico. Isso porque todas essas temáticas que denominamos de emergentes não nasceram dentro da Universidade. A nosso ver, tanto a preocupação e debates acerca da sustentabilidade, a exigência por parte dos públicos atentos aos comportamentos das organizações e atentos aos princípios de governança, a atenção à diversidade e equidade de gêneros são que emergem do espaço social e, então, passam a ser debatidos no âmbito do campo acadêmico. A nosso ver, não seria possível que tais temáticas fossem incorporadas ao campo se não houvesse espaço institucional. Por isso acreditamos na tríade formada pela sociedade, ciência e institucionalização.

Nesse eixo de pensamento, buscamos consonância a partir do relato da professora Margarida Kunsch quando assevera que *“a área de comunicação, em geral, é uma área muito dinâmica, e é uma área que acompanha muito a contemporaneidade, e no nosso campo*

*também, não podemos pensar diferente, por isso que eu vejo temas emergentes, que estão surgindo, e demandam debates e pesquisas, começam a suscitar necessidades de buscar mais aportes. Por exemplo, a questão da sustentabilidade evoluiu muito, em 1992, falava-se em desenvolvimento sustentável, então, a partir de toda essa pauta, que começa a ser bastante valorizada na sociedade, é muito natural e muito salutar, que a academia traga isso para defender. O mesmo acontece nas áreas tradicionais, por exemplo, se na sociedade, na medicina, está havendo, lá, um novo surto de uma nova doença, cabe ao meio científico buscar formas para equacionar e contribuir, então, eu acho que nós ainda, no nosso campo, nós estamos muito distanciados dessas novas demandas, que eu acho que às vezes, nós produzimos muitos trabalhos para nós mesmo, então, quando você desenvolve trabalhos que estão na agenda global, mundial, eu acho que isso é, não só um dever, mas também uma forma de você buscar, não respostas prontas, mas questionar e trazer elementos que possam ajudar a refletir, aprimorar os conceitos”.* Nesse dinamismo do campo da Comunicação, acompanhado de sua relação com a contemporaneidade, vemos a partir desse depoimento um diagnóstico pertinente para a continuidade do campo na medida em que, segundo a professora, ao mesmo tempo que incorporamos e acompanhamos a contemporaneidade seguimos distanciados da comunidade.

Nessa linha reflexiva, a professora apresenta um tensionamento importante visto em trabalhos desenvolvidos pelo campo. Trata-se das discontinuidades vistas em relação ao discurso praticado pelas organizações e as ações efetivamente praticadas. Se, por um lado, vemos emergirem da sociedade debates importantes em torno de problemáticas que denominamos como temas emergentes, por outro lado, ainda se veem organizações que incorporam apenas no discurso e não em suas práticas efetivamente. Nesse sentido, o papel crítico da Universidade indica para uma dimensão, por nós defendida, de que o pensamento epistemológico não é, e não deve ser, um diálogo apenas entre cientistas. Se, conforme já apontamos, a constituição do pensamento epistemológico congrega a dimensão do discurso científico, das demandas sociais e da institucionalização se fecharmos o pensamento epistemológico apenas como um inventário delineado apenas no interior da Universidade alcançaríamos, no máximo, um discurso científico anáfono.

Nesse sentido, ao abordarmos as temáticas emergentes, é fundamental a problematização acerca de como essas temáticas são abordadas efetivamente como um vetor de intervenção e transformação social. Em consonância com nosso argumento, a professora Margarida Kunsch em entrevista acrescenta que *“muitas vezes empresas têm um discurso institucional muito bonito, como a sustentabilidade, e promovem ações muito mais para*

*ganhar prêmios, do que por uma filosofia de gestão. Aí vem a possibilidade de uma análise crítica. A universidade, ela tem a obrigação de ser vanguarda, ela tem que mostrar o novo, tentar trazer novas reflexões. Ela não tem que ficar submetida ao mercado. Mas, ela tem que ser vanguarda, e muitas vezes nós não somos! O próprio campo da comunicação organizacional e relações públicas, deixou de ser vanguarda por uma série de questões, há muitos anos. Aí, você tem uma miscelânea de conceitos espalhados. São nomes, por exemplo, de departamentos, de assuntos institucionais, assuntos internos, corporativos, marketing quando não é feito marketing, então, tudo isso, eu acho que nós da área acadêmica, da universidade, temos que contribuir, também, para elucidar esses conceitos”.* Reside aí a função de um olhar epistemológico sobre a constituição do campo, uma vez que esse exame do campo científico proporciona cada vez mais um olhar crítico e atento das práticas organizacionais.

Ainda em relação aos temas emergentes no campo científico e o papel da Universidade em trabalhar de modo a aprofundá-los a partir de uma perspectiva crítica, a professora salienta que, por exemplo, a questão da governança *“é um tema que ainda precisa ser mais bem trabalhado por nós aqui da área da linha de pesquisa de políticas e estratégias de comunicação, porque, uma coisa é a governança corporativa que as grandes empresas criam aqueles esquemas, outra coisa, é a questão da governança na área governamental, que vem da área pública, e outra coisa, é a governança global, pois o mundo precisa ter uma governança para não deixar que só o mercado dite. Que os organismos supranacionais, esses órgãos que defendem exclusivamente o capitalismo, sejam os grandes porta-vozes e os únicos preponderantes. Então, acho que a questão da governança, ainda é um tema que precisa ser melhor trabalhado nessas três esferas. Nesse sentido, as organizações, ainda têm uma responsabilidade muito grande, então, eu acho que a universidade talvez pudesse pensar em um trabalho em parceria com a escola de economia, que deve ter muitos trabalhos nessa linha, para avançar mais, pois são poucos os trabalhos que enfatizam essa área”.* Sob esse olhar se imbricam as dimensões da transversalidade na constituição de nosso campo, bem como os desafios que as temáticas, ainda emergentes, precisam percorrer.

No mesmo eixo de raciocínio, outra entrevistada de nossa pesquisa, a professora Sidinéia Gomes Freitas, aclara que *“a governança, que depois se desenvolveu como governança corporativa é aquele momento em que o pesquisador percebe, que não adianta estudar uma área isolada. Veja, requer mais do que uma decisão, de cunho político mesmo, política de negócios, para mim não tem, porque a aliança em torno de áreas que se comunicam e que vão se comunicar com tantos diferentes públicos, segmentos de públicos...”*

*A coisa é mais complexa. Mas, você veja que a governança corporativa, eu penso que nesse aspecto, mais ou menos, ela foi pari passu como o desenvolvimento das corporações mesmo. Então, existe uma bobagem em se separar o mercado e a academia, isso para mim, é uma visão subdesenvolvida, uma visão pequena, pois em países desenvolvidos, essas duas áreas andam juntas, trocam informações e tudo mais. Eu penso que houve aí um alinhamento entre ambos os lados*". Nesse sentido, a entrevistada caminha para refletirmos, inclusive, acerca de relações simétricas entre a Universidade e as organizações de modo que ambas se voltem para um desenvolvimento do contexto social.

Sem embargo, a entrevistada reitera em seu argumento o papel crítico da universidade no sentido de “fiscalizar” para que essa tão almejada relação simétrica entre Universidade e organizações seja efetiva, ou seja, exige uma mudança de mentalidade por parte das organizações para que os temas que chamamos aqui de emergentes sejam efetivamente praticados. Nesse sentido, a entrevistada aclara que *“termos como esses, responsabilidade social, sustentabilidade... Eles têm que ser vistos com muita cautela, porque eles não devem servir única e exclusivamente como instrumento de marketing, porque aí eles caem em um discurso falso, porque isso não é nada saudável para o futuro da reputação e da credibilidade dessas organizações, que muitas vezes fazem relatório de sustentabilidade para se segurar na bolsa de valores, e quando a gente vai fundo, eles não são necessariamente verdadeiros, não são sustentáveis, ou então colocam aquele triple bottom line<sup>55</sup> e só ficam no papel. Então, esta visão crítica é de alerta, e principalmente de alerta, para o perigo da falta de caráter daqueles que decidem nas organizações. Nós não usamos, em momento algum, pelo menos eu, na academia, rótulos de desenvolvimento para o meu marketing de pessoas. Eu não usei termos para me promover, ao contrário, eu queria ver se os termos que estavam usando eram verdadeiros, se eles procediam ou não, e na maior parte da vezes, eles estavam só sendo usados como instrumento de marketing, seja da empresa ou da pessoas que carregava ele para dentro da universidade*". Nesse eixo de raciocínio, resguardados esses alertas importantes apontados, embora se possa melhorar o diálogo entre a Universidade e as organizações, a entrevistada entende que o processo de “encurtamento” da distância já começou.

De modo mais pragmático, a entrevistada entende que o distanciamento, outrora maior, entre Universidade e as organizações foi diminuindo também em razão das pesquisas e

---

<sup>55</sup> A professora Sidinéia Gomes Freitas faz referência a um conceito muito usado nos estudos de Sustentabilidade. Esse conceito sintetiza os princípios de sustentabilidade a partir do tripé “Pessoas, Planeta e Lucro”, ou seja, proteção ambiental, responsabilidade social e desenvolvimento econômico. Tornou-se mundialmente conhecido na década de 1990 a partir da obra do sociólogo John Elkington.

dos diálogos alinhavados nesses processos de investigação. Nesse contexto, a entrevistada diz *“Eu acho que sim, este distanciamento aconteceu, mas a gente diminuiu isso, diminuiu. E eu vou explicar o porquê diminuiu isso. Porque, você pega um trabalho como o do Fábio França, por exemplo, que é um trabalho pragmático, mas muito útil. Já dito por jornalistas, já dito por gestores de empresas, CEO’s... Eu tenho alunos que se transformaram em CEO’s e eles usam essas coisas, então, eu acho que esse é o encurtamento. Outra coisa, que eu também acho que encurtou, foram essas questões que nós levantamos no início da década de 1990, quando já se falava de poder, e o Roberto Porto Simões, lá no Sul, sem dúvidas, abordando a questão política da área. E isso abre espaço, aproxima assessores parlamentares, aproxima... Sabe, porque eles querem conhecer essa coisa do poder, até porque é isso que os encantam, que os levam ao marketing político, e é assim mesmo, o ser humano é movido à paixões. Então, eu penso que a Marlene Marchiori, que ficou conhecida como uma profissional que pesquisou efetivamente a cultura organizacional, que produziu muito, que nunca deixou de falar de relações públicas e que é chamada para entrevistas até como uma RP. Então, eu acho que estou citando alguns que são referências acadêmicas, e que sem sombra de dúvida, todos nós trouxemos esse pessoal. Há aqueles do mercado, que querem efetivamente trocar informações, que querem crescer... Fora a quantidade de eventos em que eles vieram, se aproximaram e falaram... Tem pesquisadores, como a sua orientadora [Profa. Maria Aparecida Ferrari], que vai para o Chile, que contribuiu, que criou e foi uma mulher, que como eu, também teve experiência de mercado. O Fábio França era um homem de mercado, e que também veio buscar a academia, enfim... Lá no início da minha carreira, participei de um programa em que executivos vinham até a faculdade, com os seus salários pagos pela a sua empresa, para dar aula e interagir com os alunos, e seis meses depois, os professores iam com o seus salários, pagos pela a academia, para trabalhar nas empresas. Outra coisa, eles sempre formavam um pouco há mais, do que o mercado precisa, mas nunca em uma quantidade muito diferente das vagas disponíveis. Então, eu acho que é nesse tipo de macro programas, que a academia e o mercado convivem. Eu acho que já aproximou bem, mas ainda acho que existe resistência de ambos os lados. Existem também, as inocências de ambos os lados, sabe, existe aquele acadêmico que acha que por você ser do mercado, você é melhor, e ele quer estar lá, mas nunca vai estar, por que ele não é daquele mundo mesmo. Não adianta é uma questão de não realização de si mesmo, porque eu fui para a academia, não foi por falta de emprego, foi por opção, entendeu. Eu fui porque eu quis ir, porque eu achei que eu gostei, e eu tinha que continuar a estudar e pronto! Então, eu acho que tudo isso é uma grande bobagem, eu acho que as pessoas às vezes não se realizam, porque tem gente*

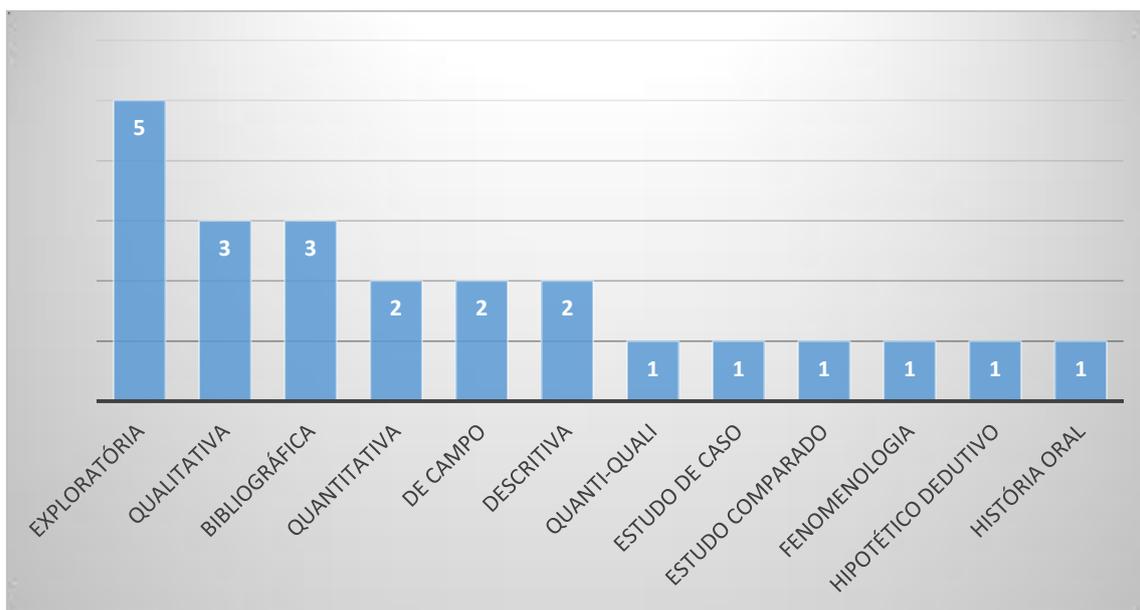
*de mercado que é ótima, brilhante, excelente, né, que tem muito para contribuir com a academia, mas na academia, também tem muita gente ótima, brilhante, excelente que tem para contribuir com o mercado. Assim como a ausência de contribuição existem dos dois lados, né, e é isso que eu acho.* Conforme o relato da professora Sidinéia Gomes Freitas é pertinente reiterar a importância não apenas da diminuição de distâncias entre a Universidade, organizações e a sociedade como um todo, mas na medida em que se pratiquem relações simétricas entre tais segmentos. No relato vimos casos concretos dessa simbiose.

Tanto nas ponderações da professora Sidinéia como também nos apontamentos da professora Margarida acerca da governança vemos caminhos para o prosseguimento e o porvir de relações simétricas simbióticas dos temas emergentes que identificamos na fase quantitativa de nossa investigação. A seguir abordamos as dimensões metodológicas observadas no segundo e terceiro quinquênios.

#### 4.6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DO SEGUNDO E TERCEIRO QUINQUÊNIOS (2006-2015)

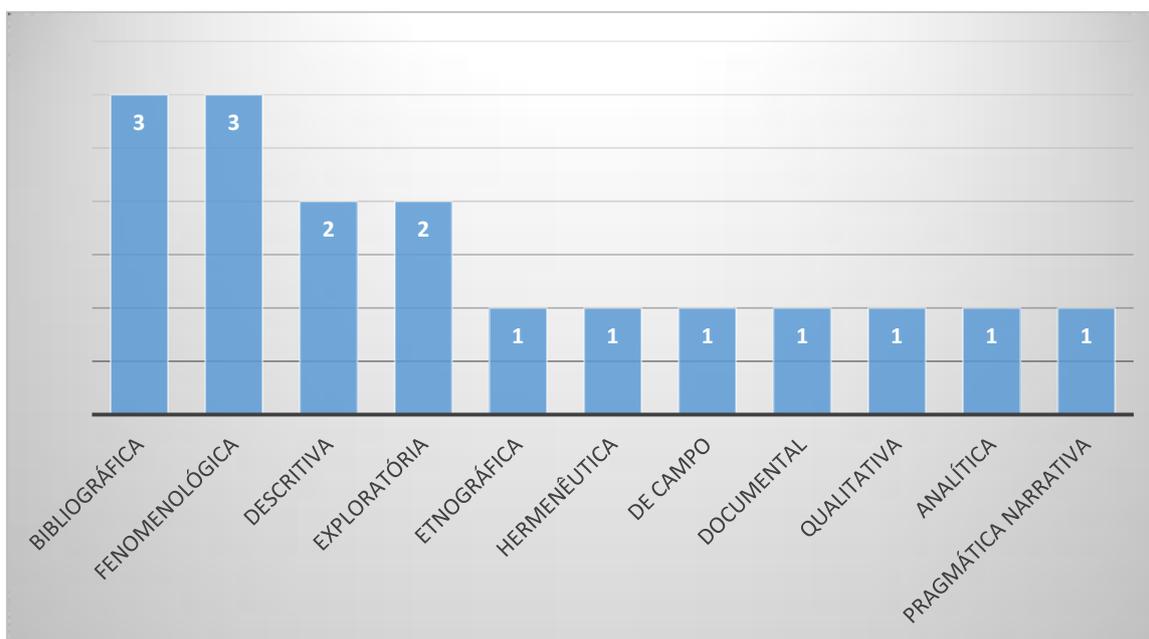
Prosseguimos essa fase seguindo a mesma a dinâmica abordada na apresentação dos procedimentos metodológicos do primeiro quinquênio (2001-2005). A partir de uma lógica descritiva, delinea-se os procedimentos metodológicos empregados nas teses de doutorado nos períodos de 2006 a 2010 e de 2011 a 2015 os quais correspondem ao segundo e terceiro quinquênios, respectivamente. Optamos por colocá-los no mesmo subtópico uma vez que os temas, por nós denominados, emergentes se descortinam mormente no processo de reestruturação na linha, em 2006, e perpassa até o fim de nosso recorte em 2015. Vale reiterar que catalogamos todas as metodologias informadas pelos pesquisadores em suas teses. Em muitos casos, a mesma tese congrega um ou mais procedimentos. Dessa forma, conforme se apresenta nos gráficos, o número de metodologias não é proporcionalmente igual ao número de teses analisadas. Sempre há mais metodologias que teses, uma vez que cada trabalho utiliza procedimentos multimetodológicos. Nosso esforço centrou-se em identificar quais metodologias foram empregadas nesse interstício, conforme mostram os Gráficos 6 e 7.

Gráfico 6 – Procedimentos Metodológicos Usados no Segundo Quinquênio (2006-2010)



Fonte: próprio autor.

Gráfico 7 – Procedimentos Metodológicos Usados no Terceiro Quinquênio (2010-2015)



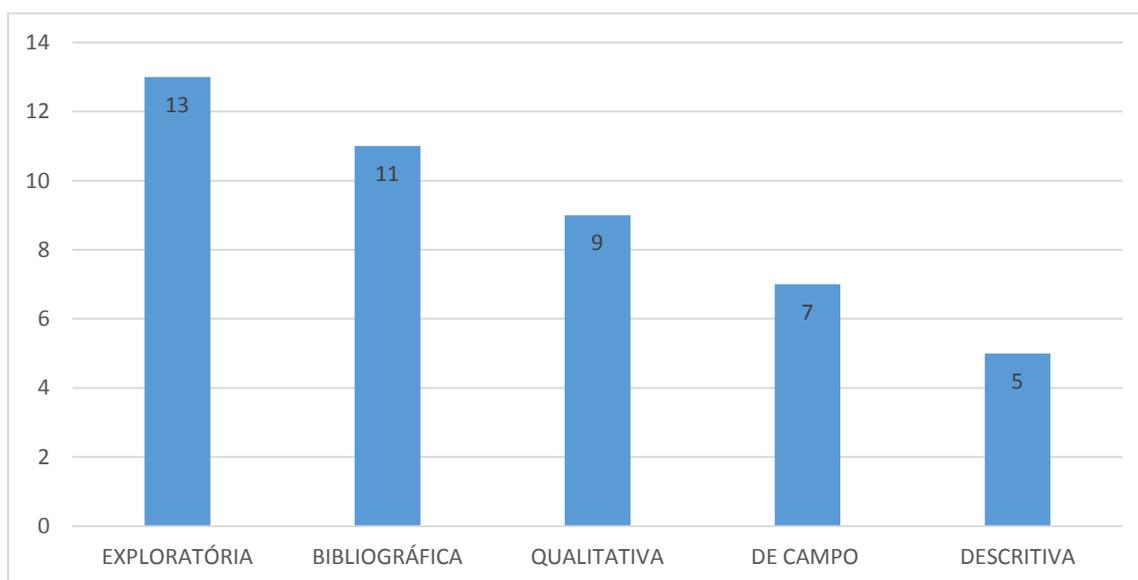
Fonte: próprio autor.

Em todos os três quinquênios notou-se uma inter-relação não apenas entre os métodos já consolidados nas Ciências Sociais Aplicadas como também a articulação a partir de diálogos com as Ciências Humanas. Nos casos dos segundo e terceiro quinquênios observa-se nos Gráficos 6 e 7 diálogos entre o campo da Comunicação Organizacional e Relações Públicas com a História por meio da história oral, com a Linguística através da pragmática

narrativa, com a Antropologia a partir da etnografia e com a Filosofia vista pela hermenêutica e fenomenologia.

Se compararmos os Gráficos 5, 6 e 7 vemos um ponto curioso em relação à fenomenologia. Nos Gráficos 5 e 6 vemos que nas primeiras posições estão os procedimentos metodológicos já consagrados nas Ciências Sociais Aplicadas como o exploratório, bibliográfico, qualitativa ao passo que os diálogos com as áreas vizinhas aparecem, mas em menor quantidade. Entretanto, quando se observa o Gráfico 7 vemos a fenomenologia em empate com a bibliográfica, dividindo primeira posição. Essa é a única exceção. Na estratificação dos dados, buscamos também identificar os procedimentos que se repetiam em todos os quinquênios, os procedimentos que apareceram em apenas dois dos três quinquênios e as metodologias que apareceram apenas uma vez em toda a amostra.

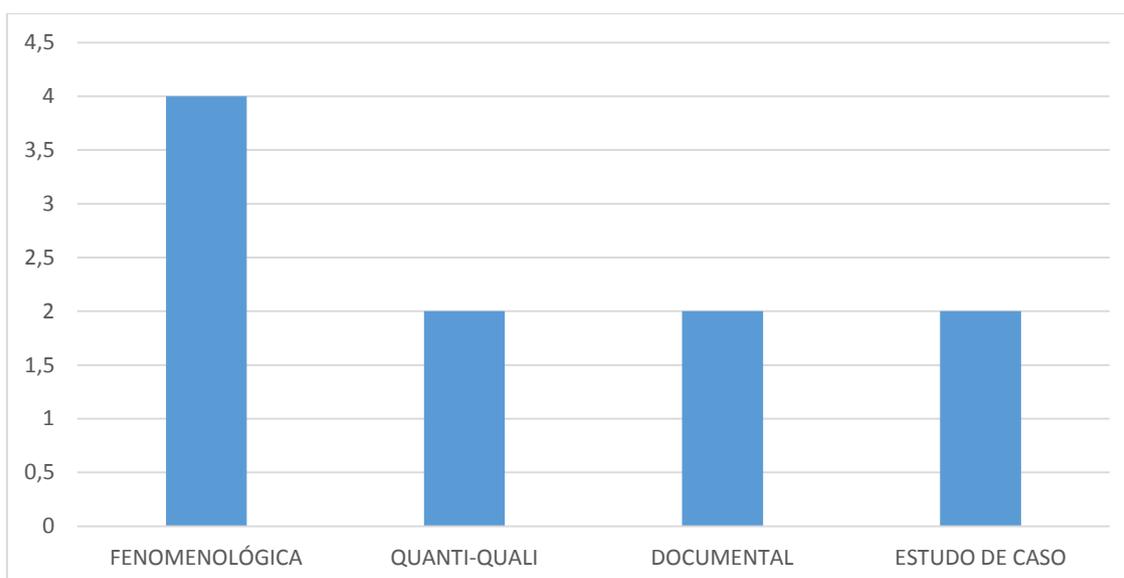
Gráfico 8 – Ranking das Metodologias que Aparecem nos Três Quinquênios



Fonte: próprio autor.

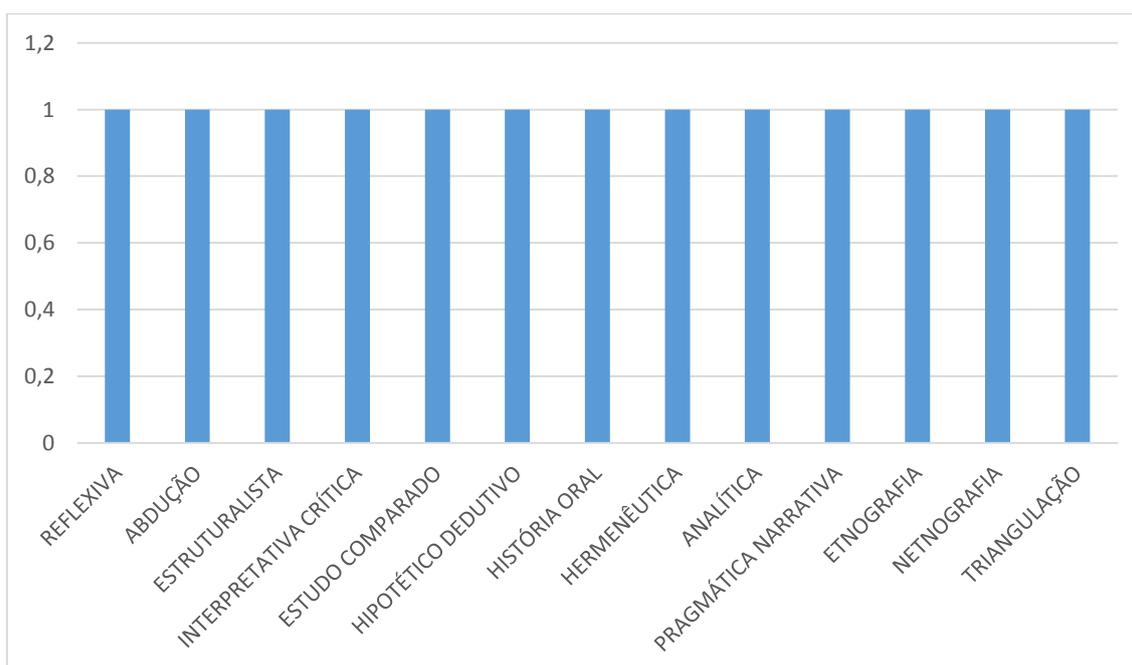
No cenário contido no Gráfico 8 observa-se que os procedimentos metodológicos que mais aparecem nas teses analisadas são, grosso modo, os típicos procedimentos das Ciências Sociais que se estendem às Ciências Sociais Aplicadas.

Gráfico 9 – Metodologias que se Repetem em Apenas Dois Quinquênios



Fonte: próprio autor.

Gráfico 10 - Metodologias que Não se Repetem na Amostra



Fonte: próprio autor.

O Gráfico 9 espelha ainda metodologias conhecidas das Ciências Sociais, além da fenomenologia que como se pode observar apareceu com expressividade no, principalmente, no terceiro quinquênio (2010-2015). Já o Gráfico 10, que versa acerca dos procedimentos metodológicos únicos, mostra em geral as metodologias específicas de áreas vizinhas. O fato de aparecerem em menor escala, grosso modo, esta relacionado ao fato de serem mais

específicas e, principalmente, são empregadas por conta da característica do objeto, ou de uma parte do objeto. Nesse sentido, elas são usadas para fornecer melhor apreensão e compreensão relativos a uma característica mais particular do objeto. Em geral elas foram associadas com outras metodologias.

#### 4.7 A COMUNICAÇÃO PÚBLICA E SUA ONIPRESENÇA NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E RELAÇÕES PÚBLICAS.

A última parte de nossa análise versa acerca de um mote de estudos que manteve-se de forma quase onipresente em todo o recorte temporal, tendo permeado os três quinquênios aqui delineados. Tratam-se dos temas da ordem da comunicação pública, bem como os temas correlatos circunscritos aos binômios comunicação-política, comunicação-estatal, comunicação-governamental. Nesse sentido, optamos por tratar tal temática em um eixo específico. Por que tal temática aparece com tanta recorrência frente às demais? Essa dúvida nos instigou desde o princípio. Ao examinarmos as teses fazendo a compilação das temáticas de pesquisa que foi uma das primeiras fases de nosso estudo já nos deparamos com esse cenário. O Quadro 18 oferece uma dimensão para o nosso argumento.

Quadro 18 – Recorrência da Temática da Comunicação Pública entre as Teses

<b>Ano</b>	<b>Título das teses</b>
2001	Tonal e Modal: as duas instâncias vivenciais do mundo do trabalho A Relação do Estado, da Sociedade e do Mercado na Construção da Cidadania: o papel das relações públicas
2002	Comunicação Política e Tecnologia Linguística: abordagem quantitativa da com fins fáticos e conativos
2003	Entre o Preto e o Branco: as opções do funcionalismo público na comunicação organizacional entre as imposições sistêmicas e as negociações no mundo da vida
2004	As Influências do Governo Fernando Henrique Cardoso na Construção e Disseminação da Hegemonia do Estado e seus Reflexos na Elaboração e Avaliação dos Projetos Pedagógicos

2005	Jornalismo e Políticas Públicas: a imprensa de São Paulo esclarece a dinâmica da participação política quando cobre o discurso e a ação pública? (1994-2004)
	Comunicação Pública dos Serviços de Saúde para o Idoso: análise da produção e da percepção da cartilha
	O Contexto das Tecnologias Emergentes nos Processos Políticos Eleitorais: a democracia virtual é possível?
2006	Governo Eletrônico, a Reforma Democrática do Estado-Nação: a prefeitura da cidade de São Paulo
2012	A Comunicação Pública como Práxis no Processo de Mediação e Mobilização da Sociedade Civil na Esfera Pública
2013	NÃO HOUVE DEFESAS
2015	Perfis de Comunicação Política nas Redes Sociais On-line: monitoramento e tipologia das conversações nas eleições presidenciais brasileiras de 2014 no cenário da internet

Fonte: próprio autor.

A partir do Quadro 18 é possível descortinar alguns pontos em relação à temática da comunicação pública. Primeiramente, esses temas correlatos à comunicação pública (comunicação política, estatal, governamental) são estudados há quase cinquenta anos pela professora Heloiza Helena Matos e Nobre, sendo que praticamente os últimos quarenta anos tais estudos estiveram ligados à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, outrora como aluna e, posteriormente, como docente. Embora muitas teses presentes no Quadro 18 tenham sido orientadas pela professora Heloiza é preciso ressaltar que as professoras Sidinéia e Margarida também orientaram trabalhos no âmbito da comunicação pública e/ou temas correlatos. Nesse sentido, ainda perseguindo nosso questionamento acerca do porquê dessa temática emergir com tanta recorrência poder-se-ia dizer que uma das razões fosse o espaço institucional oferecido pela linha de pesquisa, haja visto, a presença de uma docente especialista no assunto. Ou porque essa temática seja uma das mais antigas. Talvez respondesse em parte. Isto porque, é preciso mencionar que em 2002 a professora Heloiza se aposenta e deixa o programa. Se olharmos para o Quadro 18 observamos que até 2005 houve defesas de trabalhos orientados pela professora Heloiza, essas evidentemente se iniciaram antes da aposentadoria da docente e, mesmo já fora do PPGCOM, deu prosseguimento até o fim desses trabalhos já iniciados.

Quando dissemos que o fato de ter uma docente especialista no assunto, com

reconhecimento internacional, responde apenas em parte nossa inquietação em relação a recorrência desse tema no âmbito de nosso escopo é em razão de mesmo no período em que a professora Heloiza Matos esteve ausente as temáticas continuaram emergindo. Nesse período de ausência da professora Heloiza Matos, as teses com a temática da comunicação pública ora foram orientadas pela professora Margarida Kunsch, ora pela professora Sidinéia Freitas. Entretanto, vê-se também um pequeno hiato entre os anos de 2006 e 2012. Logo pode se constatar que a ausência da professora Heloiza Matos tenha culminado numa diminuição de trabalhos no âmbito dessas temáticas, mas não um desaparecimento como vimos em relação a algumas temáticas do primeiro quinquênio (2001-2005). Se as condições institucionais são importantes, mas não respondem sozinhas ao questionamento sobre a recorrência da temática da comunicação pública/ política/ estatal/ governamental levamos esse tensionamento aos atores sociais que participaram do campo e compuseram também o escopo de nossa pesquisa através das entrevistas. Primeiramente, buscando uma visão exógena a partir da experiência do professor Fábio França, que tem reconhecida carreira na atuação como relações-públicas, vemos que há uma espécie de “flerte” com o poder *“o viés da comunicação pública, ele é chamativo, as pessoas têm muito a ideia de trabalhar no governo. Então, é um assunto que está na ordem do dia, na política. Eu acho que é um pouco assim, desse encanto da política, para resolver problemas e ter poderes. Então, é um assunto charmoso, porque dá a oportunidade de a pessoa estar falando com a comunicação pública e etc... Então, as pessoas também acham que é um assunto que eles podem resolver mais facilmente, então acho que é por isso. Antes, não existiam muitos estudos sobre comunicação governamental, depois apareceram vários, muitos artigos e etc... Então, a turma começou a trabalhar nesse sentido. Eu não vejo um motivo maior a não ser esse lado atrativo da política”*. Nesse sentido, vemos a questão da visibilidade no tocante aos profissionais que se dedicam a essa área específica no âmbito das relações públicas. No caminho de uma visão endógena, a partir da professora Sidinéia Freitas, sem perder a dimensão exógena, nos abre caminhos para pensar a própria condição humana que nos incita às questões políticas, uma vez que elas são imanentes ao espaço social. Nesse sentido, a professora entende que *“mesmo quando você analisa a minha área de formação, que é relações públicas, dentro de uma visão de negócios, aonde você tem um Fábio França, que brilha nessa visão, pela a experiência e tal... Nós, o cidadão, ser humano, como ser social, queira ou não, ele depende da política. Seja essa política da empresa privada, da empresa pública, de uma ONG... E é por essa razão, que quando o indivíduo começa a perceber que essas macro decisões são decisões de caráter político, não é isso?! E que a gente precisa entender, que quando você fala em ciência política, você*

*obviamente está envolvendo aí a visão de valores, então não tem por onde, você não vai escapar. E cada vez mais, apesar do quadro caótico que se instalou no país, eu até fico muito satisfeita de ver que o povo passou a falar mais de políticas e estratégias. Então, eu penso que isso ocorre porque não tem como dissociar a nossa própria vida em sociedade, pois tem vários momentos em que a sua postura é política, até para você conseguir determinados objetivos, que não necessariamente precisam ser maléficos. Então, é exatamente por essa razão, que o ser humano nunca vai se dissociar dessa visão macro, ainda mais dentro da Universidade de São Paulo. Como usiana que sou, e ecana, uma coisa a universidade me ensinou, que foi ter um olhar mais amplo sobre a vida, sobre as coisas, sobre as organizações. Então, acho que é por aí mesmo, é por isso que essa temática não se dissolve e nem se dissolverá".* Esse argumento delineado encontra lastro quando vemos a miríade de temas no âmbito da comunicação pública, política, estatal, governamental imbricados com os temas emergentes, por exemplo. Ainda na dimensão da visão dos atores que participaram dentro do campo científico da comunicação organizacional e das relações públicas, a professora Margarida Kunsch enfatiza não só o fato da escola contar com uma especialista como a professora Heloiza Matos, como também um aspecto peculiar da ECA-USP em relação ao espaço institucional na acolhida de uma miríade de temas de pesquisa. Nesse sentido, ela entende que a comunicação pública *"tem um papel importante, porque a própria escola, no caso da ECA que, sobretudo, é liderada pela a professora Heloísa Matos, que desde quando era docente da graduação, antes mesmo da pós, sempre trabalhou muito com esse tema. E com isso, novos trabalhos foram surgindo. Eu inclusive orientei teses de doutorado nessas temáticas. Então, uma das coisas que eu acho importante na ECA, é que a gente também dá uma liberdade muito grande para o candidato escolher um tema que ele realmente está interessado e envolvido. Então, nós professores, a grande maioria, inclusive hoje, procura sempre respeitar um pouco, embora, você tenha a sua linha de pesquisa, as suas preferências, em termo de temas, você sempre dá uma abertura, para que o mestrando, o doutorando possa realmente pegar um tema, se debruçar e realmente fazer um trabalho em que ele esteja envolvido. Então, o tema da comunicação pública, ainda era muito emergente no Brasil, e a ECA teve esse papel muito importante, como uma universidade pública".* Esse relato nos abre caminhos para uma compreensão do andamento dos estudos em comunicação pública no Brasil e, principalmente na ECA-USP. Essa dimensão é vista a seguir a partir do olhar da professora Heloiza Matos.

#### 4.7.1 Comunicação Pública na ECA-USP: veredas de um saber em construção

Já asseveramos que o conhecimento é histórico e sua constituição incorre necessariamente em considerar o tempo e espaço de sua constituição. No caso dos estudos em comunicação pública, antes mesmo desse termo ser cunhado é necessário percorrer as diversas veredas para se compreender as mutações no transcorrer das décadas. Nesse sentido, numa perspectiva histórica, Heloiza Helena Matos explica uma dimensão importante dos estudos nessa área a partir de uma de suas pesquisas e, principalmente, o período em foi desenvolvido. Na década de 1980 *“eu estudei o período Médici, então, eu fiz uma tese, onde eu observei dois mundos. O mundo da propaganda militar, através dos filmes da televisão, a propagando institucional na TV, e deste lado à censura à imprensa. Eu peguei a pior parte da ditadura militar, então aí, eu me firmei mesmo em comunicação política, mostrando de um lado a censura à imprensa, e de um lado, um Brasil “maravilhoso”. Na época, eu escolhi o jornal Estado de São Paulo, aqui em São Paulo, e no Rio, o Globo. Eu fiz uma amostra comparando os jornais, e as suas primeiras páginas. Então, eu acompanhei toda a ditadura militar, as “receitas de bolo”... Então, eu já tinha começado com comunicação política, no meu mestrado, porque eu acompanhei toda a construção de Brasília, e o que aconteceu depois, porque quando acabou a construção, para onde eles mandaram o pessoal? Então, eu acompanhei as invasões em Brasília, e aí, eu realmente me apaixonei pela a comunicação política, porque a comunicação pública, na época, era propaganda ideológica. Então, eu acompanhei o que foi, e o que antecedeu a comunicação política.* Essa questão apontada pela entrevistada mostra as dimensões que o contexto político da época incidia sobre as práticas de comunicação.

Ou seja, a comunicação pública que deveria servir para a comunicação do Estado na verdade era usada para a comunicação ufanista do governo. Nesse ponto é preciso compreender que o Estado é um ente e que o governo é uma conjuntura política que comanda o Estado quando assume o poder. A entrevistada acompanhou as transformações sociais que reverberaram nos estudos dessas temáticas. Conforme explica *“Eu passei pela a propaganda ideológica, passei pela a comunicação governamental, que era a continuidade da propaganda ideológica, mesmo depois que o Figueiredo foi embora, ainda era uma comunicação governamental. Acompanhei o movimento das diretas, a anistia e tudo isso. Então a minha vida inteira, parte imensa da minha vida acadêmica foi realmente estudar essa questão. Então, eu nunca abandonei comunicação pública e política, eu já entrei com essa proposta, tinha essa experiência, tinha vivido, tinha material. Eu trabalhei com meios de*

*comunicação e processos políticos, então, a comunicação foi pensada dentro do processo político. Eu peguei esses dois elementos, a mídia e a política para ver qual foi a inter-relação desses dois processos. Então, nessa fase inicial, eu falava muito de mídias no processo político, era a época do período Collor. Por exemplo, a presença da propaganda e do marketing da política, a dimensão da comunicação política, eu não podia deixar de falar da propaganda, pois foi ela que antecedeu o marketing político. Outra coisa importante, também, é o horário político, que gerou muito livros, muitos trabalhos e muitas pesquisas, todas direcionadas para a importância da TV no processo eleitoral. Conforme o relato da professora Heloiza Matos, a questão da comunicação pública está visceralmente interligada à história política e econômica do País.*

Nesse sentido, é necessário o resgate histórico que é feito pela entrevistada segundo alguns marcos. Conforme explica *“eu sigo falando da evolução da comunicação governamental para a comunicação pública, os quatro períodos da história brasileira, o governo militar, redemocratização e empasses da consolidação democrática. Começo com a comunicação governamental, desde Getúlio Vargas ao General Figueiredo... Desenho uma trajetória. Assim, eu fui sombreando a comunicação política, e a comunicação pública foi aparecendo com mais destaque e bem política, já na análise dos resultados nessa comunicação pública, da participação pública, da comunicação”*. Nesse sentido, o depoimento da entrevistada aclara, em linhas gerais, o contexto do aparecimento dessas temáticas que se imbricam nos processos comunicativos.

Por fim, seguindo um percurso dos aportes que circundaram os estudos no âmbito da comunicação pública, é pertinente cotejar uma das mais recentes tendências que gira em torno do capital social. Em 2010, a professora Heloiza Matos retorna ao PPGCOM, como docente sênior, a partir dos trabalhos em torno do Grupo de Pesquisa Comunicação Pública e Comunicação Política, tendo como um de seus aportes o conceito de capital social que assevera sobre membros de uma determinada rede, que buscam normas para reger processos tendo em vista os fluxos informacionais e a capacidade de uma determinada estrutura social (MATOS, 2009).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eis por que a maior parte da nossa memória está fora de nós, numa viração de chuva, num cheiro de quarto fechado ou no cheiro de uma primeira labareda, em toda parte onde encontramos de nós mesmos o que a nossa inteligência desdenhara, por não lhe achar utilidade, a última reserva do passado, a melhor, aquela que, quando todas as nossas lágrimas parecem estancadas, ainda sabe fazernos chorar.

### **Em Busca do Tempo Perdido.** *Marcel Proust*

A ideia de memória delineada pelo narrador de Marcel Proust nos leva a pensar que este estudo é, antes que nada, a materialização de uma trajetória. Em várias partes de nosso trabalho, asseveramos que o conhecimento científico está visceralmente enredado nos processos de institucionalização, pois é a partir dos processos de institucionalização que o conhecimento científico se materializa. Nesse sentido, este estudo sendo a materialização de minha trajetória recorro a Marcel Proust neste derradeiro momento de minha caminhada que já avista o fim. Evoco o narrador de Proust para encontrar os vestígios das *últimas reserva do passado, as melhores*, não com intuito de ainda derramar as lágrimas que já pareciam estancadas como nos fala o narrador de Proust, mas para nos fazer refletir sobre as continuidades, descontinuidades, aporias e logros que obtivemos nesse caminhar.

Começamos pelos fatores tensionantes que permearam esse percurso. Na dimensão das aporias, uma das grandes dificuldades encontradas residiu na compilação dos dados das teses em relação ao primeiro quinquênio 2001-2005. Isso porque as teses desse período ainda não se encontram disponíveis *on line* no banco de teses da Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. O tempo usado para o simples fato de localizar os exemplares físicos das 15 teses que compõem o primeiro quinquênio superou o tempo usado para analisar as 24 teses que compõem o segundo e terceiro quinquênios (2006-2015). Foi uma etapa desenvolvida essencialmente na biblioteca da Escola de Comunicações e Artes. Ainda nas veredas das aporias, tensionar os desdobramentos epistemológicos do campo da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas, com pouquíssimas referências nas quais pudesse me ancorar, foi um desafio. Em toda extensão de nosso recorte temporal (2001-2015) não encontrei sequer uma tese que tenha buscado debater as questões epistemológicas da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas.

Como vimos em nossa análise, algumas temáticas emergiram e desapareceram. Outras

foram perenes, bem como houve aquelas em que só vimos de cima do muro de nosso recorte com um considerável hiato temporal entre uma tese e outra. Sem embargo, estavam ali. Por mais rarefeita que pudesse ser a presença de uma temática, como o caso dos estudos de públicos, estava ali presente no campo ainda que em menor quantidade. Não encontrar nenhum estudo em nível doutoral desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação que abordasse detidamente os problemas e/ou logros epistemológicos da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas ao mesmo tempo que justifica a pertinência de nossa investigação, também nos preocupa. A epistemologia não deve apenas resignar-se à uma análise dos métodos, mas sim do conhecimento científico como um todo. Isso implica necessariamente um olhar sobre a maneira com a qual esses conhecimentos foram alinhavados. E esse processo requer obrigatoriamente uma atitude por parte do pesquisador que supere o trabalho de meramente fazer um inventário da produção científica a partir de fatores endógenos.

Asseveramos esse posicionamento de modo assertivo, quase axiomático, por acreditarmos ser impossível delinear o fronteiroço entre o interno e o externo. Evidentemente há a linha simbólica que delinea o endógeno e o exógeno na dimensão da institucionalização. Entretanto a ductilidade do fronteiroço que sustentamos reside no fato de que o conhecimento científico e o pensamento epistemológico perpassam a dimensão de sua institucionalização. Nesse sentido, a obliteração da fronteira demarcação outrora desenhada pela noção positivista de ciência nos serviu de força motriz para uma compreensão maior da constituição do campo da comunicação organizacional e relações públicas na medida em que não nos contentamos apenas com seus aspectos imanentes. Nos fustigava compreender o que circundava a imanência. Nesse sentido, o diálogo com as perspectivas preconizadas pela história social das ciências assomou como uma possibilidade de melhor entendimento das relações entre o que estava imanente ao campo, bem como o que incidia sobre ele. A caracterização transversal que marca a formação dos estudos de Comunicação certamente nos ajudou a alinhar o diálogo com a perspectiva da história social das ciências. A “falta” de demarcações natural aos estudos de Comunicação foi fator positivo na medida de não impor entraves de ordem institucional à construção teórico-metodológica desse estudo. Nesse sentido, nosso trabalho apresenta, em âmbito geral, sua primeira contribuição ao campo da Comunicação que é a consolidação da transversalidade epistemológica como estatuto disciplinar das Ciências da Comunicação. Nesse sentido, reiteramos o empreendimento epistemológico de buscar nas Ciências Humanas o substrato para se compreender o objeto situado nas Ciências Sociais Aplicadas. Esse movimento entre áreas não sinaliza a

inconsistência teórica das Ciências Sociais Aplicadas, mas sim um amadurecimento em compreender que liquefazer as demarcações propicia novos olhares e novas visadas antes não exploradas. Empiricamente, nosso trabalho materializa essa dimensão.

Em sentido *stricto*, a contribuição de nosso trabalho centra-se primeiramente no desenvolvimento de uma reflexão epistemológica sobre o campo da comunicação organizacional e relações públicas. Detalhadamente, essa contribuição se descortina a partir de três pontos apreendidos em nossa análise.

**- Identificação das Descontinuidades:** a partir da estratificação dos dados das temáticas do primeiro quinquênio (2001-2005), organizados no Quadro 13, vimos em nossa análise que o estudo sobre os públicos emerge, apresenta de uma nova visão e taxonomia, altera o *statu quo* e, posteriormente, entra em descontinuidade ao não ser mais problematizado em novos trabalhos. O mesmo ocorre a partir do esforço epistemológico em se alinhar os estudos de comunicação organizacional e relações públicas à matriz teórica que entende a organização como sistema autopoietico de comunicação. Foi no espaço institucional do programa de Ciências da Comunicação da ECA USP que essa original articulação teórica foi embrionada e nos anos seguintes também não houve prosseguimento.

A pertinência na identificação das descontinuidades ocorre na medida em que se pode observar o momento de cisão entre a dimensão do pensamento epistemológico e a institucionalização. Isso significa, senão um alerta, um prognóstico para as futuras reestruturações institucionais. Ou seja, assim como a linha de pesquisa de Políticas e Estratégias de Comunicação foi reformulada em 2006, é importante refletir de modo a rearticular essas duas dimensões, estudos de públicos e organização como sistema autopoietico, à estrutura institucional de modo a fomentar a continuidade de teses que abordem essas temáticas. Apontamos esses dois casos por serem de singular originalidade e cuja atualidade não se esvaneceu no transcorrer dos anos. Nesse sentido, nos posicionamos dessa maneira por acreditar que a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo que teve papel fundamental na criação e consolidação tanto na pesquisa em Comunicação, em sentido lato, como em Comunicação Organizacional e Relações Públicas em sentido *stricto* poderia adequar-se institucionalmente de modo a aproveitar os talentos por ela gerados.

**- Apontar Hiatos Temporais:** na tabulação referente aos dados das temáticas das teses pesquisadas em todos os quinquênios que compõem nosso recorte (2001-2015), não foi

encontrada pesquisa doutoral que abordasse o ensino de comunicação, especialmente de relações públicas e comunicação organizacional, que é o foco tanto de nosso estudo, como também da linha de pesquisa Políticas e Estratégias da Comunicação. Neste caso específico, diferente das descontinuidades, as pesquisas referentes ao ensino de relações públicas e comunicação organizacional estão presentes, entretanto, fora de nosso recorte temporal. Nesse sentido, uma consideração pertinente a se fazer é o hiato temporal entre uma e outra tese. Conforme se viu no Capítulo 4, o distanciamento temporal entre as duas teses que problematizam o ensino é de quase 18 anos.

Insistimos nessa questão dos estudos no âmbito do ensino de relações públicas e comunicação organizacional na medida em que o ensino é o elo que promove as articulações entre o pensamento epistemológico e a institucionalização. Ou seja, ele tem papel central porque se situa na limiaridade desses dois pólos. Ainda que de modo um pouco mais “privilegiado” do que os temas descontínuos, se considerássemos ao pé da letra, a temática do ensino também sofreu uma descontinuidade porque, após 18 anos entre os dois trabalhos que abordam o tema na referida linha de pesquisa, não se pode dizer que houve uma continuidade, uma vez que a pesquisa mais atual em ensino busca um recomeço dado o grande hiato temporal. Assim como apontamos, no caso das descontinuidades, a necessidade de se repensar a partir do âmbito institucional um caminho para o fomento de novos estudos, no caso do ensino é um pouco mais problemático a nosso ver. Isso porque, se reportarmos ao e mentário da linha de pesquisa de Políticas e Estratégias de Comunicação não há nenhuma menção sobre investigações na área de ensino em relações públicas e comunicação organizacional. Dessa forma, ao olharmos para as temáticas das teses observa-se que os estudos centram-se nos processos e produtos da comunicação, sem entretanto, se problematizar o ensino.

**- Problematizar Temas Emergentes-** diferente dos dois pontos anteriores, observa-se com relação aos temas emergentes a tendência de continuidade. A consideração a se fazer aqui reside na problematização desses temas que, conforme vimos na análise, a partir das entrevistas, percebe-se uma atenção por parte dos pesquisadores no sentido de não engolir o discurso organizacional. Nesse sentido, os estudos dos temas emergentes caminham na direção do que se espera da Universidade com relação a formação de uma visão crítica e atenta. Vimos, por exemplo, no caso da sustentabilidade e da governança corporativa não só uma atenção em não deglutir o discurso organizacional, mas sim buscar compreender as implicações desses processos, as artimanhas, bem como a capacidade em se propor uma

agenda de modo a buscar uma relação simétrica entre organizações e sociedade. O desenvolvimento de trabalhos no âmbito das temáticas emergentes significa, a nosso ver, uma leitura atenta das mudanças, dos anseios, expectativas e desejos de uma sociedade em transformação.

Nesse sentido, da mesma maneira que os estudos sobre ensino de relações públicas e comunicação organizacional não estiveram presentes em nosso recorte, mas como temos a preocupação de enxergar os fatores exógenos, conseguimos amarrar essa temática. No tocante aos temas emergentes, não encontramos nenhuma tese que abordasse a diversidade em suas categorias específicas: gênero, orientação sexual, etária, racial, pessoas com deficiência, entre outras. A nosso ver é pertinente tocar nesse assunto na medida em que trabalhamos a história social do campo científico e muito embora essa temática não esteja presente no *corpus* delimitado não é possível negligenciar o vigor com que essa temática tenha plasmado nos espaços institucionais da Universidade nos últimos anos. Assim, sendo esta dissertação uma pesquisa no limiar da Comunicação e da História é de extrema pertinências registrar esse “mais novo” tema emergente.

### **Das Limitações da Pesquisa**

Em princípio, nosso estudo almejava verificar nas trinta e nove teses que formam nosso *corpus* qual era a concepção de comunicação organizacional e de relações públicas que as teses abordavam. Esse objetivo nos instigava na medida em que na literatura brasileira e estrangeira há uma miríade polissêmica em torno desses dois termos que são centrais na linha de pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação. Entretanto, ao começarmos a trabalhar com as teses vimos que tal objetivo não era verificável. Em um número considerável de teses, em torno de um quarto, tivemos dificuldades em identificar os procedimentos metodológicos. Muitas vezes não tinha um capítulo metodológico específico, outras vezes estava diluído na introdução. Se, a metodologia que é basilar para qualquer estudo científico, houve dificuldade considerável para localizar todos os procedimentos metodológicos, buscar as concepções de relações públicas e de comunicação organizacional mostrou-se não verificável.

Outro objetivo delineado no início de nosso estudo era a verificação os autores mais citados, bem como a nacionalidade desses autores. Devido ao grande volume de teses e ao extenso referencial que cada uma dela traz não conseguimos dar prosseguimento a esse objetivo inicial e vimos a necessidade de excluí-lo.

## Descobertas

No interstício analisado é possível observar um equilíbrio entre gêneros em relação aos pesquisadores que se titularam. Embora o número de homens ainda seja superior, mas a tendência caminha para um equilíbrio. Do escopo total, 54% dos pesquisadores titulados são do gênero masculino e 46% do gênero feminino. Embora esse dado estatístico aponte para um cenário de equidade é importante refletir sobre as dimensões que circundam esse dado. É alentador observar que mulheres tenham se titulado quase na mesma proporção que os homens. Entretanto, o cuidado que se deve ter ao deparar com um dado estatístico dessa natureza é não imediatamente inferir que ele proporcione a equidade. Isto porque, embora seja um bom indício, mas não responde, por exemplo, as condições em que essas mulheres chegam à pós-graduação. Ainda nesse esteio é pertinente se refletir se há equidade entre os discentes e as discentes na medida em que, as mulheres seja no âmbito profissional ou nos estudos acadêmicos enfrentam dupla jornada. Logo, é importante não cair na armadilha do dado estatístico. Ele é importante, mas deve ser tratado com um índice. Um dentre outros.

A temática da Comunicação pública e temas correlatos como comunicação política, comunicação estatal, comunicação governamental aparecem em todos os períodos. Essa temática é a mais recorrente dentre todas as outras. Nesse sentido, vemos que a perspectiva para esse campo é cada vez mais fértil na medida em que o próprio cenário político, econômico e social passam na atualidade por profundas crises, não apenas institucionais, como se vê no caso da política e economia, mas também na crise de um sistema representativo. Nesse sentido, estudos sobre cidadania e participação política, democratização da comunicação e, por conseguinte, as novas formas de comunicação públicas devem ser temas que não podem passar à margem das discussões do campo.

Como vimos em nossa análise, a propaganda política/eleitoral é anterior à comunicação pública. Nesse sentido, mais do que nunca, o campo científico da comunicação organizacional e relações públicas precisa voltar os olhos para esses processos na medida de debater os limites éticos desse tipo de comunicação. Eis aqui um problema de epistemologia. De forma o campo deve se portar frente a tais acontecimentos sociais. Esta situação é um caso icônico em que mostra a nossa visão de epistemologia que entende que o conhecimento científico está visceralmente enredado em seu contexto social e como tal deve servir para a intervenção. Nesse sentido, em nível epistemológico, poder-se-ia questionar se após tantas décadas de estudos no âmbito da comunicação pública, política, estatal, governamental se alinhavamos um substrato que nos pudesse municiar para uma melhor contribuição à

sociedade que financia nossos estudos.

Particularmente creio que o cenário não é positivo e a contribuição de nosso campo ainda está aquém. Isso porque o desenvolvimento tecnológico não necessariamente democratizou a comunicação. Evidentemente se criaram outros canais alternativos importantes que não podem ser vilipendiados. Entretanto, em que medida vimos a melhora da participação política? Em que medida vimos nosso campo verter interesse pelos modos de intervenção do terceiro setor, ou para a especificidade dos grupos de ativistas na sociedade contemporânea? Em que medida nosso campo científico se preocupou em compreender os modos de resistência e as estratégias de comunicação do terceiro setor? Creio que reside aqui alguns problemas epistemológicos que devemos nos confrontar nos próximos anos.

### **Aporias e Perspectivas de Continuidade para Próximos Estudos**

Quais seriam as perspectivas de continuidade de nosso estudo? Primeiramente, é necessário um pequeno distanciamento histórico. Da mesma maneira em que aponto o “renascimento” da temática do ensino de relações públicas, bem como registro a emergência dos estudos de diversidade nas organizações – mesmo que essas temáticas não apareçam em nosso escopo – é imperioso um decantamento temporal entre o fim desta pesquisa e o início de outra investigação. Creio nessa condição uma vez que desde o aparecimento de uma temática até sua consolidação é necessário um espaço temporal para que o novo mote se desenvolva, desde a compreensão de seus problemas, o aprimoramento de seu capital científico, a difusão no espaço institucional. Todas essas dimensões não acontecem em um curto espaço de tempo. Por mais que vivamos em uma sociedade líquida, onde se observa um caráter dinâmico em diversas situações do cotidiano, ainda acredito que a mudança de mentalidades, as intervenções na dimensão da cultura não ocorrem de modo efêmero e dinâmico.

Nesse sentido, quando proponho que um estudo que abordasse a inter-relação entre o desenvolvimento do campo científico e o contexto social que o circunda tenha um distanciamento temporal deste é justamente para que se melhor observe as mudanças. Poderia elencar aqui alguns pontos que não exploramos, mas creio com veemência que o mais valioso a indicar é justamente a atenção à intermitência necessária para que se tenha um distanciamento histórico. Atendida essa intermitência, aí então, penso que poder-se-ia tensionar as respostas aos questionamentos listados para um novo estudo.

- **Houve reformulação da linha de pesquisa?** Nessa dimensão pode-se problematizar a atualização do ementário da linha de pesquisa. A partir da corrente de estudos, advinda da Educação, que aborda a edificação do Currículo, esta dimensão poderia explorar as condições de produção do conhecimento. Nesse sentido teríamos aqui uma primeira reflexão sobre a espessura da institucionalização para, então, passarmos para o item seguinte.

- **Mesmo que não tenha havido mudança na linha de pesquisa, houve desenvolvimento de novos aportes institucionais como grupos de pesquisas, seminários temáticos?** Ainda na dimensão da institucionalização, um novo estudo sobre o campo cinetífico da comunicação organizacional e relações públicas poderia abordar outras faces da institucionalização como os grupos de pesquisa que, via de regra, representam dimensões específicas dos grande temas delineados pelo ementário da linha de pesquisa. Além dos grupos de pesquisa, na atualidade, são comuns os seminários temáticos que promovem discussões e mobilidade acadêmica com objetivo de aprofundar discussões sobre determinada temática.

- **Os temas em situação de descontinuidade seguiram essa tendência? Caso tenham voltado ser estudados, quais foram os fatores que culminaram na retomada?** Assim como apontamos em nossa pesquisa o hiato temporal entre as investigações no âmbito de ensino de relações públicas, a retomada de mote de estudos certamente está relacionada ao espaço institucional. Nesse sentido, investigar as razões podem fazer articulações com os aportes institucionais, ou seja, foi criado um grupo de pesquisa na área de ensino de relações públicas?

- **Houve mudança significativa com relação ao quadro docente?** Vemos nessa questão um ponto importante que pode incidir tanto na abertura quanto no fechamento de condições institucionais para o desenvolvimento de temáticas. Por exemplo, vimos um expressivo crescimento da temática da sustentabilidade. Esses pesquisadores foram incorporados ao quadro docente? Os pesquisadores que em nosso recorte temporal (2001-2015) se aposentaram e se desligaram do quadro docente? Esses questionamentos são pertinentes na medida em que incide no alargamento ou estreitamento de espaço institucional para desenvolvimento de novas pesquisas no campo.

- **O quão caminharam as pesquisas em relação aos temas emergentes?** Essa dimensão é icônica para se justificar o espaçamento temporal para a realização de um estudo futuro. As

temáticas que aqui se apresentaram como emergentes o quanto elas caminharam ou caíram em descontinuidade?

**- Houve mudança com relação à equidade de gêneros em relação aos discentes titulados?**

Embora tenhamos observado uma tendência a equilíbrio, um novo estudo poderia aferir mudanças ou continuidade do quadro atual.

**- A comunicação pública seguiu a mesma tendência de continuidade?**

Da mesma maneira que esse tema de estudos se manteve presente em todo período aqui analisado, em estudo futuro sobre o campo é de suma pertinência que essa temática volte a ser problematizada. Sobretudo em face ao País passar por uma crise política e, sobretudo, uma descrença no modelo de política baseado na democracia representativa.

Todos esses questionamentos, de modo que sejam articulados entre si, formam uma perspectiva de continuidade de nosso trabalho para uma pesquisa futura. O que é pertinente reiterar é que se tenha uma intermitência entre o fim dessa investigação e o início da próxima. Esse intervalo é essencial para que possamos delinear um diagnóstico do campo científico de relações públicas e comunicação organizacional a partir das sementes plantadas na atualidade.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Jesus de Paula. Kuhn e as Ciências Sociais. **Estudos Avançados USP**, São Paulo, Vol, 07, N. 01, 1993.
- BACHELARD, Gaston. **Psicanálise do Fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BARBERO, Jesús Martín. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 7 ed. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. Le Champ Scientifique. **Acts de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, Vol. 02, N. 02, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. **Os Usos Sociais da Ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. Rev. Patrick Champagne e Ettiene Landais. Trad. Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora Unesp/INRA, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Trad. Vários tradutores. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. (Coleção Estudos; 20).
- BRAGA, José Luiz. Disciplina ou Campo? O desafio da consolidação dos estudos em Comunicação. In: FERREIRA, Jairo Getúlio et. al (Org). **Estudos de Comunicação: transversalidades epistemológicas**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.
- DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. As Ciências na História Brasileira. **Ciência e Cultura (SBPC)**, São Paulo, Vol. 57, N. 01, 2005.
- DESCARTES, René. **O Discurso do Método**. 4ª ed. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão, Andrea Stahel Silva, Homero Santiago, Monica Stahel. São Paulo: WMF/ Martins Fontes, 2009. (Coleção Clássicos WMF).
- FAUSTO NETO, Tiago Quiroga. **Comunicação, Andança, Restauração: possibilidades de uma episteme comunicacional**. São Paulo, 2009, Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.
- FERRARI, Maria Aparecida. Cândido Teobaldo de Souza Andrade: pioneiro das Relações Públicas no Brasil. In: Carlos Eduardo Lins da Silva, José Marques de Melo, Maria Cristina Gobbi, Osvando J. de Moraes. (Org.). **Ciências da Comunicação no Brasil - 50 anos de história para contar - Século XX: pragmatismo utópico**. 1ed. São Paulo: Fapesp/ Intercom/ Unesp/ ECA-USP, 2015.
- FEYERABEND, Paul. **Contra o Método**. 2ª ed. Trad. Cezar Augusto Mortari. São Paulo: Editora Unesp, 2011a.
- FEYERABEND, Paul. **A Ciência em uma Sociedade Livre**. Trad. Vera Joscelyne. São Paulo: Editora Unesp, 2011b.

FONSECA, Wilson Corrêa da. **Comunicação Organizacional: um estudo epistemológico.** São Bernardo do Campo, 2007, Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo.

FORTES, Waldy Gutierrez. O pioneirismo de Cândido Teobaldo de Souza Andrade na pesquisa em Relações Públicas no Brasil. In: Cláudia Peixoto de Moura. (Org.). **História das Relações Públicas: fragmentos da memória de uma área.** Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

FRANÇA, Fábio. **Públicos: como identificá-los em uma nova visão estratégica.** São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Wilson. O Estranho Caso de Certos Discurso Epistemológicos que Visitam a Área de Comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (Org.). **Epistemologia da Comunicação.** São Paulo: Edições Loyola, 2003.

GONÇALVES, Aguinaldo José. **Museu Movente: o signo da arte em Marcel Proust.** São Paulo: Editora Unesp, 2004.

GRUNIG, James; HUNT, Todd. **Managing Public Relations.** New York: Holt, Rinehart & Winston, 1984.

GRUNIG, James; FERRARI, Maria Aparecida; FRANÇA, Fábio. **Relações Públicas: teoria, contexto e relacionamentos.** São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2011.

IANNI, Octavio. **A Sociedade Global.** São Paulo: Civilização Brasileira, 1992.

IANNI, Octavio. Globalização: novo paradigma das Ciências Sociais. **Estudos Avançados-USP**, São Paulo, Vol. 08, N. 21, 1994.

IANNI, Octávio. **A Sociedade Global.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

JAPIASSÚ, Hilton. **Nascimento e Morte das Ciências Humanas.** 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1982.

JAPIASSÚ, Hilton. **Introdução ao Pensamento Epistemológico.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1992.

KROPF, Simone; FERREIRA, Luiz Otávio. A Prática da Ciência: uma etnografia no laboratório. **História, Ciências e Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, Vol, 04, N. 01, 1997.

KUHN, Thomas Samuel. **A Estrutura das Revoluções Científicas.** 10 ed. Trad. Beatriz Viana Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2010. (Coleção Debates, 115).

KUHN, Thomas Samuel. **A Função do Dogma na Investigação Científica.** Trad. Jorge Dias de Deus. Curitiba: Editora UFPR, 2012. (Coleção: Textos Filosóficos na Sala de Aula).

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. Os Campos Acadêmicos em Comunicação Organizacional e Relações Públicas no Brasil: caracterização, pesquisa científica e tendências. **Revista Internacional de Relaciones Públicas**, Vol. 05, N. 01, 2015.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Relações Públicas e Modernidade: novos paradigmas da comunicação organizacional**. São Paulo: Summus, 1997.

KUNSCH, Waldemar Luiz. **De Lee a Bernays, de Pinheiro a Lobo: a arte e a ciência das Relações Públicas em seu primeiro centenário (1906-2006)**. Intercom, São Paulo, Vol. 01, N.01, 2006.

LACERDA, Inês. **Curso de Teoria do Conhecimento e Epistemologia**. Barueri: Minha Editora, 2012.

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A Vida de Laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1997.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. **Aprendendo a Pensar**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977. (Volume D).

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. O Campo da Comunicação: sua constituição, seus desafios e dilemas, **Revista Famecos**, Porto Alegre, vol. 01, N. 01, 2006.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Pesquisa em Comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Revista Intercom**, São Paulo, Vol. 27, N. 01, 2004.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. O Campo da Comunicação: reflexões sobre seu estatuto disciplinar. *Revista USP*, São Paulo, Vol. 48, N. 01, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro Juvenal. **O Princípio da Razão Durante: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica – Nova Teoria da Comunicação III – Tomo V**. São Paulo: Paulus, 2010.

MATOS, Heloiza Helena. **Capital Social e Comunicação: interfaces e articulações**. São Paulo: Summus, 2009.

MEDINA, Cremilda. **A Arte de Tecer o Presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

PAIVA, Geraldo José de. Dante Moreira Leite: um pioneiro da Psicologia Social no Brasil. São Paulo, **Psicologia USP**, Vol. 11, N. 02, 2000.

PESTRE, Dominique. Pour une histoire sociale et culturelle des sciences. Nouvelles définitions, nouveaux objets, nouvelles pratiques. **Annales HSS**, Paris, Vol. 50, N. 03, 1995.

PESTRE, Dominique. Por uma Nova História Cultural e Social das Ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens. **Cadernos IG/Unicamp**. Campinas, Vol. 06, N. 01, 1996.

POPPER, Karl. **A Lógica da Pesquisa Científica**. Trad. Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 2007.

RODRIGUES, Leda Maria Pereira. **A Instrução Feminina em São Paulo**: subsídios para uma História até a proclamação da República. São Paulo, 1960, Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia *Sedes Sapientiae*, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ROMANCINI, Richard. **O Campo da Comunicação no Brasil**: institucionalização e capital científico. São Paulo, 2006, Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

SCROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade et. al. O Estado da Arte da Comunicação Organizacional: aproximações preliminares. In: **Anais do X Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Comunicação Organizacional e Relações Públicas**. São Paulo, Vol. 01, 2016.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A Teoria do Habitus em Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, Vol. 01, N. 20, 2002.

TORRES, Mirtes. **Eduardo Pinheiro Lobo**: pioneiro das Relações Públicas no Brasil. *Intercom*, São Paulo, Vol. 01, N. 01, 2002.

TORRES, Mirtes. **Eduardo Pinheiro Lobo**: o pioneiro das relações públicas no Brasil. São Bernardo do Campo, 2002, Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo.

SIMÕES, Roberto Porto. **Relações Públicas**: função política. 3ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1995.

## APÊNDICE I – Tabelas de Teses, Orientador, Orientando e Gênero

2001	TESE	ORIENTADOR	ORIENTANDO	GÊNERO
	Autopoiese, Sistemas e Identidade: a comunicação organizacional e a construção de sentidos em um ambiente de flexibilização nas relações de trabalho	Sidinéia Gomes Freitas	João José Azevedo Curvello	Masculino
	Tonal e Modal: as duas instâncias vivenciais do mundo do trabalho	Heloiza Helena Matos e Nobre	Arthur Roberto Roman	Masculino
	A Relação do Estado, da Sociedade e do Mercado na Construção da Cidadania: o papel das relações públicas	Heloiza Helena Matos e Nobre	Maria José da Costa Oliveira	Feminino
TOTAL DE TESES EM 2001: 03				

2002	TESE	ORIENTADOR	ORIENTANDO	GÊNERO
	Relações Públicas: estratégia de relacionamento com públicos específicos	Sidinéia Gomes Freitas	Fábio França	Masculino
	Cultura Organizacional: conhecimento estratégico nos relacionamentos e na comunicação com empregados	Sidinéia Gomes Freitas	Marlene Regina Marchiori	Feminino
	Comunicação Política e Tecnologia Linguística: abordagem quantitativa da com fins fáticos e conativos	Heloiza Helena Matos e Nobre	Guilherme Fráguas Nobre	Masculino
TOTAL DE TESES EM 2002: 03				

2003	TESE	ORIENTADOR	ORIENTANDO	GÊNERO
	Entre o Preto e o Branco: as opções do funcionalismo público na comunicação organizacional entre as imposições sistêmicas e as negociações no mundo da vida	Margarida Maria Krohling Kunsch	Germano Azambuja	Masculino
	Princípio de Comunicação Excelente para o bom Relacionamento Médico-paciente	Sidinéia Gomes Freitas	Maria Rosana Ferrari Nassar	Feminino
	Planejamento e Organização de Eventos: um modelo para profissionais relações públicas e marketing	Ana Akemi Ikeda	Mariângela Benine Ramos	Feminino

Marketing Cultural: contribuições para o fortalecimento da imagem de organizações modernas	Ana Akemi Ikeda	Cristiane Cordeiro Nascimento Tavares	Feminino
<b>TOTAL DE TESES EM 2003: 04</b>			

<b>2004</b>	<b>TESE</b>	<b>ORIENTADOR</b>	<b>ORIENTANDO</b>	<b>GÊNERO</b>
	As Influências do Governo Fernando Henrique Cardoso na Construção e Disseminação da Hegemonia do Estado e seus Reflexos na Elaboração e Avaliação dos Projetos Pedagógicos	Sidinéia Gomes Freitas	Ana Maria Oliveira Melo	Feminino
<b>TOTAL DE TESE: 01</b>				

<b>2005</b>	<b>TESE</b>	<b>ORIENTADOR</b>	<b>ORIENTANDO</b>	<b>GÊNERO</b>
	Contribuições das Relações Públicas para a Administração: implementação e desenvolvimento do conceito de segurança cooperativa	Margarida Maria Krohling Kunsch	Robson Barbosa	Masculino
	Barreiras Culturais à Comunicação em Redes Hoteleiras Baseadas em São Paulo	Margarida Maria Krohling Kunsch	Felipe Chibás Ortiz	Masculino
	A Gestão da Imagem Corporativa: um estudo sobre a mensuração e a valorização dos resultados em comunicação corporativa e relações públicas	Margarida Maria Krohling Kunsch	Valéria de Siqueira Castro Lopes	Feminino
	Jornalismo e Políticas Públicas: a imprensa de São Paulo esclarece a dinâmica da participação política quando cobre o discurso e a ação pública? (1994-2004)	Heloiza Helena Matos e Nobre	Ana Maria de Abreu Laurenza	Feminino
	Comunicação Pública dos Serviços de Saúde para o Idoso: análise da produção e da percepção da cartilha	Heloiza Helena Matos e Nobre	Devani Salomão de Moura Reis	Feminino
	O Contexto das Tecnologias Emergentes nos Processos Políticos Eleitorais: a democracia virtual é possível?	Heloiza Helena Matos e Nobre	José Augusto Pereira Brito	Masculino
<b>Total de Teses: 06</b>				

2006	TESE	ORIENTADOR	ORIENTANDO	GÊNERO
	Relações Públicas e História Empresarial no Brasil: estudo de uma nova abrangência para o campo das relações públicas	Margarida Maria Krohling Kunsch	Paulo Roberto Nassar de Oliveira	Masculino
	As Relações Públicas na América Central: origem, evolução e prática	Margarida Maria Krohling Kunsch	Venancio Elias Caballero Córdoba	Masculino
	Governo Eletrônico, a Reforma Democrática do Estado-Nação: a prefeitura da cidade de São Paulo	Heloiza Helena Matos e Nobre	Celso Toshito Matsuda	Masculino
	A Música Popular Brasileira como Forma de Representação da opinião Pública	Heloiza Helena Matos e Nobre	Maria Amélia Miranda Pirolo	Feminino
	Poder, Cultura e Instituições de Ensino Superior Particulares (IES): desempenho e comunicação	Sidinéia Gomes Freitas	Roseli Piolo Zanetin	Feminino
	Gestão com Pessoas- gestão, comunicação e pessoas: comunicação como competência de apoio para gestão alcançar resultados	Sidinéia Gomes Freitas	Isabel Macarenco	Feminino

2007	TESE	ORIENTADOR	ORIENTANDO	GÊNERO
	A Valiação dos Princípios Organizacionais por meio da Atuação das Relações Públicas nos Processos Comunicacionais	Margarida Maria Krohling Kunsch	Júlio César Barbosa	Masculino
	Comunicação Organizacional Integrada: alicerces intrínsecos da economia da comunhão	Margarida Maria Krohling Kunsch	Jorge Arturo Villena Medrano	Masculino
	Total de Tese: 02			

2008	TESE	ORIENTADOR	ORIENTANDO	GÊNERO
	Empreendedorismo em Comunicação: estudo comparativo das agências de comunicação de relações públicas no Brasil, Espanha e Estados Unidos	Margarida Maria Krohling Kunsch	Tiago Mainiere de Oliveira	Masculino
	Total de Tese: 01			

2009	TESE	ORIENTADOR	ORIENTANDO	GÊNERO
	Relações públicas no complexo hoteleiro da região nordeste do Brasil: perspectiva de uma nova abrangência para o campo das relações públicas	Waldir Ferreira	Esnél José Fagundes	Masculino
	O Diálogo nas Organizações: ouvidoria interna sob a ótica das relações públicas	Sidinéia Gomes Freitas	Angela Fernandes	Feminino
Total de Tese: 01				

2010	TESE	ORIENTADOR	ORIENTANDO	GÊNERO
	Comunicação e Governança Corporativa: uma intersecção possível	Margarida Maria Krohling Kunsch	Juliana Sabbatini	Feminino
Total de Tese: 01				

2011	TESE	ORIENTADOR	ORIENTANDO	GÊNERO
	Diálogo Social: a comunicação na construção dos relacionamentos das organizações com as comunidades vizinhas: o caso Ampla	Margarida Maria Krohling Kunsch	Eduardo Guerra Murad Ferreira	Masculino
Total de Tese: 01				

2012	TESE	ORIENTADOR	ORIENTANDO	GÊNERO
	A Comunicação Pública como <i>Práxis</i> no Processo de Mediação e Mobilização da Sociedade Civil na Esfera Pública	Margarida Maria Krohling Kunsch	Regina Célia Escudero César	Feminino
	Diálogo e Interações Face a Face na Comunicação Interna: um estudo sobre a oralidade nas organizações	Margarida Maria Krohling Kunsch	Marta Terezinha Motta Campos	Feminino
	A Comunicação Interna na Gestão da Sustentabilidade: um estudo fenomenológico	Margarida Maria Krohling Kunsch	Wilma Tinoco Vilaça	Feminino
	A Responsabilidade Social e o Flerte da Comunicação com o Poder	Sidinéia Gomes Freitas	Sydney Manzione Júnior	Masculino
Total de Tese: 04				

<b>2013</b>	<b>TESE</b>	<b>ORIENTADOR</b>	<b>ORIENTANDO</b>	<b>GÊNERO</b>
	Não Houve Defesas	*****	*****	*****

<b>2014</b>	<b>TESE</b>	<b>ORIENTADOR</b>	<b>ORIENTANDO</b>	<b>GÊNERO</b>
	Planejamento Estratégico de Comunicação para Licenciamento Ambiental em São Paulo	Margarida Maria Krohling Kunsch	Backer Ribeiro Fernandes	Masculino
	Narrativas Desenraizadas: comunicação pública e representação da memória social na linha imaginária do Equador	Sidinéia Gomes Freitas	Jackson da Silva Barbosa	Masculino
	Reputação: as interpretações dos sujeitos (organizacionais e coletivos)	Sidinéia Gomes Freitas	Ana Lúcia de Alcântara Oshiro	Masculino
	Total de Tese: 03			

<b>2015</b>	<b>TESE</b>	<b>ORIENTADOR</b>	<b>ORIENTANDO</b>	<b>GÊNERO</b>
	Comunicação, Governança, e Sustentabilidade: como desenhos de interação influenciam o engajamento de empresas com stakeholders	Margarida Maria Krohling Kunsch	Vivian Paes Barreto Smith	Feminino
	Perfis de Comunicação Política nas Redes Sociais On-line: monitoramento e tipologia das conversações nas eleições presidenciais brasileiras de 2014 no cenário da internet	Heloiza Helena Matos e Nobre	Victor Kraide Corte Real	Masculino
	Total de Tese: 02			

## APÊNDICE II – Tabelas de Temáticas Primárias e Secundárias

ANO	TEMÁTICA PRINCIPAL	TEMÁTICA(S) SECUNDÁRIA(S)
2001	Sistema Autopoietico de Comunicação/ Comunicação Interpessoal/ Comunicação Pública-Política	Construção de Sentidos/ Comunicação Interna/ Relações Públicas e Cidadania
2002	Públicos/ Cultura Organizacional/ Comunicação Pública-política	Relacionamentos estratégicos/ Relacionamento com empregados/ Tecnologia Linguística
2003	Comunicação Excelente/ Planejamento de Eventos/ Marketing Cultural/ Funcionalismo Público	Relação Médico-paciente/ Marketing/ Consumo-Cultura/ Imposições Sistêmicas
2004	Ensino de Comunicação	Influência Estatal
2005	Segurança Cooperativa/ Valores Culturais Organizacionais/ Políticas Públicas/ Comunicação Pública/ Processos Políticos-eleitorais/ Imagem Corporativa	RPI/ Barreiras Culturais/ Imprensa e Participação Política/ Saúde do Idoso/ Tecnologias Informação e Comunicação/ Mensuração da Comunicação
2006	História Empresarial/ RPI América Latina/ Comunicação Pública Estatal/ Opinião Pública Cultura Organizacional	Memória Empresarial/ Excellece Study/ Cidadania/ Música Popular Brasileira/ Poder
2007	Governança Corporativa/ Economia da Comunhão	Princípios Organizacionais/ Comunicação Organizacional Integrada
2008	Empreendedorismo	Empreendedorismo em Comunicação
2009	Comunicação Interna/ Relações Públicas e Turismo	Ouvidoria Interna/ Relacionamento com Públicos

2010	Governança Corporativa	Política de Comunicação
2011	Comunicação Pública	Espaço Pública e Reputação
2012	Comunicação Pública/ Comunicação Interna/ Comunicação Interna/ Responsabilidade Social/	Sociedade Civil-Esfera Pública/ Oralidade-linguagem/ Sustentabilidade/ Sustentabilidade-Poder/
2013	<b>NÃO HOUVE DEFESA</b>	-----
2014	Sustentabilidade/ Comunicação Pública/ Reputação Organizacional	Planejamento Estratégico/ Memória Sócial/ Gestão
2015	Sustentabilidade/ Comunicação Política	Governança, Desenhos de Interação, Engajamento/ Capital Social

### APÊNDICE III – Procedimentos Metodológicos das Teses

<b>ANO</b>	<b>METODOLOGIA</b>
2015	Netnografia e Análise de Redes Sociais/ Exploratória-bibliográfica
2014	Fenomenologia-Concepção Classe- Discurso Sujeito Coletivo/ Análise Pragmática Narrativa/ Exploratória-descritiva-bibliográfica-documental
2013	NÃO HOUE DEFESA
2012	Hermenêutica em Profundidade/ Fenomenologia/ Fenomenologia/ Qualitativa-individual-profundidade
2011	Etnometodologia-analítico descritiva
2010	Bibliográfica-de campo
2009	Qualitativa-exploratória/ Qualitativa-bibliográfica-de campo
2008	Estudo Comparado
2007	Fenomenologia-estudo de caso / Bibliográfica-exploratória
2006	Bibliográfica-exploratória/ Hipotético-dedutivo-História Oral/ Exploratório-quantitativa-descritiva/ Qualitativo-quantitativo- de campo/ Quantitativa-descritiva/ Exploratória-Avaliativa
2005	Qualitativa-quantitativa- de triangulação/ Bibliográfica-documental/ Análise de conteúdo/ Bibliográfica-exploratória/ Pesquisa de campo/

2004	Estudo de Caso
2003	Exploratória-reflexiva/ Exploratória-qualitativa/ Qualitativa-bibliográfica-exploratória/ Qualitativa-exploratória-descritiva
2002	Qualitativa-de campo/ Bibliográfica Abdução-estruturalista/
2001	Bibliográfica-qualitativa-de campo/ Exploratório-de campo/ Interpretativa-crítica